

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA

ANELISE VIEIRA DE LIMA

NARRATIVA DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DE TRÊS GERAÇÕES
FAMILIARES:
O ESPAÇO, O TRABALHO, O GÊNERO, A RAÇA NO MUNICÍPIO DE ESTAÇÃO/
RS

ERECHIM
2024

ANELISE VIEIRA DE LIMA

**NARRATIVA DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DE TRÊS GERAÇÕES
FAMILIARES:
O ESPAÇO, O TRABALHO, O GÊNERO, A RAÇA NO MUNICÍPIO DE ESTAÇÃO/
RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia/Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção de título em Geografia Licenciatura.

Orientadora: Prof^a Dra. Paula Lindo

**ERECHIM
2024**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lima, Anelise Vieira de
NARRATIVA DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DE TRÊS GERAÇÕES
FAMILIARES: O ESPAÇO, O TRABALHO, O GÊNERO, A RAÇA NO
MUNICÍPIO DE ESTAÇÃO/ RS / Anelise Vieira de Lima. --
2024.

120 f.:il.

Orientadora: Doutora Paula Lindo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Erechim, RS, 2024.

I. Lindo, Paula, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANELISE VIEIRA DE LIMA

**NARRATIVA DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DE TRÊS GERAÇÕES
FAMILIAR:**

**O ESPAÇO, O TRABALHO, O GÊNERO, A RAÇA NO MUNICÍPIO DE ESTAÇÃO/
RS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 02/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **PAULA VANESSA DE FARIA LINDO**
Data: 09/07/2024 19:33:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Paula Lindo – UFFS

Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **TALITA FERNANDES GONCALVES**
Data: 09/07/2024 19:45:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Talita Fernandes Gonçalves (Rede Privada de Ens/Doutoranda UFRGS)

Documento assinado digitalmente
 **DANIELE ROSA MONTEIRO**
Data: 10/07/2024 08:14:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Danieli Rosa Monteiro – UFFS

Avaliador

Dedico este trabalho a minha mãe Eliane,
minhas avós Noeli e Neuza Terezinha,
ao meu pai Alexandre,
aos meus irmãos Wellington e Yago,
ao meu avô José e
a minha amiga Camila.
Obrigada por não me deixarem desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por todo o carinho, amor e dedicação que sempre tiveram comigo.

Agradeço a minha mãe Eliane, por não medir esforços para me ver bem e alcançar meus objetivos, por sempre me incentivar a seguir os meus sonhos.

Agradeço ao meu pai Alexandre, por ter me incentivado desde muito nova a estudar e por ter me apresentado mesmo que de forma involuntária a Geografia, através de seus mapas de viagem.

Agradeço às minhas avós, Noeli e Neuza Terezinha, por me mostrarem que eu poderia alcançar um futuro melhor.

Agradeço ao meu avô José por ser um segundo pai, por me mostrar que não devemos desistir de lutar e esperar por um futuro melhor.

Agradeço aos meus irmãos Wellington e Yago por serem meus incentivos para continuar estudando.

Agradeço a minha amiga Camila por ser minha rede de apoio. Amo incondicionalmente vocês!

Agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul por abrir portas para a construção de um novo futuro, por ser um espaço de descobertas e de aprendizados. Ao curso de Geografia e a todos os docentes que o compõem. Ao Programa de Iniciação à Prática de Científica no qual tive a oportunidade de participar sob a orientação do professor Robson Olivino Paim (*in memória*) o qual trouxe muita inspiração aos meus trabalhos. Ao Programa Residência Pedagógica, onde tive a oportunidade de participar enquanto uma jovem estudante e trabalhadora, onde tive minhas práticas enquanto docente.

Agradeço a minha Prof. Dra Paula Vanessa de Faria Lindo pela orientação em todos os meus trabalhos que envolviam questões raciais, onde ela não mediu esforços para que eu alcançasse meus objetivos.

Agradeço aos meus amigos João e Jocieli pela parceria na faculdade.

Agradeço a geografia por ter encontrado essa dupla na qual partilhei saberes e histórias geográficas. Agradeço às minhas primas Lorhana, Joana, Mariana, Luana e Valentina pois vejo nelas um futuro brilhante de jovens mulheres negras.

Agradeço aos meus amigos Rocheli, Samuel e Giovani, Rhapael e Naiara por terem feito parte da minha trajetória na Universidade. A todos os lugares que conheci estando no curso de Geografia.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, investigar junto às gerações familiares, se mães, filhas e netas permanecem em empregos como o trabalho doméstico e o trabalho informal, dessa forma poderemos descobrir como o espaço, o gênero, raça e classe interferem na vida de mulheres negras, por meio da análise interseccional. O recorte espacial escolhido para este estudo foi o Loteamento Popular Aliança 1, situado no bairro Santana, em Estação/RS. Atualmente, o loteamento abriga 20 famílias negras, todas oriundas do Quilombo da Mormaça, em Sertão/RS. Por meio de entrevistas narrativas, revelamos o contexto de vida dessas moradoras, que inicialmente viviam à beira do trilho e mais tarde foram realocadas para o loteamento. Para a análise das entrevistas narrativas, utilizamos o método proposto por Paula, Bertolassi e Neto (2017). O objetivo principal é demonstrar a função das entrevistas narrativas, que permitem aprofundar a compreensão não apenas do conteúdo verbalizado, mas também de elementos paralinguísticos, como o tom de voz, as pausas e as variações na entonação. Esses aspectos são considerados fundamentais para a interpretação das nuances implícitas e fornecem uma base mais rica para a análise. Para explorar os conceitos de história de vida e de narrativas, vamos nos aprofundar nos estudos de Scherto et al. (2015), onde os autores contextualiza que "na pesquisa social, os enfoques de história de vida e de narrativa têm raízes comuns no conceito de narrativa ou relato." A metodologia adotada para este trabalho foi o estudo de caso, uma vez que se faz necessário descrever o contexto no qual a investigação é conduzida, e de abordagem qualitativa. Para obter respostas para esta problemática, buscamos bibliográficas nas áreas de Geografias Negras Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, interseccionalidade Collins e Bilge (2021) e também sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira Gonzales (2020), Nascimento (2021), Carneiro (2002). Silva e Tédde (2019) ressaltam o trabalho doméstico de mulheres negras. A importância de discutir este tema se encontra na ausência de mulheres negras ocupando lugares em nossa sociedade tanto no público quanto no privado. Como resultado da investigação, as entrevistas revelaram que muitas dessas mulheres continuam em empregos informais devido às barreiras estruturais e sociais. A partir disso destacamos que gênero e raça são fatores que influenciam as oportunidades de emprego para mulheres negras, facilitando ou limitando seu acesso a diversas vagas.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Geografias Negras; Interseccionalidade; Trabalho

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar si madres, hijas y nietas permanecen en trabajos como el trabajo doméstico y el trabajo informal a lo largo de las generaciones familiares, para así descubrir cómo el espacio, el género, la raza y la clase interfieren en la vida de las mujeres negras mediante el análisis interseccional. El recorte espacial elegido para este estudio es el Loteamiento Popular Aliança 1, ubicado en el barrio Santana, Estação/RS. Actualmente, el loteamiento alberga a 20 familias negras, todas originarias del Quilombo da Mormaça en Sertão/RS. A través de entrevistas narrativas, revelamos el contexto de vida de estas residentes, quienes inicialmente vivían cerca del ferrocarril y más tarde fueron reubicadas en el loteamiento. Para el análisis de las entrevistas narrativas, empleamos el método propuesto por Paula, Bertolassi y Neto (2017). El objetivo principal es demostrar la función de las entrevistas narrativas, que permiten profundizar la comprensión no solo del contenido verbalizado, sino también de elementos paralingüísticos como el tono de voz, las pausas y las variaciones en la entonación. Estos aspectos se consideran fundamentales para la interpretación de matices implícitos y proporcionan una base más rica para el análisis. Para explorar los conceptos de historia de vida y narrativas, nos adentramos en los estudios de Scherto et al. (2015), donde los autores contextualizan que "en la investigación social, los enfoques de historia de vida y narrativa tienen raíces comunes en el concepto de narrativa o relato." La metodología adoptada para este trabajo fue el estudio de caso, dado que es necesario describir el contexto en el cual se realiza la investigación, con un enfoque cualitativo. Para abordar esta problemática, consultamos literatura en áreas como Geografías Negras Cirqueira, Guimarães, Souza (2020), interseccionalidad Collins y Bilge (2021), y también sobre el rol de la mujer negra en la sociedad brasileña Gonzales (2020), Nascimento (2021), Carneiro (2002). Silva y Tédde (2019) destacan el trabajo doméstico de las mujeres negras. La importancia de discutir este tema radica en la ausencia de mujeres negras ocupando posiciones tanto en el ámbito público como en el privado de nuestra sociedad. Como resultado de la investigación, las entrevistas revelaron que muchas de estas mujeres continúan en empleos informales debido a barreras estructurales y sociales. A partir de esto, destacamos que el género y la raza son factores que influyen en las oportunidades laborales para las mujeres negras, facilitando o limitando su acceso a diversas posiciones.

Palabras clave: Mujeres Negras; Geografías Negras; Interseccionalidad; Trabajo

SUMÁRIO

Introdução	p. 11
Capítulo 1 - DESNATURALIZANDO O PAPEL ATRIBUÍDO ÀS MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA: TRABALHO, EDUCAÇÃO, BELEZA E INTELECTUALIDADE	p. 17
Capítulo 2 - GEOGRAFIA E INTERSECCIONALIDADE COMO UMA FERRAMENTA DE COMPREENSÃO PARA O TRABALHO DOMÉSTICO DE MULHERES NEGRAS	p. 34
2.1 A perspectiva espacial da interseccionalidade: território, territorialização e territorialidade	p. 45
Capítulo 3 - COMO VIVEM AS MULHERES NEGRAS DAS TRÊS GERAÇÕES FAMILIAR DO LOTEAMENTO POPULAR ALIANÇA 1	p.53
3.1 - O loteamento pela perspectiva das entrevistadas	p. 58
Capítulo 4 - IMPACTO DAS INTERSECCIONALIDADES DE RAÇA, GÊNERO, IDADE, ESPAÇO E RENDA NAS PRÁTICAS DE TRABALHO DOMÉSTICO E INFORMAL DAS MULHERES NEGRAS" EM ANDAMENTO	p. 70
4.1 Interseccionalidade do Trabalho do Doméstico e informal: Narrativas de sete Mulheres Negras Moradoras do Loteamento Popular Aliança 1 em Estação/RS.	p. 70
4.2 Perfil das entrevistadas - Bloco 1	p. 72
4.3 A rotina da casa - Bloco 2	p. 73
4.4 Trabalho - Bloco 3	p. 75
4.5 Educação - Bloco 4	p. 80
4.6 Lugar - Bloco 5	p. 84
4.7 Esperança e perspectiva futura das mulheres	p. 98

Conclusão	p. 102
Referências Bibliográficas	p.108
Apêndice A - Perguntas orientadoras para entrevista	p. 111
Apêndice B - Termo de esclarecimento para as entrevistadas	p. 114
Apêndice C - Termo de esclarecimento para Secretário Municipal	p. 115
Anexo 1 - Percorso metodológico das entrevistadas	p. 116

INTRODUÇÃO

O impulso para esta pesquisa tem origem em minha vivência pessoal. Desde os 16 anos, trabalhei como empregada doméstica e lembro até hoje da minha alegria em conseguir o primeiro emprego, mesmo com um salário muito baixo, mas muito feliz pela tal oportunidade. Como mulher negra, sempre tive sonhos, como ter um trabalho com condições melhores do que sempre me foi ofertado, como limpar a casa dos outros, cuidar de criança, lavar roupas e calçados. Oportunidade como essas me eram negadas na cidade em que morei desde que nasci ali, sempre percebi que não teria oportunidades nem de trabalhar em um mercado, como caixa ou como faxineira.

Desde que comecei no mundo do trabalho, percebi que pessoas negras, por mais que fossem a minoria na cidade onde morei, nunca estavam presentes no comércio, sendo sempre relegadas aos cargos mais baixos. Homens negros e mulheres negras trabalharam em frigoríficos, serventes de pedreiro, empregadas domésticas e babás .

Essa experiência do trabalho doméstico se estendeu à minha mãe e à minha avó, ambas também envolvidas nesse trabalho ao longo de suas vidas. Quando pequena, lembro de acompanhar minha mãe limpando casas e apartamentos. Recordo dela me falando para ter cuidado para não quebrar os copos que eu a ajudava a secar. Minha mãe sempre me contou como foi a experiência de trabalhar para outras pessoas e das humilhações que já sofreu, como a dona da casa a fazia esfregar os azulejos com escova de dente ou lavar calçadas dos prédios com gente passando a todo momento. Ela me contou que sentia vergonha, mas precisava trabalhar, pois precisava do dinheiro.

Lembro também de acompanhar minha avó quando ela ia cuidar de uma senhora à noite. Na hora do café, ela me falava que eu teria que comer até os farelinhos de pão, pois a dona da casa não deixava que sobrasse nada. É doloroso para mim escrever sobre essas lembranças de trabalho que minha mãe e minha avó enfrentaram, pois eu também partilho um pouco dessa dor. Sentia vergonha de limpar os vidros do apartamento enquanto minhas colegas de escola se divertiam no apartamento de baixo. Na época era minha única oportunidade de emprego, mas eu também sei que não deixei de buscar outro tipo de emprego e que as oportunidades me foram negadas.

Além disso, a motivação para este estudo foi alimentada por uma série de leituras que despertaram o interesse pela investigação das experiências das mulheres negras. Durante o percurso acadêmico, em uma disciplina optativa em 2020 durante a pandemia, tive a

oportunidade de elaborar um projeto para o meu município de origem. Isso me permitiu voltar meu olhar para minha cidade e o loteamento Aliança 1, onde, como Geógrafa, pude observar a segregação socioespacial existente no bairro.

Além disso, sempre busquei trazer debates e realizar trabalhos sobre questões raciais, na Universidade. Esta oportunidade não me foi negada, apesar de alguns embates e críticas com docentes na hora de escolher meu tema de pesquisa para o TCC. Segundo um professor, eu queria pesquisar muitas coisas, e o trabalho doméstico não era considerado trabalho para ele. No entanto, minha carteira de trabalho estava assinada como empregada doméstica.

Depois de muita pesquisa e ao pedir ajuda a outros professores, ao final da minha apresentação do projeto, recebi parabéns, e o tal professor, ainda mencionou que não esperava tamanha organização. O enfoque nas questões raciais naturalmente conduziu à pesquisa desde meu primeiro artigo sobre o feminismo negro na primeira fase do curso. Em seguida, veio o projeto realizado em uma disciplina optativa para buscar melhorias ao loteamento popular. Todos esses passos contribuíram para meu trabalho, cujo objetivo é investigar e responder à pergunta: **as três gerações de mulheres negras, incluindo mães, filhas e netas, compartilharam vivências no âmbito do trabalho doméstico?**

Trago a obra da autora Guimarães (2020) como exemplo, na qual ela conta sua história pessoal e aborda as **Geografia Negras**, destacando a carga emocional de ter perdido sua mãe durante sua jornada acadêmica. A autora menciona que, não tinha referências na geografia como mulher negra, então buscou em suas memórias pessoais essas referências.

Para ela, a Geografia só teria sentido se recordasse de suas heranças ancestrais e recordações de afeto, alcançando o entendimento espacial a partir do seu lugar de origem. E isso retrata um pouco sobre minha história, a falta de referências, de autores negros, me fez construir este trabalho, pois me influenciei em minha experiência pessoal para que fizesse sentido para mim.

Este estudo propõe uma análise sobre a posição da mulher negra na sociedade brasileira, promovendo uma reinterpretação dos papéis historicamente atribuídos a essas mulheres desde os tempos da escravidão, com foco particular na esfera do trabalho doméstico. A pesquisa emprega entrevistas conduzidas junto a mulheres afrodescendentes residentes em um loteamento popular na cidade de Estação, RS, visando investigar se, ao longo de suas trajetórias de vida, mães, filhas e netas passaram pelo trabalho doméstico.

Além disso, entendemos que a pesquisa busca contribuir para o plano acadêmico, trazendo novos resultados sobre o trabalho que mulheres negras exercem e estão inseridas, em um município próximo a Erechim. Acredita-se que o trabalho também irá contribuir para a

vida destas mulheres negras do loteamento habitacional, para que pensem, enquanto mulheres negras o seu lugar na sociedade, como moradoras do loteamento, para que percebam o seu valor na cidade em que vivem.

No plano prático, considera-se que a pesquisa poderá fornecer subsídios para elaboração de ações para minimizar os problemas sociais, seja por meio de elaboração de políticas públicas ou da organização de movimentos.

Ao optar por apresentar a história do povo negro no Brasil, é necessário considerar os obstáculos de tal iniciativa. Apesar de apresentar uma dificuldade inicial, com a elaboração de uma estrutura apropriada e de conceitos não somente na qualidade do estudo por si só, mais diretamente, na aplicação de conceitos que saem em direção daqueles que foram generalizados pelo poder ocidental. (Nascimento, 2021 p. 53).

Utilizando a narrativa como metodologia de investigação, o trabalho procura dar voz à história de vida de mulheres negras do loteamento popular, solicitando-lhes autonarrativas e reflexões sobre suas respectivas trajetórias de vida em relação aos trabalhos que tiveram. A pesquisa objetivou verificar, junto às gerações de mulheres, se as filhas e netas permanecem em empregos informais como as avós. Dessa forma, poderemos descobrir o porquê das (in)permanências, por meio da análise interseccional.

Diante disso realizamos uma entrevista junto com o secretário municipal de desenvolvimento econômico, com perguntas sobre a inserção do loteamento e seu ano de implementação, como foi realizado o processo e quais foram os critérios para os moradores terem direito às residências. Quais as políticas públicas às quais os moradores têm acesso.

O recorte espacial selecionado para este trabalho foi o loteamento Popular Aliança 1, localizado no bairro Santana, em Estação/RS. Criado aproximadamente entre os anos de 1990/1991, o loteamento foi implementado para famílias que viviam à beira do trilho. Na primeira gestão do Prefeito Guido Comim, o loteamento foi construído a partir dos recursos do próprio município de um fundo perdido, do Governo Federal.

O município tinha 5.582 habitantes em 2022 (IBGE, 2024). Segundo o *site* do IBGE (CENSO, 2010) 13,60% (131 hab.) moradores do bairro pesquisado são negros e 86,40% (832 hab.) são brancos, ou seja, os moradores negros do Bairro Santana são minoria. Inicialmente, optei por explorar esse bairro para um trabalho de campo na disciplina de Tópicos Especiais em Geografia. Foi uma oportunidade para imergir no estudo do loteamento, projetar melhorias para as residências dos moradores e, nesse processo, constatar a segregação que o bairro enfrentava em relação aos demais na cidade.

Ficou evidente a ausência de áreas de lazer, a disposição compacta das casas sem espaços externos e a construção em madeira, em contraste com a estrutura de alvenaria dos outros bairros, situados mais próximos dos principais pontos de referência do centro da cidade, como posto de saúde, mercados e áreas de recreação. Além disso, minha conexão pessoal com algumas mulheres residentes no loteamento, devido ao laço familiar com o Quilombo da Mormaça em Sertão, RS, onde meus avós viveram, despertou meu interesse. Esse vínculo prévio proporcionou uma visão mais íntima das histórias e da realidade enfrentada por essas famílias, marcada em grande parte por empregos informais.

Ademais, por ser um município localizado na Região Imediata de Erechim e apresentar uma proporção reduzida de residentes autodeclarados negros, conforme indicado pelo IBGE (CENSO, 2010), registram-se 239 moradores negros em comparação com 5.242 autodeclarados brancos. A análise desse censo revela que os moradores autodeclarados negros constituem uma minoria na cidade, sendo sua maioria concentrada no bairro Santana. Atualmente, o loteamento habitacional possui 20 famílias negras, tem apenas uma via de acesso, falta espaço público coletivo para lazer, representando um local de evidente diferenciação socioespacial e desigualdades em relação ao contexto da cidade.

Esta pesquisa iniciou-se em 2022, através de pesquisas bibliográficas, com levantamento em artigos e livros e matérias concentrados na área da “História de vida”, “Interseccionalidade”, “Mulheres negras” e “Trabalho doméstico”. Assim, para o entendimento do conceito de interseccionalidade como instrumento para analisar, pesquisar e compreender a dimensão das vivências e experiências das mulheres negras do loteamento popular Aliança 1, chegando ao processo de exclusão, marcados pela violência, o racismo e as injustiças sociais, contamos com as autoras Collins e Bilge (2020) e Akotirene(2020) que discorrem sobre a interseccionalidade. Para compreendermos o lugar da mulher negra na sociedade brasileira, contamos com as autoras Gonzalez (2020), Nascimento (2021), Carneiro (2002) que também referem-se sobre os critérios raciais. Silva e Tédde (2019) ressaltam o trabalho doméstico de mulheres negras. Para compreendermos os estudos de Geografia e interseccionalidade utilizamos os/as autores/as Souza (2007), Cirqueira, Guimarães e Souza, traz em sua pesquisa estudos sobre, gênero, raça e espaço na Geografia.

Para a análise das entrevistas narrativas, utilizamos o método proposto por Paula, Bertolassi e Neto (2017). O objetivo principal é demonstrar a função das entrevistas narrativas, na qual permitem aprofundar a compreensão não apenas do conteúdo verbalizado, mas também de elementos paralinguísticos, como o tom de voz, pausas e variações na entonação. Estes aspectos são considerados fundamentais para a interpretação das nuances

implícitas e fornecem uma base mais rica para a análise do pesquisador. (Muylaert *et al* 2014, Paula; Bertolossi; Neto, p. 10)

Para as autoras, a narrativa pode ser vista como ideais ou interpretações de uma história em que não se deve julgar como um relato autêntico ou incorreto, que não possibilita sua confirmação visto que são descritas por apresentar a verdade a respeito de uma perspectiva em sua condição de tempo e espaço. (Muylaer *et al* 2014 citado por Paula; Bertolossi; Neto, p. 10)

Portanto as narrativas se definem como:

[...] “o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situações de entrevistas.” Já as entrevistas narrativas são técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas após a captação e a transcrição dos dados. Muylaert et al. (2014, apud LIRA (2003). O objetivo das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do informante, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes. Muylaert et al. (2014, apud JOVCHELOVICH, (2002). (Muylaer et al 2014 citado por Paula; Bertolossi; Neto, p. 10)

Além disso, este estudo demonstra que, por meio da análise das narrativas, é possível identificar sentimentos, questões e concepções relacionadas ao tema em estudo, uma vez que as narrativas capturam a ordenação temporal dos acontecimentos. Diante disso, nesta pesquisa, pretendemos captar os sentimentos das mulheres em relação ao lugar onde vivem, bem como suas experiências enquanto mulheres negras, ex-moradoras de um Quilombo, realocadas para um loteamento popular.

CAPÍTULO 1- DESNATURALIZANDO O PAPEL ATRIBUÍDO ÀS MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA: TRABALHO, EDUCAÇÃO, BELEZA E INTELECTUALIDADE

A geografia como um campo do conhecimento abrange diferentes temas, ela oferece uma lente única para compreender as experiências das mulheres negras. Ressaltamos a importância de estudar o espaço, pois ele serve para entendermos o contexto racial em nosso país. (Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, p 6) Estamos convictos que a geografia é uma ciência do poder. (Raffestin 1993 citado por Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, p. 4) Os autores apontam a importância de estudar o espaço para a compreensão do poder, destacando que por muito tempo esta ferramenta foi usada para dominação do território por estados nacionais e militares. (Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, p 4)

Os autores evidenciam que o conceito “Geografia Negra” (Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, p 6) retrata as perspectivas de visões políticas do ativismo negro acadêmico no final das décadas de 1970 e 1980.

Os autores discorrem sobre as geografias negras e de onde vem o tema:

Ainda que os nossos consortes do Norte venham desde os anos 2000 utilizando o termo “Black Geographies”, a ideia de Geografia Negra, como estamos utilizando aqui, está conectada também as visões políticas dos ativistas do “movimento negro de base acadêmica” (RATTS, 2009) do final dos anos de 1970 e dos 80. (Ratts, 2009 citado por Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, p.6)

Desta forma, podemos pensar adentrar no conceito de raça, na contemporaneidade ela tem um passado descoberto antes da América, pois a raça foi inventada pelo branco para se ter uma dominação sobre estes corpos. Pois o branco europeu criou a ideia de raça entre conquistadores e conquistados. (Lander, 2005, p 107)

O autor discorre sobre o raça e identidade racial:

[...] a formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras [...], raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (Lander, 2005, p 107)

Lander (2005, p. 107-108) retrata também que na América este conceito de raça foi uma forma de atribuir plausibilidade nas relações de poder, pois:

A posterior constituição da Europa como nova entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela a elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial.

Desta forma é importante trazer o conceito de que raça foi algo criado pelos Americanos para se ter uma dominação entre negros, indígenas e mulheres. E no campo da geografia estes corpos foram tomados como objetos “não como pontos de vista que questionavam as visões hegemônicas da Geografia” (Cirqueira; Guimarães; Souza, 2005, p. 5)

Destacamos também que a Geografia tem sido criticada por sua falha em estabelecer uma compreensão crítica da racialização, pois:

[...] manteve-se uma crença implícita nas diferenças fundamentais que a raça criou e a Geografia falhou em estabelecer uma compreensão crítica sobre as conseqüências humanas da racialização: a desigualdade, pobreza, degradação, negação dos direitos humanos e da dignidade, apagamento ou exotização das culturas etc. A raça, assim, permaneceu dissimulada e codificada na epistemologia geográfica. (Cirqueira, Guimarães, Souza 2020, p. 5)

Destacamos aqui alguns autores que focaram no branqueamento da população brasileira:

Por exemplo, Delgado de Carvalho (1927) e Everardo Backheuser (1926-1927), os fundadores da “geografia moderna” no Brasil, ingressaram nos debates sobre o futuro da nação nos anos de 1920 e estabeleceram várias leituras sobre a composição racial e a natureza do “povo brasileiro”. Ambos os autores encamparam o projeto de branqueamento da população brasileira, muito em voga entre cientistas e políticos no período. Dentre os autores europeus que trabalharam na fundação das Faculdades de Geografia em São Paulo e no Rio de Janeiro na década de 1930, autores como Leo Waibel (1949) e Pierre Deffontaines (1945) estabeleceram interpretações sobre a assimilação e reprodução da população branca-europeiana nos trópicos brasileiros. E, por fim, geógrafos como Aroldo de Azevedo (1975; 1975[1969]) e Luiz Melo Rodrigues (1970), na década de 1970, desenvolveram uma série de leituras sobre a formação da população brasileira que, de forma paradoxal, enfatizavam a ideia de mestiçagem como aspecto característico e positivo do povo brasileiro, enquanto reproduziam leituras estereotipadas sobre os “tipos raciais” brasileiros baseados na ciência racialista do séc. XIX. (Cirqueira; Guimarães; Souza 2020, p. 5)

A geografia permite não apenas analisar os aspectos físicos, mas também as dinâmicas sociais, econômicas e políticas que moldam a vida de mulheres negras. Para isso, destacamos a relevância demonstrar “ [...] como o espaço é uma "instância" importante para compreensão das relações étnicas e raciais no contexto brasileiro e diaspórico.”(Cirqueira; Guimarães; Souza 2020, p. 6)

A geografia analisa como o lugar afeta as pessoas, e isso é fundamental para entender como as mulheres negras são influenciadas pelo lugar onde vivem, incluindo acesso a recursos, infraestrutura, lazer e serviços. Segundo Guimarães, Alves, Silva e Miranda (2023, p. 2) “[...] ao pensarmos que as catástrofes, as mazelas, as doenças e a pobreza são designadas exclusivamente para a África e para a diáspora africana no mundo, inviabilizam outras histórias e geografias que nunca foram pesquisadas e conhecidas.” Falar da Mulher Negra em um estudo geográfico, significa revelar o que? Diversidade, desigualdades, identidades complexas e multifacetadas que resultam de diversas vivências socioespaciais?

Outro aspecto fundamental que o campo da Geografia promove é o mapeamento das desigualdades sociais, como a distribuição desigual de renda, a falta de acesso à educação e a saúde, a segregação da habitação, adotando uma análise interseccional ao investigar a inserção de gênero, raça e classe e outros fatores de identidade. Isso é essencial para entender as práticas inerentes das mulheres negras em distintos âmbitos geográficos

Mulheres negras sentem todos os dias o peso de uma sociedade machista, que as diminui, quando se é mulher e negra, os lugares são determinados de uma forma mais limitada, além disso as mulheres negras representam o último lugar na escala social. É de extrema importância que mulheres pensem em seus espaços sociais, pois em uma sociedade patriarcal, racista e misógina acabam por determinar alguns papéis, não só o de gênero, mas papéis sociais para alguns sujeitos. (Asa Brasil, 2022)

Para pensarmos o lugar da mulher negra na sociedade brasileira, a autora Lélia Gonzalez (2020) contextualiza o papel da mulher negra em nossa sociedade, desde o período escravocrata, retratando sua função na casa grande como mucama e ama de leite, como mulher negra escravizada, retratando a sua importância com o cuidado com os filhos dos senhores, com respeito e generosidade e desta forma podemos perceber a importância da mulher negra na sociedade brasileira.

A interrupção no modo de dominação nas conexões de poder na sociedade brasileira, fazem com que a mulher passe a realizar funções como doméstica, que ocupem cargos comuns nas indústrias, nas áreas urbanas e que continuem como trabalhadoras no meio rural. (Nascimento, 2021, p. 58)

Segundo Nascimento (2021, p. 58)

a mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, desse modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A herança escravocrata sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra.

Nascimento (2021, p. 57) ressalta que o processo de escolha para determinados cargos passa pela seleção racial e que de certo modo afeta a contratação de mulheres negras ao mercado de trabalho:

O critério racial constitui um desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. O efeito continuado da discriminação praticada pelo branco tem também como consequência a internalização, pelo grupo negro, dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. Assim, os negros ocupam aqueles lugares na hierarquia social, desobrigando-se de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara, dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e privilégio racial.

Abordar temas como o gênero e raça exige ousadia, em um país como é exemplo do nosso, onde existe a suposta democracia racial, retratar a desigualdade entre mulheres negras e brancas, pode ser considerado como insignificante. Souza (2007, p 14) destaca que “[...] estudar tais desigualdades é apreender a voz de tantas mulheres negras que jamais ousaram colocar-se como protagonistas de uma história em que sempre foram consideradas inferiores, reproduzida sem o menor remorso por parte de seus locutores” .

Ao pensarmos o papel das mulheres negras em nossa sociedade, ao passar pelo período escravocrata até os dias atuais, na casa grande servia como mucama com as tarefas de lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças brancas, ainda assim, eram vítimas de abusos sexuais, vítimas de torturas das sinhás ciumentas, e mesmo depois de realizar o trabalho na casa grande, precisavam cuidar se seus próprios filhos e companheiros que chegavam das plantações. (Gonzalez, 2020, p 53)

No período escravocrata, mulheres negras passavam por dificuldades pela sua falta de força, em trabalhos lucrativos. As autoras destacam que:

Na venda, um escravo homem valia muito mais que uma mulher ou criança. Dessa forma, ser mulher representava para as escravas sofrimentos que iam muito além dos vividos pelos homens negros (GIACOMINI, 1988). Chegou-se ao século XXI, com um modelo de sociedade brasileira marcada por diversos tipos de preconceitos e discriminações agravados no contexto das mulheres negras (Zucolotto; Cocco; Ruviaro, 2019, p 3)

Em nosso país, o serviço doméstico é uma ocupação realizada por mulheres negras, sobretudo por mulheres criadas em famílias de baixa renda.

Essa afirmação soaria coloquial não apenas em função da banalização que se faz da presença das mulheres no serviço doméstico, mas também pelo racismo estrutural que, em alguma medida, aprisiona os corpos de mulheres negras nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa grande durante o período de escravização. (Pinheiro *et al.*, 2019)

Como aponta Botosso (2021, p. 22) o racismo estrutural:

O racismo estrutural afeta os principais componentes da história moderna, majoritariamente afrodescendentes e indígenas. Desde a economia mundial capitalista, a superexploração, causa uma marginalização econômica das populações racializadas negativamente na América Latina. Além de desvalorizar as memórias e saberes (variedade epistêmica do racismo), as diversas formas de violência racial – desde a escravidão que foi um dos maiores holocaustos da herança moderna- até situações de violência racial urbana que afetam os afrodescendentes do continente americano, principalmente aos jovens;

Além do racismo estrutural que contribui para exclusão de pessoas negra em nossa sociedade, Silvio Almeida (2019, p.31) aborda o tema do racismo institucional, presente em nossa sociedade, afeta as pessoas negras. As instituições estabelecem os critérios para criar e manter a ordem social. O autor Silvio Almeida explica que "falar de racismo institucional significa reconhecer que a imposição de regras e padrões racistas pelas instituições está, de certa forma, ligada à ordem social que elas procuram manter" (Almeida, 2019, p. 31).

De acordo com o autor, embora seguindo a frase da qual “o lugar da mulher é onde ela quiser” no qual faz-se visível em locais menos divididos e distintos, no que se refere a raça, porém ainda existem desafios, que por um lado, impedem a saída de outros espaços, como é a relação com o trabalho doméstico. Ainda que mulheres estas mulheres pretendam sair da profissão de domésticas, constantemente há uma possibilidade de regressarem a estes serviços.

A autora descreve que, o serviço da mulher negra escravizada, estava associado com o dever na casa grande, exercendo a função de mucama ou ama de leite. Da mesma forma chamada de mãe preta ou bá, simbolizando uma figura de generosidade e respeito com os filhos dos senhores. Sendo a representação da mãe preta que motivou a etnia principal, pois era a mulher negra que tomava conta dos filhos dos senhores e repassava a língua africana e a cultura de seus povos. (Souza 2007 p. 30)

Geralmente mulheres negras eram consideradas aptas para desenvolver qualquer atividade, a não ser que recebessem o papel de parir e cuidar dos filhos atribuídas como amas de leite, que assim

Angela Davis discorre sobre a feminilidade das mulheres negras (2016, p. 20)

[...] mulheres negras enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como “sexo frágil” ou “donas de casa”, os homens negros não podiam aspirar à função de “chefes de família”, muito menos à de “provedores da família”. Afinal, homens, mulheres e crianças eram igualmente “provedores” para a classe proprietária de mão de obra escrava.

A autora Lélia Gonzalez (2020, p 53) destaca, que o papel de mucama atribuído à mulher negra, originou a imagem da mãe preta, a mulher que cuidou e educou os filhos dos senhores, contando histórias do folclore brasileiro, e desta forma reconhecemos a importância das mulheres negras na sociedade Brasileira, desde o período escravocrata até contemporaneidade.

Neste contexto podemos analisar as atribuições que mulheres negras realizam em nossa sociedade, e o fardo que carregam pelo quesito de gênero, raça e classe e ainda sofrendo com a divisão racial e sexual do trabalho. Gonzalez (2020, p 62) enfatiza sobre o papel da mulher negra:

Pelo exposto, talvez se conclua que a mulher negra desempenha um papel altamente negativo na sociedade brasileira dos dias de hoje, dado o tipo de imagem que lhe é atribuído ou dadas as formas de superexploração e alienação a que está submetida. Mas há que se colocar, dialeticamente, as estratégias de que ela se utiliza para sobreviver e resistir e numa formação social capitalista e racista como a nossa.

Gonzalez (2020, p 57) contextualiza o período de 1950 aos dias atuais, sobre o aumento dos diversos setores industriais e o crescimento da urbanização, e com a ampliação, a indústria têxtil onde muitas mulheres trabalhavam, enfraqueceu. Em vista disso, a mulher negra perdeu muito na posição de operária, mesmo que tenha tentado entrar em outros espaços da fábrica de alimentos ou de roupas, onde seriam também a minoria.

A autora Beatriz Nascimento (2021, p. 57) ressalta que em uma sociedade como é o exemplo da nossa, na qual o sistema econômico determina locais na organização de classes, há meios para escolher indivíduos que irão ocupar tais espaços. A acomodação, de naturalizar as desigualdades, resulta em definir o lugar da mulher negra em nossa sociedade.

A naturalização das diferenças acaba por determinar uma posição indigente à mulher negra em nosso país e, o que não se leva em conta, é o fato de a questão da mulher negra

oferecer uma possibilidade de redefinição das questões de gênero, pela síntese que ser mulher negra atua enquanto elemento que agrega as condições de raça, classe e gênero (Carneiro, 2002)

A autora aborda o tema da seleção racial na contratação de empregos, descrevendo que este critério oferece mais oportunidades na indústria para as mulheres brancas ou "morenas" do que para as mulheres negras. Portas foram abertas em trabalhos burocráticos de níveis mais baixos para o grupo feminino, como por exemplo prestar serviços em escritórios ou bancos, onde tais funções requerem níveis mais altos de escolaridade, onde a maioria das mulheres negras têm baixo nível de escolarização, razões foram inventadas e que provam a discriminação, em que para se trabalhar com o público requer ter educação e um belo visual. (González, 2020, p 57)

Características do corpo são ligados a cultura e sofrem com a marginalização, no que reflete a uma tática para retirar o povo negro de uma melhor condição de vida, assim destacando que está é uma das maneiras do racismo se preservar, pois o racismo modifica as desigualdades registrados no corpo negro destacando a subalternização. Nisto são determinados os padrões de beleza, por se ter um belo corpo, um belo sorriso, cabelos lisos, por ser bonito ou por ser feio. (Souza, 2007)

Beatriz Nascimento (2021, p. 60) enfatiza que “[...] a mulher negra ainda não teve acesso suficiente a educação para qualificar-se para [...] empregos burocráticos”. Pois ela passa a ser um requisito na contratação de empregos, nota-se que homens negros e mulheres negras não estariam qualificados a exercer os melhores cargos e receber os melhores salários. (Nascimento, 2021)

Apesar de o mercado de trabalho favorecer a mão de obra feminina em funções que demandam grau na educação, mulheres negras estão fora destas vagas, primeiramente por não conseguirem seguir na escola e segundo por não responderem às exigências das instituições trabalhistas de ter uma bela aparência. (Souza, 2007, p 31)

Gonzalez (1982 citado por Souza 2007, p 31) realiza estudos sobre condições do mercado de trabalho em 1980 descrevendo que “nos anúncios de jornais voltados para a oferta de emprego, surgem expressões tais que “boa aparência”, “ótima aparência” etc. que, de fato, se referia também à não apresentação de candidatas negras”.

Bandeira e Batista, (2002 citado por Souza 2007, p.37) retrata as exigências do mercado de trabalho, assim, exigindo beleza, ter boa estatura, ser magra, cabelo liso, ter um belo sorriso, compostura, e ser branca. Todo este padrão requerido de mulheres brancas também é explicado pela autora, pelo cabelo liso estar ligado de maneira histórica e no

presente por um grupo de dominação racial está ligado às mulheres negras onde não são vistas porque não são belas. Onde seus cabelos sempre foram alvo de brincadeiras, associados a palha de aço, cascos, suas tranças comparadas a novelos de lã, as respostas usadas por usarem seus cabelos naturais, o cabelo negro é captado como assustador. (Hooks, 2025 citado por Souza, 2007, p 39)

Pela ação do movimento de mulheres negras e pelo movimento negro esse requisito não encontra-se nos anúncios atualmente posto que:

[...] os critérios subjetivos para a admissão em um determinado emprego perpassem por aspectos raciais e de gênero. Como ratifica Gomes (2006), o mercado de trabalho encontrou formas mais sutis para discriminar, como por exemplo, a exigência de um determinado penteado em detrimento de outro. (Souza, 2020 p 31)

De acordo com Gonzalez (2020, p. 57) são altos os casos de rejeição, a autora cita como exemplo casos em que multinacionais “possuem como código de discriminação a sigla CR, “colored”, colocada nos testes de admissão de candidatas negras para cargos mais elevados como de secretária bilíngue [...]”

Conforme retrata Gonzalez (2020, p 159) sobre os obstáculos que mulheres negras enfrentam ao conseguir emprego em serviços de nível médio, os que necessitam comunicação com o público, a autora destaca os anúncios para determinados empregos, que indicam bom visual, onde isso ressalta que a candidata solicitada para a vaga de trabalho deveria ser da classe e do grupo dominante.

Conforme destaca Souza (2007, p. 35) a estética é uma produção cultural da maneira de olhar para as relações e não as relações por si só, no qual passam pensamentos racistas e sexistas. Em concordância Inocêncio (1999 citado por Souza, 2007, p 35) destaca que para o autor a estética “[...] desempenha um papel modelador das sociedades multirraciais em articulação com o racismo e, a partir desta, polariza o ruim e o bom, o liso e o crespo, o feio e o bonito”

A autora destaca:

Um exemplo mais contundente sobre a relevância da estética na dinâmica das relações sociais são as piadas, os comentários pejorativos sobre os sinais diacríticos do(a) negro(a) como o cabelo, a cor da pele, o nariz ou o corpo, dentre outros. Não estamos isentos(as) de presenciar no cotidiano associações do cabelo crespo com distúrbios mentais, sujeira, tratado com escárnio e espanto. (Souza, 2007, p 35)

Em nosso país mulheres negras não se encaixam no padrão central da beleza, onde fica evidente em nossa sociedade a exaltação sobre a mulher branca, pois ela possui traços de

beleza, como cabelo liso, sendo alta, magra, onde ainda é perceptível seu ganho e independência na contemporaneidade, onde mulheres brancas aparecem à frente no mercado de trabalho. (Souza, 2007)

A autora destaca que ainda em nossa atualidade, os corpos acabam ainda sendo rotulados pelos padrões impostos pela sociedade. Ainda existe uma necessidade de estabelecer um padrão branco atraente, um modelo de beleza referenciado em pessoas de pele clara, que aparecem em livros escolares, em revistas ou em TV. (Souza, 2007)

Conforme destaca Souza (2007, p. 38)

O corpo da mulher negra é então inferiorizado pela mídia e pela sociedade a partir de sua representação estereotipada e desumana, é ele o elemento capturado pela imposição de imagens que se tornam verdades quase absolutas aceitas pela sociedade em geral, até mesmo pela própria mulher negra quando referente à mulata.

Conforme destaca Souza (2007, p. 35) que “a cor branca está sempre associada aos ícones de um mundo cosmopolita. Assim, “o modelo branco é a projeção de uma estética perfeita, por estar associado a uma cor padrão da economia de mercado”

Em relação às mulheres negras, que lembremos da sua falta oportunidade, em que ser mulher e negra em nosso país é ser alvo de tripla discriminação, no qual os “estereótipos criados pelo racismo e pelo sexismo onde colocam no nível mais altos de opressão.” (Gonzalez, 2020, p 58)

Podemos pensar no trabalho em que estas mulheres estão inseridas, como empregada doméstica ela passa por “processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da "inferioridade" que lhes seriam peculiares”. (Gonzalez, 2020, p 58.) Ela também acaba por enfrentar uma dupla jornada, caracterizado pelo trabalho que exercem em suas próprias casas e fora dela.

Gonzalez (2020, p. 59) descreve o processo da dupla jornada de trabalho da mulher negra:

Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com o cuidado dos mais novos (as meninas de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). Após “adiantar” os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia. E isso sem contar quando tem de acordar mais cedo (três ou quatro horas “manhã) para enfrentar a fila dos postos de assistência médica pública, para tratar de um filho doente; ou quando tem de ir às “reuniões de pais” nas escolas públicas, a fim de ouvir as queixas das professoras quanto aos problemas "psicológicos" de seus filhos, que apresentam comportamento “desajustado” que os torna “dispersivos” ou incapazes de “bom rendimento”.

Desta forma podemos perceber essa dupla jornada de trabalho na vida de mulheres negras, onde precisam organizar seu próprio lar, deixar seus próprios filhos sozinhos, encarregando de tomarem conta um do outro, trabalhar fora, passar o dia na casa de seus padrões e ainda sozinhas precisam se encarregar da vida de seus filhos na escola que também enfrentando problemas.

Quando estas mulheres não se encontram no trabalho de doméstica, vão ser encontradas prestando atividades com baixo pagamento, onde podem se sentir mais receptivas, trabalhando em mercados, nas escolas e hospitais como faxineiras. (Gonzalez, 2020, p.59)

É desta forma que a mulher negra é vista em nossa sociedade a partir de duas qualificações profissionais: doméstica e mulata. A atividade de “mulata” segundo Gonzalez (2020, p 59) “é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Esta profissão é realizada por jovens negras, quando de maneira extrema acabam sendo forçadas pelo sistema e precisam expor seus corpos, quando acabam não percebendo a manipulação, não apenas como objetos sexuais, mas como indicações existentes da “democracia racial”.

A partir dos exemplos de Lélia Gonzalez (2020, p. 85) sobre os lugares que mulheres negras são vistas, a começar pela divisão racial e sexual do trabalho, podemos raciocinar, porque essas mulheres desempenham serviços que não envolvem trabalhos que tratem do público, serviços que não podem serem vistas, como o porquê em casas de mulheres brancas ela só pode desempenhar tarefas como arrumadeira, serviçal na cozinha, e eventualmente copeira, onde observamos nas escolas ou em instituições financeira ser comum que ela desempenhe o papel de faxineira ou como varredoras de rua etc.

Souza (2007, p 32) declara que “existe uma representação social ou um determinado “discurso” referente à mulher negra e aos “lugares ocupados” por ela. Desta forma também se discute sobre o papel que a mídia exerce em função da mulher negra, pois ela é base de informações que interferem no pensamento social e das representações da sociedade. (Souza, 2007, p 32)

Souza (2007, p. 34) ressalta sobre o papel negativo que a mídia exerce sobre mulheres negras:

A mídia acumula recursos capazes de exercerem o controle sobre os indivíduos e, assim, mantém o poder. Na instância midiática, o exercício do poder simbólico é o responsável por ditar as normas que “regem” a sociedade contemporânea, afirmando

estereótipos, hierarquizando grupos sociais de acordo com sua classe social, raça/etnia, cultura ou nacionalidade. A mídia tem contribuído de forma intensa com a propagação de estereótipos referentes à mulher negra. O exemplo da exaltação da mulata, nas novelas ou no carnaval reforçam uma visão hipersexualizada da mulher negra. Corrêa (1996) discorre sobre a invenção da mulata enquanto objeto de exaltação da mestiçagem ou da “morenidade” brasileira, sendo que a ela foi reservado o lugar social do “encontro das raças”

Pereira E Gabriel, (2001 citado por Souza 2007, p. 33) destaca em sua obra que as formas de comunicação são resultado do meio social e desta forma é possível analisar diferentes elementos que representam as pessoas negras que de certa forma já se apresentavam projetadas no pensamento das pessoas.

Segundo Gonzalez (2020, p 96):

É nesse sentido que o racismo, enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida em que remete a uma *divisão racial do trabalho* extremamente útil e compartilhada pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas.

A autora caracteriza o desenvolvimento econômico brasileiro, como injusto e planejado, pelo qual reteve a mão de obra negra na posição de massa marginal. Não sendo ocasional, o caso de a população negra continuar presa em trabalhos de menor qualidade e menores salários. (Gonzalez, 2020, p 96)

Sendo que a distribuição de salários, intencionam para as desigualdades raciais da nossa sociedade. E como a desigualdade na educação surge ainda mais, quando se refere a vagas no ensino superior. Portanto isso quer dizer que negros desde já não têm oportunidades de concluir o ensino médio (Gonzalez, 2020, p 97). Para mulheres negras, reiteradamente as chances de emprego, acabam sendo mais limitadas, e as que preferem o espaço da educação acabam desprezadas, primeiramente pelo grupo trabalhista que estão inseridas e em seguida por carregarem os traços do período escravocrata na pele e ainda mais por serem mulheres. (Souza, 2007, p 41)

Souza (2007, p 41) enfatiza que “o mercado de trabalho, durante todo um processo histórico, sempre se mostrou desfavorável às mulheres negras.” O preconceito e o racismo aparecem no espaço de trabalho tornando o ambiente profissional uma área de discussões raciais. No qual os brasileiros naturalizam que negros (as) prestem serviços de baixa designação e importância, e com frequência, o povo negro “acaba incorporando essa concepção e, aliada às dificuldades sociais que enfrentam, optam por reforçar essa máxima, contribuindo para que o círculo da desigualdade perdure” (Souza, 2007, p 41)

A educação é uma exigência para a contratação nos melhores empregos, percebe-se que homens negros e mulheres negras e as mulheres brancas não estariam aptos para desempenhar os melhores cargos e ter melhores salários. Visto que mulheres negras têm menos chances do que qualquer outro grupo. (Nascimento, 2021, p. 59)

A separação da população negra na educação básica é uma realidade que provém a contar da escravidão na contemporaneidade. Como anteriormente a educação era renegada os (as) negros (as) atualmente ela é negada baseando-se nos desinteresses do Estado com a educação pública que é direcionada as pessoas de baixa renda, com escolas com baixa falta de estrutura, agentes educacionais mal remunerados e com baixa qualificação, currículos impróprios e a falta de materiais didáticos. (Ribeiro, 1999 citado por Souza, 2007, p 43)

A autora também retrata sobre a situação educacional brasileira, onde alunos (as) negros (as) não dispõem de oportunidades de alcançar conquistas no mercado de trabalho e finalizar a educação básica e adentrar na faculdade como os alunos brancos (as). A bagagem referente a decadência na escolarização é superior entre a população negra e ao elevar o nível de escolarização acabam perdendo lugar comparado aos brancos. E para isso a autora ressalta indispensabilidade de políticas de inserção no meio educacional e no trabalho (Souza, 2007, p 43)

As transformações políticas, econômicas, sociais e educacionais realizadas nos últimos tempos não foram capazes de promover desenvolvimento na melhoria de vida dos negros e negras em nosso país. Dados do Ipea (2011 citado por Silva; Tédde, 2007, p 94) destacam que, pesquisas sobre a educação revelam que, por volta de 1995 e 2009, aconteceu um acréscimo de 2,4 anos no meio de pesquisas sobre a população negra, que não foi o suficiente para reduzir as diferenças no ensino superior.

Segundo dados do Ibge, (2010 citado por Silva e Tédde 2019 p. 94) retratam que 80% das pessoas do nosso país que não sabiam ler nem escrever, eram negras e negros, no qual os estudos apresentam o traço de disparidade racial no Brasil. O povo negro, mesmo depois do final do período escravocrata, manteve-se excluído do ensino e do ramo profissional. Mulheres negras afetadas pela falta de escolarização e com empregos inferiores, estas mulheres que moravam em locais desfavorecidos, suportando trabalhos árduos e desvalorizados. (Souza, 2007, p 28)

Gonzalez (2020, p 109) retrata sobre o trabalho da população negra:

Numa sociedade onde a divisão racial e sexual do trabalho fazem dos negros e das mulheres trabalhadoras de segunda categoria, no conjunto dos trabalhadores já por de mais explorados (afinal, sobre quem recai o peso da recessão?); numa sociedade

onde o racismo e o sexismo, enquanto fatores sustentáculos da ideologia de dominação, fazem dos negros e das mulheres cidadãos de segunda classe, não é fácil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra.

A autora destaca que as pessoas que são minorias no Brasil enfrentam a falta de oportunidades, seja no emprego ou na ausência do ensino. (Souza, 2007, p 29). Portanto a condição de vida do povo negro em nosso país é causa da estrutura de nossa sociedade que vem desde e o período escravocrata. Em razão disso, o racismo sofrido por parte das pessoas negras expressa características vinculadas a diferentes grupos excluídos. Em relação às mulheres negras, o sentido destas afirmativas intensifica-se. (Santos, 1996 citado por Souza, 2007, p 29)

A partir da discussão sobre a falta de oportunidades podemos discutir sobre a situação da mulher negra em nossa sociedade, onde este contexto, é consequência de um encadeamento histórico e originário da colonização, que ainda está presente em nossa sociedade apesar de se apresentar em outras formas. Segundo a autora, no Brasil-Colônia, a função da “mulher de cor” se restringia ao trabalho na lavoura, aos afazeres domésticos, à manutenção da cozinha e ao bem-estar da “sinhá”, como ama ou mãe preta. (Souza, 2007, p 19)

Nascimento (2021, p 58) destaca que a mulher negra “[...] se vê, desse modo ocupando os espaços e os papéis, que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A herança escravocrata, sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra”. De acordo com Silva e Tédde (2019, p 94) as empregadas negras, na posição de escravas, eram mais expostas, mesmo auxiliando nas tarefas domésticas e oferecendo atenção às famílias brancas. Segundo Del Priore (1997 citado por Silva Tédde 2019, p 94,) mulheres negras da mesma forma que exerciam trabalhos em lavouras, como amas de leite, cuidadoras de idosos e crianças, como também funções relacionadas aos afazeres domésticos.

Conforme discute Silva e Tédde (2019, p 91)

[...] o trabalho formal realizado nas atividades de serviços de limpeza está aliado ao trabalho doméstico que as mulheres exercem, também, em suas casas, configurando uma dupla ou tripla jornada que demarca fatores de exploração e opressão tanto no âmbito público, como no privado.

Apesar disso, a cor da pele coincide na divisão sexual do trabalho, sendo um fator decretório na função que as mulheres negras irão exercer no mercado de trabalho. Onde as funções são seletivas e restritas pela conjuntura de nossa sociedade, machista e racista. (Silva: Tédde p 91, 2019)

A autora destaca em sua obra que, a partir de uma pesquisa qualitativa e quantitativa os dados foram guiados pela pesquisa feminista e interseccional abrangendo gênero, raça e classe, permitiu comprovar que mulheres negras permanecem em âmbitos econômicos com baixos níveis de remuneração e importância social, que resulta do período escravocrata, juntado com a desigualdade de gênero e o racismo da atualidade. (Silva: Tédde p 91, 2019)

Analisando a quantidade de opressões que as mulheres negras acabam sofrendo, a ferramenta interseccional apresenta um conjunto de fatores possíveis para estes estudos. A autora considera que seja qual for a prática que não concorde com a interseccionalidade, não será capaz de apresentar de forma eficaz o modo particular, a realidade de mulheres negras, “pois a prática interseccional é maior do que a soma do sexismo e do racismo (Botosso, 2021, p. 30)

Através da interseccionalidade como ferramenta para analisar e entender a dimensão das experiências em que mulheres negras apresentam-se sobrepostas aos processos de exclusão, caracterizados pela opressão e ao racismo, ocasionado pelos meios que constituem e formam o machismo e a outras maneiras as quais ocasionam as desigualdades. (Santos, 2021, p. 27)

Como a interseccionalidade é uma ferramenta analítica, que melhor permite estudar a mulher negra desde sua formação educacional, desde a contratação e a seleção e a influência para o mercado de trabalho, mostrando como o sexismo, o racismo e a classe social atuam contra a mulher negra. (Ferreira; Nunes, 2019, p. 1)

Collins e Bilge (2021, p.16) destacam para o que serve a o método da interseccionalidade:

[...] investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais da vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária- entre outras- são inter-relacionadas e moldam -se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

A interseccionalidade é um conceito que analisa as diferentes formas de opressão, como o patriarcado, o racismo, as opressões de classe, e outras, que se combinam para criar desigualdades. Essas desigualdades podem afetar as pessoas de diferentes maneiras, dependendo de sua raça, gênero, classe, etnia, etc. (Botosso, 2021, p. 31) Além do mais, este conceito interseccional considera a forma como os ideais e ações diversas, geram opressões

que resultam ao decorrer de diferentes eixos e geram meios para que a pessoa perca sua capacidade de tomar decisões na própria vida. (Botosso, 2021, p 31)

Collins e Bilge (2021, p. 18) destacam que “[...] as pessoas usam a interseccionalidade como ferramenta analítica para resolver problemas que elas próprias ou pessoas próximas a elas têm de enfrentar.” Além disso, este conceito segundo Botosso (2021, p. 31) está dividido em três eixos: a interseccionalidade estrutural, a interseccionalidade política e a interseccionalidade representativa.

A autora as define como:

[...] **interseccionalidade estrutural**, que discute as diferenças nas experiências reais de tratamento ao estupro, violência doméstica e reforma corretiva entre as mulheres de cor¹⁹ – localizadas na intersecção entre raça e gênero – em relação as mulheres brancas; **Interseccionalidade política** é a segunda categoria, que analisa o paradoxo no qual as políticas antirracistas e feministas marginalizam a questão da violência contra mulheres de cor; e a **categoria de interseccionalidade representativa** se refere a construção cultural da representação das mulheres de cor.(Botosso, 2021, p. 31)

Comumente a interseccionalidade é utilizada como instrumento analítico para solucionar alguns obstáculos que as pessoas têm de enfrentar, quando é necessário pensar em condições melhores para enfrentar os problemas sociais. E neste contexto mulheres negras estadunidenses enfrentavam dificuldades dentro dos movimentos sociais nas décadas de 1960 e 1970, pois nenhum movimento social discutia sozinho todas as formas de racismo que estas mulheres sofriam. (Collis, Bilge, 2021, p 19)

Assim, elas passaram a usar a interseccionalidade como categoria de análise em resolução de suas adversidades. (Collins; Bilge, 2021, p. 17) Esta ferramenta também fornece suporte para entender como os grupos de “raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo” (Collins; Bilge, 2021, p. 33) Estes fatores como raça, gênero e cidadania alteram a maneira de pensar o trabalho, na renda e nos bens materiais, pois são os principais parâmetros de diferença social. Collins; Bilge, 2021, p. 33)

A autora destaca em sua obra que, negros, mulheres, jovens, moradores da zona rural, pessoas que não possuem identidade e pessoas com deficiência passam por dificuldades para conseguir ingressar em serviços de qualidade, com segurança e com boa remuneração. Sendo possível analisar, que este grupo de pessoas reside em locais atingidos pela transformação econômica e por exemplo pela urbanização e a expansão urbana. (Collins; Bilge, 2021, p. 33)

Apesar dos estudos interseccionais discutirem distintos assuntos, o uso desta ferramenta, indica que ela alcança distintos temas, visto que responde a uma série de problemas sociais. (Collins; Bilge, 2021, p. 17)

Outro indicador que dificulta o acesso ao trabalho formal é a educação, onde em seus estudos a autora destaca que “observamos que média de anos de estudo das mulheres negra era de 5,6 e as brancas 7,1” sendo que estas informações que apresentam o fator de diferença de lucro no mercado de trabalho têm gênero, raça e classe. (Amb, 2011 citado por Silva; Tédde P 91, 2019).

Segundo Silva e Tédde (p. 93, 2019) “a cor da pele conjunta a questão racial se mostra uma variável determinante no papel que as mulheres negras ocupam no mercado de trabalho, sendo esse um lugar seletivo e limitado por conta de uma sociedade não apenas machista, como também racista”

Outros marcadores como gênero e raça auxiliam ou detém as oportunidades de ingressar em um novo emprego. Para a autora, “o lugar da mulher negra no trabalho está demarcado no imaginário dos setores de administração e dos profissionais de recursos humanos como lugar de baixo status e, portanto, exerce influência na admissão das mulheres nos empregos disponíveis.” (Bento, 1995, citado por Silva;Tédde p. 93, 2019)

Para a autora:

[...] questão racial é um dos principais fatores de distribuição de lugares e de papéis sociais. A população negra ocupa determinados setores e empregos que a segregam e possibilitam sua exploração. resultado do período escravista que não apenas submeteu milhões de seres humanos, mas também auxiliou na montagem e perpetuação de discursos segregacionistas que estão enraizados na sociedade brasileira (Machado Da Silva, 2017; Souza, 2017 citado por Silva: Tédee P 93, 2022)

Desta forma também podemos discutir a discriminação no ramo de atividades trabalhistas não só na categoria de gênero, mas de raça. Os espaços que mulheres negras ocupam são delimitados por serviços como cozinheiras, babá e faxineira. Estes serviços, com poucos créditos, baixa remuneração como o serviço doméstico, que segundo dados do Ipea (2014 citado por Silva;Tédde, 2019 p. 94-95) , reflete para 5,9 milhões de mulheres, no total 10% mulheres brancas e 17% mulheres negras.

Davis (2016, p. 20) em sua obra se refere a forma como as mulheres negras eram tratadas sem a diferença de gênero para trabalhos braçais exercidos por mulheres negras e homens negros, segundo ela:

Nas plantações de algodão, tabaco, milho e cana-de-açúcar, mulheres trabalhavam lado a lado com seus companheiros. Nas palavras de um ex-escravo: O sino toca às quatro horas da manhã e elas têm meia hora para ficar prontas. Homens e mulheres começam juntos, e as mulheres devem trabalhar com o mesmo afinco e realizar as mesmas tarefas e homens”.

As categorias raciais no feminismo em nosso país auxiliaram a desconstruir fundamentos difusos sobre as mulheres ao passo que um grupo similar estabeleceu a precisão de dar preferência a questões raciais em cima das questões sexuais, visto que a repressão sobre mulheres negras em nosso país deriva de desigualdades raciais acima da sua condição de mulher. (Souza, 2007, p. 30)

Souza (2007, p. 29) discorre sobre a importância do movimento negro, que:

não pretende criar “guetos” avessos à diferença, mas sim, compreender por que oportunidades iguais jamais existiram para os negros e negras de nosso país e, obviamente, assumir a diferença não como um fardo, mas sim como um elemento de coesão, de auto-estima e que poderá desconstruir os mitos de igualdade racial existente em nosso país

A autora Lélia Gonzalez é uma referência fundamental para a compreensão do papel da mulher negra no Brasil. Como uma proeminente figura no movimento negro e nas lutas feministas, Lélia Gonzalez contribuiu de forma autêntica e significativa por meio de sua escrita sobre o racismo. Além disso, ela participou ativamente de seminários e conferências tanto no Brasil quanto no exterior, abordando temas relacionados à negritude e à condição da mulher negra (Gonzalez; Hasenbalg, 1982).

Ao examinarmos a trajetória da autora Beatriz Nascimento, uma intelectual negra que, em 1977, aos mais de 30 anos, destacou-se como "leitora-pesquisadora-escritora" (Ratts, 2007, p. 30), observamos sua luta contra a invisibilidade acadêmica. Beatriz Nascimento desafiou esse paradigma, demonstrando que uma mulher negra pesquisadora jamais é invisível no meio acadêmico. Sua contribuição é significativa, especialmente nos estudos sobre a percepção dos quilombos e as dinâmicas sociais envolvendo homens e mulheres negras (Ratts, 2006).

CAPÍTULO 2 - GEOGRAFIA E INTERSECCIONALIDADE COMO UMA FERRAMENTA DE COMPREENSÃO PARA O TRABALHO DOMÉSTICO DE MULHERES NEGRAS.

Entendemos que a Geografia enquanto ciência, oferece discussões sobre diferentes desigualdades sociais, ao classificarem pessoas devido a sua raça, classe e gênero, trazendo maior relevância a temas como este pouco discutidos, como estes adentrar na discussão do “fazer geográfico”. Discussões como a de gênero, têm sido bastante debatidos no campo geográfico, pesquisadores da América Latina, apresentam interesse em analisar as situações da mulher em um mundo totalmente misógino, onde a geografia se faz presente neste discurso que é de extrema relevância para movimentos, especialmente feministas. (Souza, 2007, p. 47-48)

Ressaltamos que “muitas Geografias importam, são empoderadas e humanizadas no que diz respeito à dignidade dos povos negros, sejam os africanos e os diaspóricos” (Guimarães; Alves; Silva; Miranda, 2023, p. 2) A Geografia deve estar sensível às diversas possibilidades de interdisciplinaridade, às mais recentes perspectivas teórico-conceituais, e às metodologias apropriadas e específicas para abordar aspectos não explicitados. (Guimarães; Alves; Silva; Miranda, 2023, p. 2)

Ao destacarmos o tema de geografias negras os autores discorrem sobre a dificuldade de um pesquisador negro, trazer relevância para sua temática pois “[...] comprovação de uma pesquisa negra não se dá único e exclusivamente por dados estatísticos como na Geografia Quantitativa, mas pela compreensão daqueles ao qual o assunto pertence e faz algum sentido.” (Guimarães, 2020, p. 296)

A partir da dificuldade de pesquisadores negros também pode haver uma certa dificuldade de se perceber a partir de componentes afirmativos constantemente acaba compreendendo primeiramente o padrão da branquitude. (Guimarães, 2020, p. 299)

Em uma análise recente, Guimarães (2020, p 299) retrata o quanto o sentir e o pensar são indissociáveis

[...] por conta da história de rupturas entre o passado e presente realizado pelo processo de escravização e de distanciamento das referências, o sentir é primordial, uma das heranças ancestrais africanas que foram mantidas por meio de variadas formas de resistência. O sentir e o pensar são indissociáveis, pois ambos se formam na mente humana e resultam no ser, na existência produzindo conhecimento. (Guimarães, 2020, p. 299)

Então, para uma pessoa negra, antes de perceber a sua própria existência a partir de elementos afirmativos, muitas das vezes aprende a ler pela cartilha da “branquitude”

(Moreira, 2014) o que pode gerar estranheza, dor e trauma e também, resultar na autorrejeição de tudo que lhe diz respeito.

A autora destaca que as Geo-grafias negras tem potência para alcançar diferentes perspectivas de interpretações de mundo proporcionadas pela multidisciplinaridade da Geografia como diferentes campos do conhecimento e recorrendo às diferentes linguagens. (Guimarães, p. 304, 2020)

Guimarães (p. 304, 2020) aborda sobre o as possibilidades da geografia enquanto ciência avançar nos estudos de Geografias Negras:

As Geografias Negras (termo não hifenizado) podem abarcar para além das Geo-grafias, das marcas no espaço geográfico, mas compor a complexidade que existe por trás das pesquisas e práticas pedagógicas. Então, envolve também repensarmos a maneira pela qual produzirmos conhecimento geográfico sistematizado. Permite construir trajetórias metodológicas e formas metódicas de trabalho utilizando epistemologias apropriadas.

Guimarães (2020, p. 307-308) destaca que o campo da Geografia ainda reflete uma marcante falta de visibilidade para abordagens não convencionais “que discutam ampla e diretamente questões raciais e de maneira antirracista, logo propor que repensemos a história do pensamento geográfico é no sentido de descortinar os racismos propostos até então para pesquisas e eliminá-los de novas pesquisas daqui pra frente.”

As correntes geográficas que efetivaram trabalhos para problematizar a conexão com o corpo e o espaço tiveram vertentes “feministas, queer, nova geografia cultural e a fenomenológica” (Silva, *et al*, p. 69) . As vertentes geográficas que realizaram esforços em problematizar a relação entre corpo e espaço foram as Feministas, Queer, Nova Geografia Cultural e a Fenomenológica. Foi justamente a desconstrução da herança moderna da oposição entre corpo e mente que construiu um caminho investigativo jamais visto antes.

Dessa maneira, é possível reinterpretar o passado e desenvolver novas geografias, bem como construir novos estudos que permitam a desconstrução de narrativas passadas. Isso possibilita a elaboração de novas perspectivas de geografias negras, as quais já vêm sendo aplicadas há algum tempo. Além disso, essa abordagem se destaca como uma forma significativa de compreender o espaço geográfico (Guimarães, p. 308).

Segundo Botosso (2021, p. 19) “a condição de ser mulher negra na América Latina perpassa discriminações de raça, gênero e classificação social, que têm origem no período da colonização. O estado de vida destas mulheres, desde o início foi baseada por situações de racismo e machismo, desta forma sendo atrelada a uma “condição de opressão interseccional”

(BOTOSSO, 2021, p 26). Analisando a complexidade de injustiças que mulheres negras suportaram e ainda suportam, a autora denomina a interseccionalidade como ferramenta de análise. Destacando que toda a prática que desconsidera o método da interseccionalidade, portanto não será capaz de tratar de maneira eficiente a situação específica em que mulheres negras estão inseridas. (Botosso, 2021)

Caracterizando também as inúmeras situações que mulheres negras sofreram violência desde o período escravocrata, estas opressões sempre foram enfrentadas por estas mulheres tanto particular como coletivamente, estas mulheres revelavam-se em discordância ao sistema de opressão, como por exemplo o envenenamento dos senhores, com forjar a própria morte ou pelas escapatórias em maiores grupos para quilombos. (Manzi; Anjos, 2021, P. 4)

Mulheres negras, desde tenra idade, frequentemente desempenharam papéis mais proeminentes fora do âmbito doméstico em comparação com mulheres brancas. O trabalho sempre foi uma presença marcante na vida dessas mulheres, persistindo ainda hoje em padrões reminiscentes da era escravocrata. Sob a condição de escravas, suas atividades domésticas compulsórias obrigatoriamente envolvem outras, particularmente de suas existências femininas. Portanto, ao explorar a experiência das mulheres negras nesse contexto, é crucial iniciar a análise compreendendo o significativo papel desempenhado como trabalhadoras. (Manzi; Anjos, 2021)

As mulheres negras usaram muito de sua força de trabalho, sendo no meio urbano e no meio rural, em espaços públicos e privados, foram de extrema importância na construção da sociedade Brasileira e permanece contribuindo para as bases dessa sociedade. (Manzi; Anjos, 2021, p. 5) De acordo com Manzi e Anjos (2021, p. 5) “[...] a mulher negra permanece subalternizada pela dupla opressão da raça e do gênero que se configura inevitavelmente em uma diferenciação de classe.”

Segundo dados do IBGE (2024) mulheres negras ou pardas redobram seu tempo com tarefas domésticas e têm menos participação no mundo do trabalho e são as que mais sofrem com a pobreza. Segundo dados do IBGE (2023) em nosso país, no ano de 2022 o trabalho doméstico tinha uma ocupação de 5,8 milhões de pessoas, neste total 92% mulheres e totalizando 61,5% mulheres negras. Esta função é a que mais emprega mulheres no Brasil, sobretudo mulheres negras com escolaridade incompleta proveniente de famílias com renda inferior. (Brasil, 2024)

De acordo com os dados “[...] são principalmente mulheres negras: em 2022, de cada 100 trabalhadoras negras, 16 eram trabalhadoras domésticas; no caso das mulheres brancas esse número cai para menos de nove.” (Brasil, 2024, p. 5) No ano de 2022 as mulheres

destinaram 21,3 horas de seus dias prestando serviços domésticos ou aos cuidados de pessoas, enquanto os homens destinaram 11,7 horas. Além disso, as mulheres negras ou pardas empregaram 1,6 horas nestas atividades, ao contrário das mulheres brancas. Conforme informações do IBGE (2024), essa diferença entre mulheres brancas e negras ou pardas se desenvolveu a partir de 2016, que deu origem a este indicador.

No nível educacional de acordo com IBGE (2024) “a proporção de mulheres brancas com 25 anos de idade ou mais que tinham completado o nível superior (29,0%) era o dobro da observada para as pretas ou pardas (14,7%)” Aproximadamente 32,3 % das mulheres no Brasil encontravam-se inferiormente no contexto da pobreza, isto significa que a renda per capita é de U\$6,85 por dia, de acordo com o Banco Mundial. Essa é a condição de 41,3% das mulheres pretas ou pardas que residem em nosso país, ao contrário das mulheres brancas. (IBGE, 2024)

Em relação à inserção no mercado de trabalho:

“As mulheres pretas ou pardas são as que menos participam do mercado de trabalho, as que mais estão dedicando horas a cuidados e afazeres domésticos e, por outros indicadores, vemos que são as que têm piores formas de inserção em termos de remuneração e qualidade de postos de trabalho”, analisa Barbara.

Levando em consideração as horas que as mulheres dedicam aos afazeres domésticos não remunerados, interfere a jornada de trabalho realizada por elas. Embora no ano de 2022 o percentual de mulheres que atuavam em tempo limitado eram de 28,0%, em contrapartida o tempo dos homens eram de 14,4%, exceto as mulheres pretas ou pardas com 30,9% diferente das mulheres brancas com o percentual de 24,9%. (IBGE, 2024)

Além disso no fator educacional observamos o indicador da desigualdade racial, fazendo uma comparação com a idade de mulheres brancas e negras ou pardas em relação a frequência na ambiente escolar. aproximadamente 39,7% das mulheres brancas com idade entre 18 e 24 anos, estudavam, já a proporção de mulheres negras ou pardas que estudavam tinha total de 27,9%. Além do mais homens negros ou pardos registravam um percentual ainda inferior de 24,6% no ano de 20216. (IBGE, 2024)

Perante aos dados que apresentam a condição de vida da população brasileira este é o percentual na qual se estabelece a maior da população preta ou parda em nosso país:

A desagregação por cor ou raça mostra que, dentre o total de pessoas ocupadas, a proporção da população branca era 44,7%, e a preta ou parda, 54,2%, resultados próximos aos encontrados para o total da população na força de trabalho (Tabela 1.1). No entanto, o recorte por atividade econômica revela a segmentação das

ocupações e a rigidez da segregação racial no mercado de trabalho. A incidência de pretos ou pardos é acentuada na Agropecuária (62,0%), na Construção (65,1%) e nos Serviços domésticos (66,4%), atividades que apresentaram rendimentos inferiores à média em todos os anos da série. Por outro lado, Informação, financeira e outras atividades profissionais, bem como Administração pública, educação, saúde e serviços sociais, cujos rendimentos apresentaram níveis bastante superiores à média, foram as atividades que contaram com, proporcionalmente, maior presença de pessoas ocupadas de cor ou raça branca. (IBGE,2023, p.24)

Para isso, Botosso (2021, p 31) “define interseccionalidade como um conceito que captura as consequências estruturais e práticas da relação entre dois ou mais eixos de subordinação”. Este conceito investiga como alguns conjuntos de ideias e posições constituem injustiças que passam no decorrer das estruturas e auxiliam no desempoderamento.

Diferentes pesquisas interseccionais iniciam principalmente da estimativa que a interseccionalidade seria uma estrutura pronta, que é possível ser empregue a certas pesquisas científicas ou programas políticos mas no entanto o uso desta ferramenta pode atingir diversas formas. Por tanto a interseccionalidade ainda está em formação, e isto nos apóxima de utilizada como mecanismo analítico (Collins;Bilge, 2012, p. 55)

Segundo Collins e Bilge (2021, p. 56)

Quando usada como uma forma de práxis crítica, a interseccionalidade se refere às maneiras pelas quais as pessoas, como indivíduos ou parte de um grupo, produzem, recorrem ou aplicam estruturas interseccionais na vida cotidiana. Na família e no emprego, como atores institucionais em escolas públicas, faculdades, universidades e organizações religiosas, como lideranças comunitárias e de movimentos de base, cidadãs e cidadãos comuns recorrem às ideias da interseccionalidade para orientar sua prática.

Mulheres que lutam por seus direitos utilizam a interseccionalidade como questão principal de suas *práxis* críticas acreditam que as formas de se relacionar na sociedade e as desigualdades são fundamentais para seu trabalho. “A interseccionalidade não é simplesmente um método de fazer pesquisa, também é uma ferramenta de empoderamento das pessoas.” (Collins;Bilge, 2012, p. 55)

A autora destaca que mulheres negras latino-americanas muito antes já estavam apropriadas deste conceito para pesquisar e comprovar as repressões que já aconteciam desde o período escravocrata. Destacando que “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão.” (Gonzalez, 1982: p. 97citado por Botosso, 2021, p. 35)

Silva e Teddé (2019, p 93) apontam que a interseccionalidade é uma ferramenta na

qual abre possibilidades para refletir o espaço de mulheres negras, associando a um olhar de mudanças de distintos aspectos de vulnerabilidade. Dois aspectos, atrelados ao machismo e ao racismo são dois preconceitos que geram incômodo para estas mulheres, e fazem parte da estrutura da nossa sociedade e acabam gerando exploração e opressão.

As autoras destacam que “a interseccionalidade de classe, do gênero e da raça/etnia permite estudar a situação das trabalhadoras negras a partir da abordagem feminista (Crenshaw, 2002; Saffioti, 2004; Hirata; Kergoat, 2007 citado por Silva E Teddê, 2019, p 93) Este conceito é uma análise da questão que procura apreender os danos que fazem parte da estrutura de nossa sociedade, através de alguns pilares de subalternidade. (Crenshaw, 2002, p. 177 citado por Silva E Teddê, 2022, p 93)

Desta forma destaca como a método da interseccionalidade possui repercussões diferentes para homens negros, que da mesma forma sofrem pela cor de sua pele que é mediadora de seu gênero, mas sem captar os impactos de opressão do sexismo diante de sua situação. Um exemplo disso é como homem negro sem emprego é retratado aos olhos da sociedade, como uma pessoa sem futuro, já o jovem negro é retratado por ser violento, que merece ser espancado pela polícia. (Bairros, 1995 citado por Manzi; Anjos, 2021, p. 9)

Desta forma também podemos destacar que o deterioramento do estado de bem-estar de mulheres negras é originado pela situação de vulnerabilidade social nas quais se encontram. (Botosso, 2021, p 37) Portanto algumas análises destacam que a remuneração de homens e mulheres brasileiros quando investigado por meio dos fatores de raça e educação torna-se complicado ao acrescentarmos a divisão sexual do trabalho, na qual está composto por trabalho de alto empenho para homens e de baixo empenho para mulheres, permitindo a presença “guetos de trabalhos específicos para cada sexo” (Bruschini, 2007 citado por Silva E Teddê, 2019, p 94) que incluem mulheres em sua maioria, em serviços de maior vulnerabilidade.

No que corresponde ao total de trabalhadoras domésticas 14,6% destas mulheres brasileiras, concentravam-se em 2018 em serviços remunerados no trabalho doméstico. “Estamos falando de um contingente de mais de 5,7 milhões de mulheres que compõem a maior categoria ocupacional ainda aberta para as trabalhadoras” (Pinheiro *et al*, 2019, p. 11)

Sendo que mulheres negras representam 63% da totalidade de empregadas domésticas. Com o entendimento do argumento que, as mulheres podem estar onde quiserem, no entanto, as mulheres negras enfrentam outra realidade, que as direciona, de forma desigual, a trabalhos como serviços domésticos remunerado, mas enfrentando precariedade e exploração que são característicos do trabalho. (Pinheiro *et al*, 2019, p. 12)

De acordo com Pinheiro *et al* (2019, p 13) “o trabalho doméstico, em contextos de elevado desemprego e de precariedade do mercado de trabalho, sempre (re) aparece como uma alternativa para mulheres, especialmente aquelas com níveis mais baixos de escolaridade.” Nascimento (2021, p. 60) destaca que “[...] a mulher negra ainda não teve acesso suficiente a educação para qualificar-se para [...] empregos burocráticos”

De acordo com a autora, as mulheres negras ao entrarem no mercado de trabalho acabam sendo cercadas de muitos desafios. Os níveis de desemprego são elevados, acabam deixando estas mulheres mais tempo desocupadas. No momento em que estão inseridas no mercado de trabalho, os cargos oferecidos são de baixa remuneração e desvalorizados. (Carneiro, 2004, p.77 citado por Souza, 2007, p. 56)

Houve um afastamento das jovens em relação ao trabalho doméstico, por terem acesso à educação. Pinheiro *et al* (2019, p. 15) destaca que, o aumento na escolaridade das trabalhadoras domésticas, atingiu as jovens mulheres que tiveram como auxílio às políticas educacionais, que com o passar dos anos democratizaram o acesso ao ensino, seja na educação básica com a universalização do ensino fundamental, ou seja no ensino superior, que conta com o acesso pelas cotas raciais, bolsas e financiamentos.

É importante chamar a atenção, que podemos compreender o trabalho doméstico com um espaço de vulnerabilidade em que um grupo predominantemente de mulheres negras está nestas circunstâncias. Além de tudo, trata-se de um segmento social que por muito tempo tomou um lugar de invisibilidade. (Vieira, 2007, p. 43 citado por Silva *et al*, 2021 p. 6)

Santos (2021, p. 30) descreve que:

[...] percebe-se que no Brasil, a posição que as empregadas domésticas ocupam, principalmente as empregadas negras, é um espaço legitimado pela condição histórica da escravidão que atribuiu de forma autoritária a condição e obrigação do cuidado, da alimentação do senhor e da senhora e de seus filhos nas mãos de mulheres negras

E assim, para abordarmos sobre a vida das mulheres negras do loteamento popular destacamos a importância de retratar as experiências destas mulheres durante suas trajetórias de vida, pois as experiências acontecem por meio de seus corpos e corporeidades. O conceito de corporeidade é entendido como os corpos são entendidos no lugar onde estão situados, como um registro corporal, visto que os sujeitos registram, desde suas experiências e movimentos no espaço, seus caminhos socioespaciais. (Azevedo; Sacramento, 2022, p 97)

É importante ressaltar que, ao pensarmos sobre os movimentos feitos no espaço pelas mulheres, é relevante aplicar o conceito da interseccionalidade. Segundo as autoras, pode ser

“os corpos podem ser lidos a partir de estereótipos e estigmas, impregnados por leituras sociais racistas, machistas, capacitistas, LGBTfóbicas...” (Azevedo; Sacramento, 2022, p 98)

As autoras destacam que:

[...] a corporeidade nos leva a pensar na localização (talvez pudéssemos chamar de lugaridade), a mobilidade, a destreza de cada um de nós, isto é, a capacidade de fazer coisas bem ou mal, muito ou pouco e as possibilidades daí decorrentes. E aí aparece em resumo, o meu corpo, o corpo do lugar, o corpo do mundo. Eu sou visto, no meio, pelo meu corpo. Quem sabe o preconceito não virá do exame da minha individualidade, nem da consideração da minha cidadania, mas da percepção da minha corporalidade (Santos, 1997, p.134-135 citado por Azevedo; Sacramento, 2022, p 98)

Portanto destacamos algumas abordagens para compreendermos discriminação, sendo que o racismo, e o preconceito estão atrelados ao corpo, a identidade e a origem. (Santos 1996) Souza (1996), p. 135 citado por Souza, 2007, p 27) destaca que:

A corporalidade corresponde à representação do meu corpo no lugar e no mundo, pois os indivíduos são vistos pelos seus corpos e julgados a partir deles. Sendo assim, o autor afirma que “quem sabe o preconceito não virá do exame da minha individualidade, nem da consideração da minha cidadania, mas da percepção da minha corporalidade”

A autora em sua obra traz uma abordagem sobre a escala do corpo e corporeidade:

O corpo é um elemento central da representação social da raça e do gênero que, geralmente, produz uma percepção estereotipada e calcada numa cisão entre superioridade e inferioridade. [...] a corporeidade assume importância nas marcas espaciais, além das formas arquitetônicas e paisagísticas. O ser humano molda o espaço, imprime sua marca nele e sofre suas influências. (Ratts, 2004 citado por Souza, 2007, p 27)

Pensar no corpo negro em meados da colonização onde foi extremamente abusado por domínio, caracterizando uma reprodução na contemporaneidade relacionada a um conhecimento de subalternidade e desordem. Inclusive a relação em lugares públicos, associada ao corpo negro, julgados a marginalidade persistiram mantendo similaridade com a presença dos corpos negros em espaços públicos. (Souza, 2007, p 28)

Este pensamento colonial, que foi criado na América Latina, que estabeleceram a existência de raças. Durante o período colonial, obteve a personalidade europeia e branca, as outras identidades assim foram associadas ao tom de pele: negros, índios e pardos. (Botosso, 2021, p 20)

A autora aborda que o corpo da mulher negra foi pautado com base nas representações do período escravocrata, enxergado como comum, visto como atraente e forte. Tendo em vista que as pessoas negras foram destinadas, a representar a história de um povo em que necessitavam “cantar, dançar samba, jogar futebol ou caricaturar o feminino negro” (Lima 2005 citado por Souza, 2007, p 28)

Nascimento (1990 citado por Souza 2007, p 28) destaca que “a mulher negra é vista como ocupante de espaços e papéis atribuídos desde a escravidão e essa herança adquire uma continuidade. De acordo com Nascimento (1990), seu papel como trabalhadora não muda muito com o passar dos séculos [...]”

Além disso, podemos pensar na desigualdade social, que também caracteriza este espaço da mulher negra em nossa sociedade. Ao investigar a desigualdades sociais, a discriminação é marcada pela pobreza, sendo que ao analisar a desigualdade social, a exclusão é basicamente conceituada pela pobreza e, as vezes negligencia-se o fato de que a injustiça social é o cerne da exclusão. Além disso, descrever as desigualdades, precisamos debater sobre a discussão e da marginalização/inclusão que reproduzem subjetividades, levando os sujeitos a sentirem diferenciados ou incluídos. (Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 3)

As autoras destacam que a partir das desigualdades:

Decorrente disso, o indivíduo pobre é constantemente “incluído” na mídia e nas próprias políticas públicas através de uma falsa igualdade, que em síntese normatiza a igualdade como regra social, entretanto, na prática os processos inclusivos não funcionam de acordo com a realidade dos grupos excluídos, podendo gerar um sentimento de culpabilização individual. Deste modo, os processos de inclusão/exclusão envolvem o ser humano e suas relações sociais, configurando um sistema de dimensões políticas, materiais e subjetivas. Portanto, a exclusão é muito mais que uma falha no sistema, na verdade é o produto das configurações de um sistema. (Sawaia, 2002 citado por Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 3)

Ao destacar que o racismo em nosso país, nos dias de hoje é percebido como “humanitário” ao relacionar com o período escravocrata, sendo que os negros na contemporaneidade ainda recebem quase que os mesmos tratamentos da época, um exemplo é a prisão dos corpos, onde aprisionam pessoas negras, em serviços precários, contendo seus direitos. (Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 4)

As autoras destacam que “ao falar de racismo, muito se fala dos padrões abomináveis de discriminação perpassados durante anos, os padrões de preconceito e estereótipos raciais impedem oportunidades de igualdade e a ascensão social do negro em relação ao branco” (Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 4)

Apensar de evoluírem financeiramente, isso não faz com que homens negros e mulheres negras deixem de sofrerem racismo, serem testados de suas capacidades de produtividade, levando uma falsa convivência pacífica entre brancos e negros, que assegura privilégios e a não submissão de pessoas brancas. Independentemente da regra de que a democracia racial seja essencial, mesmo assim continua longe de ser concretizada. (Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 4)

Segundo dados do IBGE (2023 p. 25) sobre o rendimento do trabalho, a divisão por cor ou raça são relevantes para a identificação das discrepâncias sociais em nosso país, pois:

Em 2022, a população ocupada de cor ou raça branca ganhava, em média, 64,2% mais do que a de cor ou raça preta ou parda e os homens, 27,0% mais que as mulheres, sendo que mulheres e homens de cor ou raça preta ou parda recebiam rendimentos inferiores aos das pessoas brancas. Os resultados indicam a existência de desigualdade estrutural, dado que esses diferenciais, salvo pequenas oscilações, foram encontrados em todos os anos de 2012 a 2022.

Outro fator importante nesta pesquisa é a análise da desigualdade de lucros no trabalho, segundo dados do IBGE (2023, p. 25) no ano de 2022 “a população ocupada de cor ou raça branca recebia rendimento-hora superior à população de cor ou raça preta ou parda qualquer que fosse o nível de instrução, sendo a maior diferença na categoria Superior completo, R\$ 35,30 contra R\$ 25,70.”

O Brasil traz em seu histórico o país mais desigual do planeta, mostrando de forma perceptiva a desigualdade salarial, a desigualdade coloquial e o preconceito que a negritude brasileira passa. Essa diferença econômica que o negro enfrenta em nosso país é uma representação dessa discriminação que parte de preconceitos e tratamentos injustos devido suas realidades sociais. (Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 5)

Ressaltando que os direitos previstos pelo Estado, teriam por obrigação contribuir para incentivar o fim das desigualdades, acabam contribuindo para o avanço desse sistema de desigualdades, na ausência de leis e possibilidades para oportunizar um melhor grau de individualidade e identidade étnica. (Marx, 1997 citado por Zucolotto; Cocco; Ruviano, 2019, p 5)

Na realidade da segregação racial, os agentes geradores do racismo como a raça e o gênero acrescentam aos danos factuais para mulheres negras. Independentemente da conjuntura apresentar mudanças para diminuir as desigualdades, mas a participação em espaços como o ensino, o emprego, a saúde, a segurança e dentre outros espaços. É relevante

considerar a particularidade dessas mulheres porque além de serem mulheres, são negras. (Zucolotto; Cocco; Ruviaro, 2019, p 5)

Segundo Souza (2007, p. 55) “a segregação espacial é fruto de uma estratégia da elite para impedir que os excluídos usufruam de determinados espaços”. Em nosso país está segregação não é nítida nos discursos, mas é representada na distribuição socioespacial dos bairros a começar a pelo poder aquisitivo da população, onde encontramos a população negra pobre em bairros nobres, para realizarem afazeres considerados inferiores, para o perfil de moradores de condomínios, pela maioria brancos. (Souza, 2007, p. 55)

De acordo com a autora, pessoas negras não podem ter acesso a locais de moradia segura, de boa qualidade, um bairro com melhores condições e estrutura, pois não têm acesso a renda. De acordo com Souza (2007, p. 55) ‘a baixa renda impede acesso à infraestrutura básica, saneamento e, principalmente, à educação, o que favorece o número de evasão escolar por parte desta população e baixa perspectiva quanto a uma formação contínua que a leve ao ensino superior.’”

Em vista do gênero e da raça, elas são a parte mais excluída da sociedade. (Carneiro, 2003 citado por Zucolotto; Cocco; Ruviaro, 2019, p 5) A partir das pesquisas em desigualdades as autoras discutem sobre a exclusão de mulheres negras no mercado de trabalho, segundo dados do IBGE e do PNAD:

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2003 revelam que as mulheres negras recebem os salários mais baixos do país (IBGE, 2003). A renda mensal dessas mulheres é de apenas 30% se comparada a dos homens brancos e de 50% se comparada a das mulheres brancas. As negras ainda são a parcela da população com a maior taxa de desemprego do Brasil – 52% do total do contingente estão sem emprego. A falta de atendimento na área da saúde também é mais aguda para as negras. Em 2004, a PNAD revelou um dado preocupante: 46,3% dessas mulheres com mais de 25 anos nunca haviam realizado um exame clínico de mamas, já entre as brancas esse mesmo índice era de 28,7%. A morte materna também é uma realidade muito mais presente na vida de negras; segundo o Ministério da Saúde, a taxa de morte é quase seis vezes maior nelas do que nas brancas (IBGE, 2004 citado por Zucolotto; Cocco; Ruviaro, 2019, p. 6).

Souza (2007, p. 14) destaca a importância de pesquisar mulheres negras, pois ao expor temas como o de gênero requer ter resistência e persistência, mas ao abordar os temas de raça e gênero exige ter mais firmeza. Sendo que os estudos sobre a desigualdade entre mulheres negras e brancas, são considerados como desnecessários.

Souza (2007, p. 14) destaca que, apresentar a conhecer a injustiça é compreender a situação de muitas mulheres negras que nunca se puseram como as autoras principais de suas histórias, mulheres que foram vistas como insignificantes.

2.1 A perspectiva espacial da interseccionalidade: território, territorialização e territorialidade

Entender a correlação entre território e interseccionalidade é fundamental para compreender as dinâmicas espaciais vividas pelas mulheres negras e as interações complexas de poder que moldam suas vidas. De acordo com Manzi e Anjos (2021), o conceito de território não se limita apenas ao espaço geográfico físico, mas envolve também relações de poder, tanto políticas quanto sociais e simbólicas. Essas autoras destacam que o território é um espaço onde ocorrem processos de apropriação e exercício de controle, não apenas do Estado, mas também de grupos sociais que disputam e configuram significados e usos do espaço. Ao aplicar o conceito de interseccionalidade nesse contexto, é possível compreender como as mulheres negras enfrentam múltiplas formas de opressão e discriminação que se entrelaçam e se manifestam no espaço territorial.

Manzi e Anjos (2021, p. 9) destacam que para podermos compreender a perspectiva espacial do conceito da interseccionalidade, devemos identificar os termos de “território, territorialização e territorialidade” As autoras destacam que “território, em qualquer acepção, está relacionado ao poder, porém não apenas ao poder político do Estado (relação de dominação mais concreta e funcional), mas também no sentido de sua apropriação (relação sociedade-espaço) mais subjetiva, cultural e simbólica” (Haesbaert, 2007 citado por Manzi; Anjos, 2021, p. 9)

De acordo com Souza (2009, p. 87 citado por Manzi e Anjos 2021, p 9) , o conceito de territorialização é considerado como “o exercício do controle sobre um espaço”, enquanto o espaço enquanto o espaço territorializado (o território) torna-se “instrumento de exercício de poder”. Este conceito refere-se às habilidades e técnicas propostas por diferentes pessoas e grupos, assim, para idealizar, conservar ou para modificar este espaço vivido.

As relações de poder acabam sendo semelhantes “[...] na organização, no acesso, no uso e na maneira de dar significado ao espaço de vida. (Sack, 1986; Haesbaert, 2007 citado por Manzi; Anjos, 2021, p. 10)

Segundo Mani e Anjos (2007, p. 10):

A territorialidade inclui movimentos constantes de desterritorialização e (re) territorialização, movimentos e contramovimentos que devem ser entendidos de forma indissociável como parte de um mesmo processo. A territorialidade coloca o foco na pluralidade das práticas socioespaciais e, [...], das relações e dos sujeitos envolvidos na (re) produção de territórios, tanto em suas formas simbólicas quanto nas materiais.

Este conceito, está relacionado a algumas sequências e algumas interrupções no tempo e no espaço: sendo que a territorialidade está relacionada ao lugar de cada pessoa, pois este lugar oferece uma personalidade, características e elas acabam sendo induzidas pelos níveis históricos e geográficos de cada espaço. (Saquet, 2009, p.88 citado por Manzi; Anjos, 2021, p. 10)

A partir disso, podemos pensar como estes “territórios” se constituem através de conflitos, diferenças ou de vínculos desiguais através de distintos grupos sociais e elementos políticos que as geram. (Manzi; Anjos, 2021, p. 10) De acordo com Souza (2007, p. 56) “[...] com as desigualdades de oportunidades num país que insiste em propagar o discurso da democracia racial, grande parte das mulheres negras têm como forma de inserção na população economicamente ativa os denominados subempregos.”

De acordo com as autoras:

Tais territorialidades, no que tange ao poder de decidir sobre o uso do seu corpo, à politização do seu lugar no espaço privado da casa enquanto chefes de família, trabalhadoras domésticas, educadoras, bem como seu protagonismo histórico nas cidades brasileiras, têm servido, ainda que lentamente, para reposicionar as mulheres negras em espaços, funções e posições que antes lhe eram alheios. (Manzi; Anjos, 2021, p. 10)

Desta forma, ao pensarmos tais territorialidades para mulheres negras, “podemos afirmar que existe uma representação social ou um determinado “discurso” referente à mulher negra e aos “lugares ocupados por ela.” (Souza, 2007, p 32)

Além disso, esta localidade não significa apenas o espaço geográfico, mas age da mesma forma como “uma rede relacional com representações coletivas que permitem aos membros de uma coletividade dar às características de seu espaço significados reconhecidos de maneira geral” (Souza, 2007, p. 47)

Destacamos que a espacialidade de um determinado grupo, está relacionada a um componente da identidade em relação ao espaço, onde representam formas e ações próprias de um certo grupo ou pessoa. De acordo com a autora:

O espaço contribui para uma leitura de significados sobre as representações coletivas, revelando relações de inclusão ou exclusão, hierarquias ou polaridades. Este autor salienta ainda que o comportamento de um indivíduo em cada local – casa, escola, praça, locais de lazer – muda, pois cada um deles apresenta-se carregado de normas e hábitos aceitos e impostos pela sociedade. Assim, é possível notar as mutações de um indivíduo em cada um dos espaços que adentrar. (D’adesky, 2001 citado por Souza, 2007, p. 52)

Como o espaço acaba favorecendo para leitura dos corpos, mulheres negras acabam sofrendo com essa leitura, pelo seu movimento entre as escalas do público e do privado são confundidas representações de empregadas domésticas, babás e mulata, reproduções diferentes das mulheres escravizadas, das mucamas, criadas, amas de leite e mães pretas. (Ratts, 2003)

Neste contexto, destaca-se que a escravidão causou uma divisão social, econômica e cultural entre as populações negras e brancas. Essa divisão é resultado da exploração e do preconceito que os negros sofreram durante a escravidão e no período da pós-abolição. A pesquisa citada, pela autora, intitulada como "Desenvolvimento Humano para Além das Médias" (2017), foi realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo concluiu que os negros ainda são discriminados no Brasil, o que se reflete em indicadores sociais como renda, escolaridade e acesso à saúde. (Silva, Tédee, 2019, p. 94)

A autora destaca ainda sobre os estudos do Índice de Desenvolvimento Humano:

[...] embora nos últimos vinte anos, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da população brasileira tenha aumentado, somente em 2010, a população negra atingiu um índice equivalente (0,679) ao que a população branca (0,675), havia atingido em 2000. Os índices mostram desigualdades que refletem o passado escravocrata do país e, ao mesmo tempo, o racismo ainda vigente. (Silva; Tédee, 2019, p. 94)

Portanto, entende-se que em nossa país, esta subalternização de gênero provoca um tal poder, onde primeiro encontra-se o homem branco, em seguida as mulheres brancas, em terceiro o homem negro, e ao final as mulheres negras. (Ratts, 2003, p. 4-5)

Segundo a autora, as desigualdades sociais, são relacionadas na diferença entre negros e brancos em termos de renda, escolaridade, saúde, renda entre outros, mas acima de tudo sobre as mulheres negras, tais desigualdades são resultado de construções sociais que reforçam estereótipos e preconceitos. Essas construções legitimam a representação da população negra em funções braçais ou de cuidados domésticos, que são historicamente desvalorizadas e remuneradas de forma inferior. A autora desta que “mulheres negras, ainda são demarcadas em um imaginário escravista e acabam relegadas às tarefas semelhantes às que desempenhavam no Brasil até a abolição formal ocorrida em 1888”¹

Para além da desigualdade entre mulheres negras e brancas, destacamos também a divisão sexual do trabalho, pois está, não age da mesma forma para mulheres brancas e

¹ SILVA, Susana Maria Veleda da; TÉDDE, Rafael Moura. As Trabalhadoras Negras em Atividades de Serviços de Limpeza: um olhar que desvela. **Revista Latino-Americana de Geografia Gênero**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 91-108, jun. 2019. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>. Acesso em: 10 out. 2019.

negras. (Hirata; Kergoat, 2007 citado por Silva, 2019) Onde os serviços desvalorizados, mal remunerados, direcionados a atividades manuais e repetitivas, um exemplo destes serviços mal remunerados são o de empregadas domésticas, ou mulheres em atividade de serviço de limpeza, organização dos espaços públicos ou privados, dirigidos por empresas terceirizadas, acabam sendo exercidos principalmente por mulheres negras. (Silva, 2019, p. 95)

Silva (2019, p. 105) destaca que:

A exploração ocorre em âmbito público e privado e a dupla jornada de trabalho é uma realidade para todas as trabalhadoras [...]. Trabalhar em um emprego considerado de baixo status e/ou precarizado resulta em salários baixos e condições e relações de trabalho precárias, causadoras de sofrimento para essas mulheres. A terceirização das atividades meio faz com que essas trabalhadoras sejam exploradas e na luta pela sobrevivência e fuga da pobreza, se sujeitam a condições precárias, e no mundo do trabalho terceirizado, possuem seus direitos trabalhistas flexibilizados.

Além do mais, mulheres que exercem a função de domésticas, encontram-se em serviços precários, apesar de ser no setor público, são mal remuneradas e os direitos trabalhistas não são direcionados da forma correta, vivem em situação de trabalhos arriscados, que não duram tanto tempo e ainda passam pela subcontratação. (Silva, 2019, p. 98)

Segundo a autora:

A manutenção das relações onde a população negra é oprimida se dá através de um sistema social aparelhado de mecanismos que operam as desigualdades raciais dentro da sociedade (Gomes, 1995, p. 55), e esse sistema consegue se renovar perante as novas organizações estruturais, criando barreiras cotidianas e reforçando velhos estereótipos étnicos, como a presença majoritária de mulheres negras nas atividades de serviços de limpeza. (Silva, 2019,

O passado escravocrata alimenta o racismo estrutural de nossa sociedade, culturas do machismo e a do racismo fazem com que mulheres negras permaneçam em trabalhos domésticos. O fardo do trabalho doméstico não acontece por acaso, pois uma construção social acarretou a tudo isso, deixando mulheres negras em empregos mais baixos, excluindo-as de serviços que exigem um maior nível de estudos, e mesmo quando elas acabam atingindo um grau de qualificação. (Silva, p. 101)

De acordo com Nogueira (2021, p. 49)

Quase trezentos anos de escravidão deixaram sobre as costas das trabalhadoras domésticas um enorme fardo simbólico, que mesmo depois de sua abolição, se mantém. A desvalorização do trabalho manual está diretamente relacionada a quem, no princípio da sociedade colonial brasileira, praticava este trabalho, “trabalho de preto”, “trabalho de escravo”. Era incumbência das mucamas o trabalho reprodutivo, desde a cozinha e a limpeza da casa até a criação dos filhos e a satisfação sexual dos senhores. As mucamas livravam as senhoras brancas do cuidado de suas próprias casas e de suas famílias, o que marca a identidade do trabalho doméstico no Brasil, que nos dias de hoje, ainda guarda em suas características as raízes da subordinação destas mulheres negras.

A autora retrata sobre o trabalho repetitivo, que está associado ao que mulheres precisam exercer, no ambiente da casa, como exercer o cuidado emocional, o cuidado com a casa e filhos, realizar limpeza, a organizar, preparar as refeições, estas atividades acabam não sendo valorizadas e não são reconhecidas organização social do trabalho, a explicação para isso, é que esta atividade não é produtiva e não geram produtos, pois esta atividade não produz capital. Como vivemos em um mundo capitalista, não se cria um tempo reprodutivo. (Nogueira, 2021, p. 49)

Tamis (2021, p. 49) destaca:

O trabalho reprodutivo remunerado é marcadamente feminino, porém, ainda há um recorte racial na categoria: 61,6% do total de trabalhadoras domésticas no Brasil são negras. O fardo da escravidão é muito mais pesado para essa grande parcela das domésticas que o carrega há muito mais tempo

Não podemos desconsiderar a realidade em que o serviço doméstico é feminino e principalmente, mulheres negras ocupam esta função. Existe um entendimento que mulheres negras carregam a consequência histórica destes anos de trabalho doméstico em nosso país. (Souza, 2019) Muitas vezes o trabalho doméstico acaba não sendo considerado como uma forma de trabalho. Silva discorre que isto acaba se tornando uma divisão natural entre homens e mulheres, pois “o trabalho da mulher junto à família e às atividades domésticas é entendido como o não trabalho, com a atividade inerente à natureza feminina”. (Liedke, 2006, p. 321, citado por Silva, 2019, p. 106)

A autora Souza (2007, p.16) discorre um pouco sobre a relação da autoestima de mulheres negras sobre seus cabelos:

A estas mulheres não lhes foi dado o direito de agir conforme suas vontades. Os cabelos sempre “denunciados”, “culpados” e “desobedientes”, negando sua branquitude assimilada, ousando erguer-se para a vida, sem se importar com as constantes repressões químicas e técnicas. Estas mulheres foram – e são – vítimas de uma desmascarada função de servir como se fossem um objeto de sustentação da casa ou até mesmo um adorno a ser vestido, usado ou desprezado. E, nem é preciso supor, durante muito tempo essas mulheres estiveram fora das manifestações e reivindicações ditas femininas e feministas.

A pesquisadora enfatiza que uma parcela significativa das mulheres afrodescendentes se engaja em ocupações que demandam considerável esforço, muitas vezes sem uma correspondente remuneração adequada. Dentre essas atividades laborais, destacam-se aquelas relacionadas à execução de tarefas domésticas, tais como a lavagem e a passagem de roupas, a atuação na cozinha, o desempenho de funções como empregada doméstica e serviçal. (Souza, 2007, p. 17) Segundo Souza (2007, p. 17) “ Em termos de tripla discriminação, racial, de

gênero e social, a mulher negra recebe menos que homens brancos e negros e mulheres brancas.”

Souza (2007, p. 16) aborda sobre o processo de marginalização das mulheres negras:

Quando instituições, órgãos e movimentos sociais procuram ressaltar a vitória das mulheres na reivindicação de direitos civis e trabalhistas, algo parece não soar nestas conquistas. A mulher negra, historicamente, viu-se excluída das manifestações por melhorias em todos os âmbitos e tal constatação permitiu a esse grupo de mulheres ultrapassar a barreira do silêncio e mostrar a maneira cruel com que a chamada sociedade tem tratado, em alto e bom som, as grandes conquistas femininas.

A autora destaca que a “[...] discriminação racial é um fato cotidiano que interfere em todos os espaços do mercado de trabalho brasileiro.” (Diesse 2005 citado por Souza, 2007, p. 17)

A territorialidade ajuda a compreender o lugar/territorialidades de mulheres negras brasileiras, e os espaços que elas estão inseridas em nossa sociedade. Refletir sobre as lutas das mulheres negras que giram em torno de seu corpo, como a territorialidade nos possibilita compreender como as diferentes relações de poder são concorridas pelo motivo de sua inferiorização estar ligada ao seu corpo negro e feminino. Refletir sobre o corpo como território proporciona analisar a interseccionalidade de gênero, raça e classe em sua concretude do corpo, como lugar de opressão e assim de resistência. (Manzi; Anjos, 2021)

Aprofundar no assunto das territorialidades de mulheres negras na proporção do corpo, representa quebrar o ciclo da oposição entre o espaço público e privado, reforçando o ditado feminista de o que é pessoal é sempre político. (Manzi; Anjos. 2021)

As autoras discorrem sobre como a interseccionalidade está atrelada com as territorialidades do trabalho doméstico diante disso “[...] interseccionalidade de raça, classe e gênero nas territorialidades relacionadas ao âmbito da casa. No Brasil, a divisão social do trabalho, a figura da mulher negra tem sido historicamente associada ao trabalho doméstico como principal estruturação da casa-grande.” (Manzi; Anjos, 2021, p. 14)

Além disso, o trabalho doméstico foi constante na vida das mulheres negras, como somente o único meio de emprego ofertado para estas mulheres. (Manzi; Anjos, 2021)

A partir disso nos perguntamos, onde estão as mulheres negras em nossa sociedade? As autoras discorrem que em nosso país as mulheres negras se encontram nos confins da sociedade e de seus direitos, sujeitas a passarem por situações indignas para seu próprio sustento, diante de um modelo de urbanização desigual, caracterizado pelo colonialismo, capitalismo e patriarcado, em que seu direito de ter direitos é sistematicamente negado. (Manzi; Anjos, 2021)

Além disso as autoras descrevem o lugar do negro e do branco, e referem-se as condições de vida destes dois grupos:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (Gonzalez, 1982, p. 15 citado por Manzi; Anjos, p. 18, 2021)

Gonzalez (1980) retrata em sua obra que o principal lugar do branco são em locais onde suas moradias boas, em lugares bem localizados da cidade, com direito a segurança, como policiamento, referenciando que desde o período colonial, da casa grande, aos mais modernas construções. Porém “o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço” (Gonzalez, 1980,p. 232)

A partir do que referencial teórico aqui apresentado, parece que se torna evidente que as territorialidades das mulheres negras não se limitam apenas às suas vivências físicas e materiais, mas também incluem suas experiências subjetivas, culturais e simbólicas. A forma como essas mulheres são posicionadas e representadas nos espaços públicos e privados reflete não apenas as desigualdades estruturais, mas também as resistências e reconfigurações que elas realizam em suas lutas por reconhecimento, dignidade e justiça social.

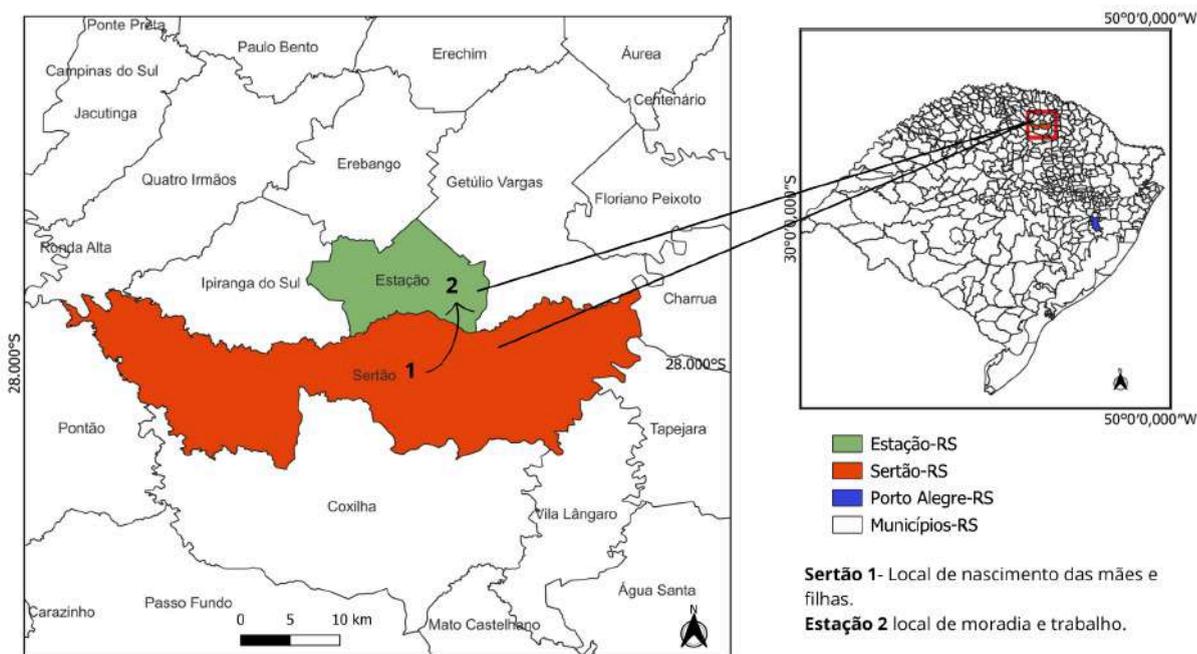
Portanto, ao correlacionar território e interseccionalidade, podemos captar melhor as complexas interações entre raça, gênero, classe e outros marcadores sociais que moldam as experiências das mulheres negras nos contextos urbanos e rurais em diferentes espaços e tempos do Brasil. Essa abordagem não apenas ilumina as condições desiguais em que vivem, mas também proporciona *insights* valiosos para políticas públicas e ações que visem reduzir as disparidades e promover a inclusão e a igualdade para todas as mulheres, independentemente de sua origem racial ou étnica.

Capítulo 3 - COMO VIVEM AS MULHERES MULHERES NEGRAS DAS TRÊS GERAÇÕES FAMILIAR DO LOTEAMENTO POPULAR ALIANÇA 1

O recorte espacial selecionado para este trabalho é o Loteamento Popular Aliança 1, localizado no bairro Santana, em Estação/RS. Criado entre os anos de 1990 e 1991, o com uma entrevista feita ao secretário de desenvolvimento econômico da prefeitura no dia 29 de maio de 2024 ele destacou que o loteamento foi implementado para realocar famílias que viviam à beira do trilho. Durante a primeira gestão do Prefeito Guido Comim. (Ver no apêndice C)

Mapa 1- Estação/RS - Sertão/RS: localização dos município no estado do RS

Trajetórias socioespaciais das moradoras do loteamento Estação/RS - Sertão/RS

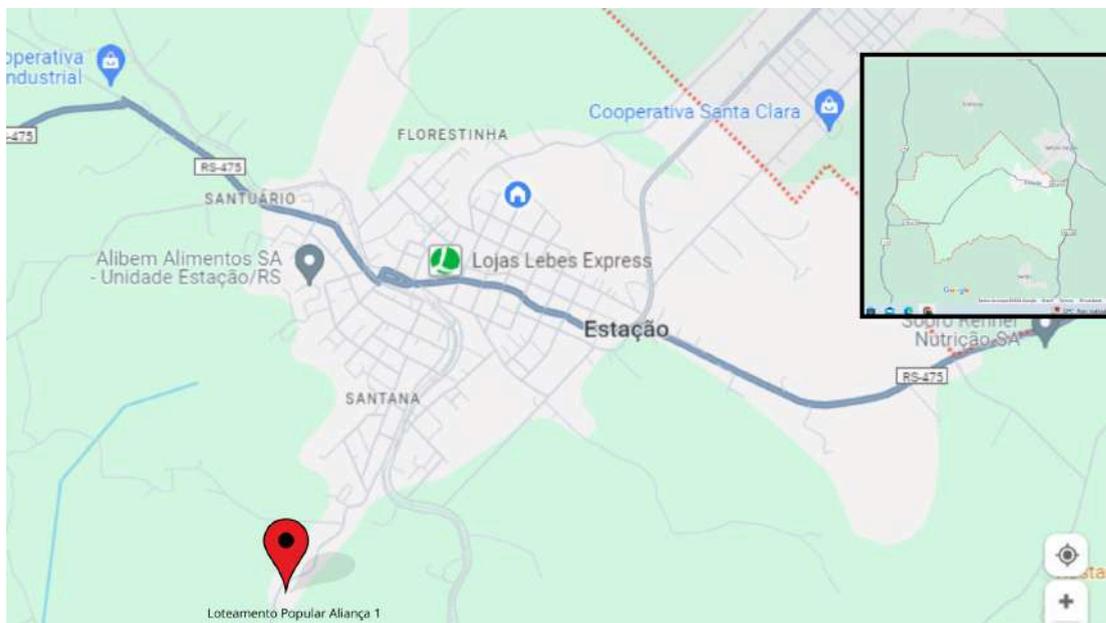


Elaboradora: Anelise Lima.

Fonte: organizado pela autora, 2024

O município de Estação tinha uma população de 5.582 habitantes em 2022, de acordo com o IBGE. Segundo o Censo de 2010 no bairro Santana, 13,60% (131) dos moradores são negros e 86,40% (832) são brancos, indicando que os moradores negros são minoria no bairro pesquisado.

Mapa 2 - Estação/RS: organização espacial do espaço urbano e localização do Loteamento Aliança 1



Fonte: Google Maps, 2024.

A cidade apresenta uma unidade territorial de 99,757 km² (IBGE, 2019). O município tem pertencimento à zona colonial de Erechim e está inserido na Mesorregião geográfica-Noroeste Rio-Grandense e na microrregião geográfica de Erechim, com 38km aproximadamente de distância. Possui uma altitude média de 680 m acima do nível do mar. Sua Latitude é de 27° 54 '39 "S e sua Longitude é de 52° 15' 36" W. (HISTÓRIA, 2020) No mapa acima é possível identificar a extensão territorial do município.

Durante nosso trabalho de campo, observamos várias casas de madeira aparentemente antigas no loteamento popular (fig. 1,2 e 3). Todas compartilham uma estrutura semelhante, caracterizada por sua simplicidade e falta de áreas de lazer. É evidente que essas casas preservam a estrutura original desde os primórdios do loteamento.

A seguir, descrevemos uma típica casa deste conjunto.

Figura 1: Casas do loteamento popular.



Fonte: Lima, 2023

Ao questioná-lo sobre a criação do loteamento, ele relatou que foi construído com recursos do próprio município e de um fundo perdido do Governo Federal² para a ampliação e execução da infraestrutura urbana do loteamento. Durante a entrevista, o secretário explicou que os critérios para o recebimento das casas incluíram o fato de que foi por serem famílias que estavam em situação de vulnerabilidade, na qual que residiam em barracas à beira da estrada de ferro na época. Diante da entrevista ele constatou que aproximadamente 25 famílias residem, atualmente, no local.

Figura 2: Casas do loteamento Popular

² Durante a entrevista, não obtivemos acesso a informações adicionais sobre o financiamento destinado à criação do loteamento, especificamente no que concerne ao fundo perdido oferecido pelo Governo. Ao questionar o secretário responsável pela alocação dos recursos durante a entrevista, não foi possível obter uma resposta esclarecedora



Fonte: Lima, 2023

Ao realizar trabalho de campo no loteamento percebemos a situação das casas no loteamento. As madeiras parecem ser antigas, construções irregulares como mostra a figura 2 somente para abrigar uma família.

Figura 3: Casas do loteamento Popular



Fonte: Lima, 2023.

Na entrevista com o secretário buscamos entender como era o processo de coleta seletiva na cidade, ele destaca que o processo de coleta seletiva ocorre normalmente nos dias da semana, segundas, quartas e sextas a coleta de lixo orgânico e terças e quintas é feita a coleta de lixo seco. Ao visitar o local ano de 2023 identificamos um local inadequado onde o lixo era depositado pelos moradores.

Figura 4: Local onde os moradores colocam os resíduos maiores.



Fonte: Lima, 2023

Ao questionar o secretário sobre quais são as políticas públicas e aos serviços que os moradores têm acesso e de acordo com o ele os moradores têm acesso a políticas públicas, a educação, saúde e assistência social. Ao final da entrevista perguntei a ele se haviam problemas recorrentes com os moradores, e como eram enfrentados, o secretário afirmou que não existiam problemas com os moradores.

Ao realizar o trabalho de campo no loteamento percebemos que os moradores vivem segregados, em relação a estrutura dos outros bairros da cidade. Durante a visita no loteamento, os pontos analisados foram o padrão de construção das casas, todas casas de madeira, a largura da via, na qual possui apenas duas saídas, a presença de entulhos, e o local onde os moradores depositam o lixo de forma incorreta. Analisamos que o loteamento possui, iluminação pública, a presença de pavimentação, a falta de espaço para lazer, as casas não possuem pátio e não tem um espaço adequado de divisória Diante da análise realizada no loteamento notamos a desigualdade socioespacial entre os demais bairros da cidade.

Segundo Corrêa (1989) na sociedade de classes encontram-se as desigualdades sociais diante do acesso aos bens e serviços oferecidos socialmente. Segundo o autor o direito à moradia é um desses recursos, no qual a aquisição é limitada, onde grande parte da população não consegue ter acesso, o que significa que não possui renda suficiente para pagar aluguel de uma moradia digna e muito menos para comprar uma propriedade.

Este é um dos problemas de exclusão mais importantes que, contudo, não acontece de forma separada ligados a ele estão a fome, as doenças, a falta de acesso à educação, o desemprego ou subemprego, e até mesmo a serviços mal remunerados. (Corrêa, 1989) É a

partir do lugar que os grupos que os grupos sociais excluídos se tornam de fato, agentes modeladores, criando seu próprio espaço, muitas vezes independentemente, como foi o caso dos moradores que residiam a beira trilho e com desgosto de outros. (Corrêa, 1989)

Com base no trabalho de campo realizado e nas entrevistas conduzidas com o secretário de desenvolvimento econômico, apresentaremos a seguir as entrevistas realizadas com as moradoras do Loteamento Popular Aliança 1. Nosso objetivo é representar fielmente a realidade dessas mulheres por meio de suas próprias narrativas, proporcionando uma visão detalhada e autêntica de suas experiências. Esta abordagem permite uma compreensão mais profunda das condições de vida e dos desafios enfrentados por estas moradoras, bem como das dinâmicas sociais e econômicas que moldam suas vidas diárias. As entrevistas fornecem uma perspectiva em primeira pessoa que é essencial para a análise interseccional de gênero, raça, e classe no contexto específico do loteamento.

3.1 - O loteamento pela perspectiva das entrevistadas.

Durante as entrevistas realizadas com as mulheres moradoras do Loteamento Popular, todas mencionaram ter vindo do Quilombo da Mormaça, situado no município de Sertão, RS. Das sete entrevistadas, cinco ainda residem no loteamento: Carolina, Rosa, Nina, Venus e Serena. As outras duas, Djamilia e Conceição, já não moram mais lá, mas passaram grande parte de suas vidas no local. Todas relataram que a principal razão que levou suas famílias a se mudarem para o loteamento foi a busca por emprego.

Anelise: E o que trouxe a família de vocês a residir em Estação?

Serena: Falta, acho que, de... emprego, porque eles venderam as terras, trocaram as terras lá e vieram pra cá, atrás de emprego.

Carolina Por que não tinha serviço lá, a procura de serviço nós viemos.

Anelise: E tu lembra o que trouxe a família de vocês a morar em Estação?

Conceição: Eu acho que o custo de vida. É, lá era muita pobreza, muita... É não tinha emprego não tinha nada. Pouca aquelas, agricultura, a gente não tinha muita terra, né? Custo de vida mesmo trouxe nós pra cá. Aqui daí, tinha serviço. Tinha emprego. Tinha. Aquela época lá tinha o silo, o da Cotrigo. O pai veio trabalhar ali.

Rosa: Serviço.

Através das falas das avós e filhas mais velhas analisamos que a mudança de cidade estava relacionada à falta de emprego. Segundo Lustosa (2011) o espaço geográfico não

somente indica a passagem da história como revela seus personagens de forma consciente. No decorrer da história, o espaço geográfico desde sempre foi instrumento de compartimentação.

A partir disso podemos pensar a relação entre corpo e espaço:

A imaginação geográfica capaz de questionar a relação entre corpo e espaço emergiu apenas no final do século XX e início do século XXI. Os corpos são materiais, possuem forma e tamanho e inegavelmente, 'ocupam' um espaço físico. Por meio de ações os corpos produzem mercadorias. Sendo assim, o estado corpóreo como saúde, doença, força física, capacidade reprodutiva e habilidades manuais são elementos de intensa associação entre corpo e sociedade e, portanto, espaço. Toda energia despendida e sua incorporação ao maquinário, bem como a divisão de tarefas que cada corpo executa, contém espaço, como propõe Callard (1998). (Silva *et al*, 2018, p. 69)

Para discutirmos tais mudanças, relacionamos como o espaço urbano influencia o vínculo entre raça, exclusão e pobreza. (Silva, 2018) A partir disso podemos pensar como o espaço de onde estas mulheres viviam as trouxeram para outra cidade, e como ainda enfrentam os processos de exclusão, onde a primeira moradia foi na beira trilha e em seguida passaram para o loteamento. Estas mulheres, depararam-se com manifestações distintas e implícitas de preconceitos, segregação, falta de oportunidades no mercado de trabalho assim refletimos sobre os lugares ocupados por mulheres negras. (Souza, 2007)

Diante das entrevistas realizadas, observou-se que o local de maior preferência entre as mulheres é a igreja. As entrevistadas Conceição, Venus, Serena e Rosa mencionaram que, em seus momentos de lazer, preferem frequentar a igreja, assistir novelas e permanecer em casa. Notavelmente, apenas Conceição destacou que costumava levar seus filhos a um espaço público da cidade. Por outro lado, Carolina manifestou preferência por assistir novelas e ficar em casa. Assim, conclui-se que os espaços públicos de lazer não fazem parte do cotidiano da maioria das famílias das mulheres entrevistadas.

Souza (2007, p. 19) destaca porque existem alguns espaços no qual mulheres negras não se sentem à vontade:

Dessa forma, questionamos em que medida alguns espaços vão se delimitando como acolhedores da “sociedade branca” (SANTOS, 2002) em detrimento da população negra. De que forma as relações raciais apresentam certa dimensão espacial? Como se configuram as relações de gênero em âmbitos espaciais também demarcados? Qual a relação da mulher negra com o espaço em que vive, incluindo aí as relações sociais e o perfil da sociedade que a cerca e da qual faz parte?

A concordância da desigualdade estabelece o lugar das mulheres negras em nossa sociedade. De acordo com Carneiro (2002 citado por Souza, 2007)

A naturalização das diferenças acaba por determinar uma posição indigente à mulher negra em nosso país e, o que não se leva em conta, é o fato de a questão da mulher negra oferecer uma possibilidade de redefinição das questões de gênero, pela síntese que ser mulher negra opera enquanto elemento que agrega as condições de raça, classe e gênero.

“Sentimento de pertencimento das mesmas em determinados espaços, tanto públicos quanto privados.” (Souza, 2007, p 20) Reconhecer a existência de segregação espacial atrelada à segregação étnicoracial abre caminho para um debate aprofundado sobre as desigualdades nas trajetórias de vida das mulheres negras.

No segundo bloco, propomos analisar como as mulheres organizam a rotina doméstica e se contam com alguma assistência durante a semana de seus companheiros. Com base nas declarações das entrevistadas, constatamos que todas realizam tarefas domésticas, tais como limpar a casa, fazer compras, cuidar dos filhos e participar de reuniões escolares. Essas responsabilidades também são frequentemente atribuídas às filhas, que ficam encarregadas de preparar refeições, limpar a casa e participar das reuniões escolares. Um exemplo é a entrevistada Venus, que não só convive com seus filhos e neta, mas também assume a responsabilidade pelo cuidado de terceiros. Portanto abordamos como a dupla jornada de trabalho está presente na vida de mulheres negras.

A dupla jornada de trabalho exercida por mulheres negras abrange tanto o trabalho remunerado fora de casa quanto às atividades domésticas e de cuidados, que são frequentemente desvalorizadas e não remuneradas. Essas tarefas são naturalizadas como responsabilidades femininas, para as quais as mulheres são socializadas desde a infância. O trabalho doméstico e remunerado, muitas vezes realizado em jornadas duplas ou triplas, é particularmente intenso para as mulheres empregadas no setor de limpeza, que executam as mesmas tarefas nos âmbitos produtivo e reprodutivo (Silva; Tédde, 2019, p. 95)

No terceiro quadro de perguntas, voltadas para questões relacionadas ao trabalho, investigamos se essas mulheres enfrentaram a dupla jornada de trabalho na infância, auxiliando seus pais nos afazeres domésticos, cuidando da casa e dos irmãos. As entrevistadas Carolina, Conceição, Venus, Serena, Nina e Rosa relataram que desempenhavam tarefas como cuidar dos irmãos, da casa e trabalhar na lavoura junto com seus pais. A entrevistada mais jovem, Djamila, atualmente realiza atividades relacionadas ao cuidado da casa e dos irmãos.

Em seguida ao abordar sobre o trabalho exercido por estas mulheres, constatamos que Carolina está aposentada mas, quando trabalhava, relatou o percurso que fazia, até outra

cidade, onde trabalhava na indústria chamada Perdigão na cidade de Marau/RS, a viagem durava cerca de uma hora, relata que não precisou mudar de cidade e que a empresa sedia o transporte. Conceição e Venus também encontra-se afastada do emprego, uma por diagnóstico de depressão e a outra por ter doença crônica. Apenas Serena trabalha na cidade como servente na prefeitura seu deslocamento é feito de carro ou a pé. Nina também não está trabalhando e Rosa está afastada do emprego por necessitar cuidar de seu companheiro.

Das mulheres entrevistadas, apenas Serena está atualmente empregada, desempenhando tarefas relacionadas à limpeza na prefeitura da cidade. Entre as entrevistadas que já exerceram trabalho doméstico, na primeira família estudada, Carolina relata que não teve experiência com o trabalho doméstico, mas seu primeiro emprego foi em uma fábrica chamada Foquito. Em contraste, tanto Djamila quanto Conceição tiveram o trabalho doméstico como sua primeira ocupação profissional.

Gonzalez (1980, p. 233) retrata como “[...]a mucama “permitida”, a empregada doméstica só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo a mucama com todas as letras.” Ao perceber que a maioria das mulheres passaram pelo trabalho doméstico, e ainda continuarem a exercer tal função no dia a dia. Através de Gonzalez (1890, p. 233) abordamos as empregos exercidos pelas mulheres negras:

Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em “lidar com o público”? Ou seja, em atividades onde não pode ser prevista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será, que nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é natural que ela seja servente nas escolas, supermercados, hospitais [...]

Na família de Rosa e Nina mãe e filha, seus primeiros empregos também estão relacionados ao trabalho doméstico no cuidado de crianças e limpeza de casa. Rosa relatou que na época ficava a semana toda na casa de sua patroa e retornava para casa nos finais de semana, mesmo o trabalho sendo na mesma cidade e Nina acabou cuidando de uma criança por um curto período de tempo e mais tarde foi para outro emprego.

Diante das oportunidades de trabalho na cidade, as mulheres de todas as gerações, desde as mães até as filhas, ingressaram nas indústrias locais como forma de prover o sustento familiar. A Cotrigo, frigorífico de grande porte, e a fábrica de doces e conservas, ambas localizadas na cidade de Estação/RS, se destacaram como principais empregadoras das entrevistadas.

Ainda em Gonzalez (1980, p. 226), retrata os principais papéis desenvolvidos por mulheres negras, são eles: “[...] cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados.”. Percebendo o enorme espaço que o trabalho ocupa na vida de mulheres negras é discutido o tempo gasto do trabalho doméstico na vida destas mulheres:

No Brasil, o trabalho doméstico ocupa em média 18,1 horas semanais de uma mulher brasileira, sendo 73% de tempo desprendido em relação aos homens, que dedicam uma média de 10 horas semanais (PAINS, 2018). As pesquisas apontam, ainda, que todas “as mulheres realizam tarefas em casa e 71% dentre elas não contam com qualquer ajuda masculina e que cerca de 60% acreditam que os maridos dão mais trabalho do que ajudam”. (Silva, Araujo, Sposato, 2021, p. 9).

A posição enquanto trabalhadoras domésticas como uma forma de exibição ao dano é um instrumento de fragilidade social e política “[...] entendida como o resultado de pertencer a um grupo, gênero, localidade, ambiente, condição socioeconômica, cultura ou ambiente que torna os indivíduos vulneráveis”, Feito (2007, p. 08 citado por Silva, Araujo, Sposato, 2021, p. 5-6)

Vale aqui ressaltar que podemos compreender o trabalho doméstico como um lugar de vulnerabilidade onde um grupo de mulheres negras se encontra nessa situação. Também, significa um fragmento social que por muitos tempo esteve invisível. (Vieira, 2007, p. 43, citado por Silva, Araujo, Sposato, 2021, p. 6).

Para isso destacamos a invisibilidade presente nas condições do trabalho doméstico onde as trabalhadoras sofrem com a falta de empatia e reciprocidade em suas funções que historicamente foram despercebidas e desmerecidas. Segundo as autoras, “a invisibilidade do trabalho doméstico decorre de suas características: predominantemente informal, mal remunerado, com cargas horárias extensas e sem a devida compensação.” (Guimarães, 2020, p. 6).

As mulheres através de seus relatos demonstraram que sentiam incertezas em permanecer no emprego. A fábrica de doces e conservas Foquito, apareceu durante os relatos onde Conceição, Serena e Venus sentiam mais incertezas em continuar pois sabiam que seriam demitidas ao final da safra:

Conceição: *Na Fuquito. O primeiro emprego que nós peguemo aqui, no frigorífico, foi na Fuquito. Mas a gente sempre tinha, né, quase certeza que terminava a safra e tu ia para rua. E era o que acontecia. Uma vez só que eu passei, daí fui para o frigorífico, de tanto lutar, ir atrás e falar co encarregado falar com outro..., que eu conseguia ir*

pra lá, pro frigorífico. Porque senão era principalmente que eles mandavam pra, pro frigorífico, era as mulher brancas, né? As preto-negra eram as primeiras a ir pra rua.

Anelise: Pro frigorífico que daí era de... de corte?

Conceição: *É. Ah, que quando tinha a Fuquito que era de conserva e coisa, daí era só safra. Mas a maioria daí passava pra lá, ficava. É, nós ó!*

Serena: *Dificuldade porque não tinha um estudo, vamos supor, né. Porque não tinha um curso concorrido. É bastante dificuldade pra chamar. Era só a Fuquito que te contratava porque tu tinha... era a Safra.*

Venus: *Era a Safra, só a Safra. Terminou a safra nós ia pra rua.*

A partir dessa parte da entrevista, podemos concluir que as mulheres negras entrevistadas sentiam uma grande insegurança em relação à estabilidade no emprego, especialmente na fábrica de doces e conservas Foquito. Esse sentimento de incerteza era agravado pelo conhecimento de que, ao final da safra, elas eram frequentemente as primeiras a serem demitidas. Conceição relata que, apesar de conseguir uma vaga no frigorífico após muita insistência, essa oportunidade era normalmente concedida às mulheres brancas. Serena e Venus reforçam a ideia de que a falta de educação formal e qualificações dificultava ainda mais a conquista de empregos estáveis, deixando a safra como a única opção disponível, seguida inevitavelmente pelo desemprego ao seu término.

Ao perguntar sobre o trabalho dos filhos, Serena revela que seu filho mais velho exerce função informal como a de ir fazer lenha, construir cercas, Nina relata que seus filhos mais novos não trabalham e o filho do meio trabalha em uma lavagem de carros, e o mais velho recebe benefício pela sua condição de saúde. Rosa também aborda que seus filhos mais velhos trabalham com solda e o outro em um frigorífico de suíno, Carolina não recorda a função de cada filho e Conceição descreve que seus filhos mais novos estudam e os outros filhos trabalham em um frigorífico.

Diante disso, podemos considerar que estas famílias mudaram de cidade pela condição de vida que tinham no Quilombo em busca de uma nova condição de vida e de emprego na cidade de Estação/RS estas famílias permanecem em empregos informais, na cidade, e a busca de emprego ainda é um fator presente em suas vidas. Analisando estes fatores podemos considerar uma continuidade nas territorialidades, segundo Saquet (2009, p. 88 citado por Manzi, 2021, p. 10) “nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.” A territorialidade

auxilia a compreender o lugar e ou territorialidades de mulheres negras brasileiras, e os espaços que elas estão inseridas em nossa sociedade. (Manzi, 2021)

Diante das limitadas oportunidades oferecidas na cidade, o trabalho informal configura-se como realidade para muitos jovens, como evidenciado pelas histórias das entrevistadas. A partir destes relatos podemos afirmar que mesmo que disponham de ascender socialmente, em vínculos profissionais a população negra retrata notavelmente a presença em subempregos mal pagos, impossibilitando a aceitação de homens negros e mulheres negras em empregos que necessitam de qualificação trabalhista e qualificação escolar. (Souza, 2007)

Segundo Silva e Tédde (2019 p. 98) “ o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2017) realizou estudos mostrando que as mulheres negras que trabalhavam em empresas terceirizadas estavam entre a população mais vulnerável de trabalhadores.” De acordo com Silva (2019, p 98) “[...] mulheres negras presentes nas atividades ligadas a limpeza ou a alimentação, possuem poucas possibilidades de seguir carreira ou serem promovida.” O próprio sistema faz com que pessoas negras não ascendam socialmente, não tenham chances de se desenvolver, pois ele acaba criando barreiras para que a ascensão seja gerada.

Diante dessas barreiras, as mulheres negras procuram trabalhos que ofereçam maior receptividade para sua inserção, como o serviço de limpeza. (Silva; Tédde, 2019) para concluir, afirmamos que investigar a realidade das trabalhadoras é crucial, pois, além de compreendermos suas condições de trabalho, permite dar voz às mulheres que estão socialmente ocultas por um véu que, embora transparente, é suficientemente opaco para fazê-las desaparecer.(Silva; Tédde, 2019)

O contexto da dupla jornada de trabalho que cerca o dia a dia de mulheres negras. A autora descreve a esfera pública e privada, onde o contexto público a mulher realiza um papel na sociedade, com um trabalho, sendo formal ou informal, na esfera pública, com atividades na qual realiza em residências, por meio do serviço doméstico. Já na esfera privada os meios de trabalho acabam sendo desvalorizados e vistos como femininos, quando exercidos por homens é considerado injusto e que precisa ser desempenhado apenas por mulheres. (Silva, Tédde, 2019, p. 104)

Diante da conversa com mulheres negras, Souza (2007) destaca em sua obra na qual entrevistou mulheres negras, durante as entrevistas elas identificaram quem são, e como gostam de ser quem são, a autora destaca que a auto-estima foi um fator importante na vida das entrevistadas, a partir disso, ela identificou que essas mulheres pois puderam exigir seus direitos, questionar injustiças e inquietações presentes na vida de mulheres negras. Abordando

também a solidão de mulheres negras na infância, presentes em amizades, sem ligações com outras pessoas negras, o desprezo dos colegas, o medo de expor a opinião própria.

Souza (2007) destaca como o estudo de gênero foi um fator importante em sua pesquisa:

O estudo do gênero também foi um elemento de suma importância nesse trabalho, no sentido de que pude mesclar a categoria raça e, assim, me ater sobre mulheres negras na condição de professoras. Para Bairros (1995), o conceito de mulher traz de forma implícita a dimensão do sexo biológico e o gênero, uma construção social. A reinvenção do que vem a ser mulher acaba por afirmar estereótipos da sociedade patriarcal que a vê enquanto passiva, emocional e, assim, justifica a forma de lidar com o gênero.

Souza, (2007) destaca que a condição das mulheres negras em nosso país tem origens do encadeamento do trabalho escravo oriundos do período colonial, que persistem ainda em outros modelos. No período colonial, as atribuições das mulheres negras eram baseadas no trabalho em lavouras, as demandas domésticas, prestação de serviços na cozinha da casa grande, em cuidar da mulher dos senhores de engenho, ou ainda como ama ou mãe preta. (Souza, 2007)

No quadro de educação as entrevistadas relatam que o que ocasionou a desistência dos estudos foi o trabalho na roça e a gravidez dos filhos. As entrevistadas, Carolina, Conceição, Serena e Nina tinham como sonho na infância seguir a carreira docente, Rosa, tinha o sonho de ser vendedora, mas as quatro entrevistadas expressaram desejo de serem professoras. As entrevistadas Conceição, Serena, Venus e demonstraram seguir os estudos através do ENCCEJA, Nina expressou desejo de prosseguir os estudos, junto com seus filhos. A maioria das famílias incentivava, a seguir nos estudos.

Segundo os autores, “dar voz às mulheres negras em condição de trabalho doméstico e descortinar os véus de uma opressão que ainda parece cegar nossas elites, resistentes e refratárias ao reconhecimento de garantias e direitos fundamentais aos mais vulneráveis.” (Silva, Araujo, Sposato, 2021, p. 22)

Segundo Souza (2007, p. 27) “[...]a classe média não quer ser cidadã, os pobres, as mulheres, negros e negras não o podem ser. Na verdade, eles compõem o quadro das cidadanias mutiladas no trabalho, na remuneração, nas oportunidades de promoção, na localização da moradia, na educação e na saúde. Para o processo de recebimento das casas Carolina, Venus, Rosa, as mulheres mais velhas entrevistadas relatam que ganharam as casas da prefeitura. Todas as entrevistadas residiam à beira do trilho. Todas as entrevistadas

Anelise: Como foi o processo para receber as casas no loteamento pela prefeitura, foi por sorteio? a prefeitura tirou de lá?

Carolina: a prefeitura tirou de lá, e boto aqui, primeiro eles fizeram as casa depois viero trazendo tudo... eles que fizeram

Anelise: Foi por sorteio?

Carolina: Não, eu acho que não, porque tudo que morava assim que tava morava na beirada dos trilho, trouxero pra cá, agora os outros não sei se foi sorteio. Porque uns eu acho que foi sorteio, sim.

Todas as entrevistadas lembram que a o loteamento não tinha pavimentação, a luz elétrica era somente nas residências. As casas não possuíam saneamento, como esgoto e Conceição e Rosa relataram em suas narrativas que tinham uma patente em cada casa.

1. **Conceição:** No loteamento, quando nós fomos morar lá. Meu Deus, pra nós era um luxo, pra quem morava na beira do trilho e não tinha nada praticamente, não tinha nem banheiro, não tinha luz, não tinha nada, era patente. Quando viemos morar ali, tinha patente, mas era uma patente bem feitinha, né? E daí tinha luz, tinha água. Porque quando nós morávamos lá na beira do trilho, lá não tinha água, não tinha luz. E quando viemos pro o loteamento, pra nós era um luxo.
2. **Rosa:** Era meia-água. Dois cômodos. Nem banheiro, não tinha banheiro. Banheiro uma patente, nós tinha que puxar manga. I lá na patente pra tomar banho lá. Que se não... Quando tu via... Quando chovia, os quatro, cinco, tomar banho lá, tava cheio de água. Era bem... sofrido.
3. **Rosa:** Fomos aumentando, que nem o banheiro nós tivemos que fazer por conta própria, eles deram a casa, e não deram o banheiro.

Ao analisar se as entrevistadas enfrentaram alguma discriminação por serem moradoras do loteamento, ou por ser mulher, e se sentiam discriminação na cidade?

Anelise: E você já sofreu alguma discriminação, assim por ser mulher ou por morar aqui no loteamento, se você sentiu alguma coisa em relação a cidade?

Serena: Já, já. Já sofremos, a gente sofre bastante isso. Tu mora lá naquele bairro, tal bairro. Ah, tu mora lá no aliança? Meu Deus, por que você mora lá? O que você está fazendo lá, morando lá?

Venus: No Pombau.

Rosa: Aqui nós somos desprezados, é vila e...é difícil entrar, arguem que fazer um... pra da alguma ajuda, alguma coisa, sabe com a gente tá comê que a gente não tá...

Rosa: nem assistente social.

Nina: A única coisa, quando dizem, ha lá no pombal, lá no pombal.

Conceição: É. Do Pombau, falavam que é do Pombal mesmo. que nem casinha de pomba, era uma em cima da outra. Daí colocaram lá como Pombal. Daí diziam as negrinhas do Pombal. Sempre eram as negrinha do Pombal, as negrinha do Pombal.

Através da narrativa destas cinco mulheres pudemos perceber que elas sentem a discriminação que vem em relação a cidade onde moram, identificaram o apelido que o loteamento, chamado de Pombal, isto vem pela construção antiga das casas, onde todas relatam que as casas eram divididas em duas peças, cozinha e quarto. Através disso podemos abordar que lugar que estas mulheres viviam era de uma infraestrutura precária, diante disso repensemos o lugar do branco em nossa sociedade, onde tem acesso a belas moradias, localizadas em pontos de fácil acesso da cidade e com maior segurança, onde não enfrentam violência policial. A começar da casa grande e até o sobrado, nas mais belas residências, o sistema continua o mesmo. (Gonzalez, 1980, p. 232)

“A afirmação de que existe segregação espacial combinada à segregação étnicoracial possibilita uma discussão sobre as trajetórias [...]” (Souza, 2007, p. 20) Percebemos através das entrevistas como esse grupo de mulheres pensa o espaço onde vive, suas percepções sobre seus contextos e a realidade existente. Descrevendo a partir de suas realidades o lugar e o que já passaram nele interpretando a espacialidade e temporalidades através da observação sensível e crítica de um grupo social. (Souza, 2007, p. 21)

Segundo Souza(2007, p. 26) no momento em que “[...] a discriminação e o racismo não se institucionalizam, podem ser percebidos por meio da contradição entre os cidadãos e não-cidadãos que têm seus direitos negados, ignorados e limitados.” Diante disso percebemos um direito especial que representa a metade da população quando tratamos da existência da cidadania fragmentada “não existem cidadãos plenos no Brasil, visto que uma parcela da sociedade abastada não procura direitos dignos de um cidadão, mas sim privilégios dos quais a maioria excluída não tem acesso” (Santos, 1996 citado por Souza, 2007)

Na pesquisa acabamos também relacionando a questão do lugar onde as famílias negras vivem, onde direcionamos os olhares para a segregação racial existente no loteamento popular, atrelado junto a segregação racial. Souza (2007, p. 19) destaca que “trata-se igualmente de constituir um saber que conjugue a reflexão sobre raça com a(s) teoria(s) acerca do espaço”

A autora ressalta o modo como as mulheres se sentem na cidade:

[...] observei a forma como as [...] vivem e moram [...], certamente, compartilham de fragmentos desta cidade enquanto integrantes de um grupo social marginalizado. As fragmentações do espaço urbano, os lugares, “são dotados de uma realidade físico-sensível, que corresponde a um uso do espaço, logo a uma prática socioespacial na medida em que permite ações, ora sugerindo, ora impedindo, e na sua realização produzem diferenciações (Santos 1996, p. 67 citado por Souza, 2007)

A cidade, para os diferentes grupos sociais, este espaço resulta a vivência de uma forma subdividida, evitando a aproximação direta entre os grupos e as classes sociais, religião e raças diferentes (Souza, 2007)

Percebemos que a vivência destas mulheres influencia no cotidiano, por serem moradoras de um loteamento popular, por mudarem de cidades e terem origens quilombolas. Através das entrevistas compreendemos que a corporalidade condiz com a representação do corpo, o lugar destas mulheres no mundo, como são vistas a partir dele. Com toda a segregação, a exclusão destas mulheres, moradoras de um loteamento popular, destacamos que o preconceito vivido por elas é anexado ao seu corpo, sua identidade e suas origens. (Souza, 1996)

Gonzalez (1980) fala sobre o lugar do negro em nossa sociedade:

Já o lugar natural do negro é oposto, evidente: da senzala as favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos habitacionais. No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujo as condições de gênero e saúde são as mais precárias. Além disso, a que também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É porque se entende por que o outro lugar natural do negro sejam as prisões

Percebemos através das entrevistas que a violência policial, a exclusão dos moradores por não terem acesso ao saneamento básico, como vimos através da entrevista Venus, que relata ter a casa infestada de pragas, que poderiam ser contidas se os moradores fossem dignos de um tratamento adequado, ao não conseguirem outras vagas de emprego, a não ser em frigoríficos mas em outros tempos essas vagas não eram ofertadas a eles. Ao final da entrevista as entrevistadas relatam sentir limitações aos espaços que podem ou não podem estar na sociedade.

A entrevistada Conceição expressou como ela se sente ao visitar um espaço público com seus filhos e de como o racismo cerca sua família. Serena também fala sobre a violência policial, de como o abuso das autoridades está presente no loteamento. Para isso destacamos

que a interseccionalidade, ferramenta analítica nos mostra que as diferentes opressões que afetam especialmente mulheres e meninas negras. (Silva, Araujo, Sposato, 2021)

Depois de todos os relatos, é importante finalizar com sonhos das entrevistadas, ao final de cada entrevista, elas destacaram que ainda tem um sonho presente, em suas vidas, Carolina quando criança sonhava em ser professora, hoje em dia sonha em sair do loteamento. Conceição, quando criança sonhava em ser professora, atualmente sonha em ver os filhos bem, reformar sua casa, sua Filha Djaila pretende terminar os estudos.

Nina, também revela que seu sonho de infância que era ser uma professora de educação física, sua mãe Rosa descreve que sempre teve sonhos mas nunca foram realizados, ao perguntar se queria seguir alguma profissão ela relata que queria ser uma vendedora de loja. Venus em sua narrativa deseja sair do loteamento. Serena ao falar dos seus sonhos, expressa com convicção que quer trabalhar como conselheira tutelar e ainda quer ser uma educadora, embora seu sonho na infância também fosse esse, a entrevistada ainda continua estudando para finalizar a educação básica.

Embora sejam sonhos parecidos, percebemos o quanto o desejo de estudar destas mulheres sempre esteve presente, a educação aparece como um fator significativo na vida das entrevistadas, concluímos que o trabalho doméstico, foi o primeiro emprego de algumas entrevistadas, embora a família o trabalho doméstico estar presente na vida de Carolina, Conceição e Djamilia. Nas famílias das entrevistadas Serena, Venus e sua mãe e na família de e Nina.

Podemos fazer uma comparação entre as mulheres que foram libertadas da escravidão, sobretudo mulheres negras, que agora em nossa sociedade encontram-se nos trabalhos mal recompensados de nosso país. Sob novas roupagens a mesma exploração, a persistência da opressão da mulher negra no trabalho. (Silva, Araujo, Sposato, 2021)

A educação aparece como uma saída para o ciclo do trabalho doméstico e informal, na maioria das falas as entrevistadas expressam o desejo que seus filhos e filhas estudem, para não desempenhar os mesmos papéis desempenhados pelas mães. Mesmo através do trabalho cansativo, procuram que os filhos continuem tendo acesso a educação.

***Serena:** Eu tenho. Eu incentivo bastante minha filha a estudar. Eu incentivo pra ela não passar o que a gente passa. Né E é que eu não digo pra ela, tu quer limpar banheiro público? Que nem a mãe tem que limpar? Eu tenho que limpar. Se eu quero ganhar meu salário, eu vou ter que ir, sou mandada, né, eu tenho que limpar. Se eu mandar eu ir varrer a rua lá, na ferroviária, que nem eu fiz essa semana, eu tenho que fazer. Eu tenho que arecebe? Eu sempre falo pra ela, tu que isso pra ti? Não, né? Tu quer um serviço melhor pra ti.*

A educação aparece como um instrumento de liberdade, de superação das dificuldades de terem enfrentado o trabalho doméstico. De acordo com os autores, “[...] a relação da via educacional com a possibilidade de mudanças familiares significativas, ou seja, de mobilidade e ascensão social, o que pode estar diretamente relacionado à diminuição significativa do trabalho doméstico na última década. (Silva, Araujo, Sposato, 2021, p. 21-22)

A análise da divisão racial e sexual do trabalho doméstico no Brasil nos convida a refletir criticamente sobre as raízes coloniais e escravistas que moldaram a sociedade e continuam a influenciar as relações sociais contemporâneas. Combater essa realidade exige um compromisso com a justiça social, a equidade racial e de gênero, e a construção de uma sociedade mais justa e democrática para todas as pessoas. (Silva, Araujo, Sposato)

Capítulo 4 - IMPACTO DAS INTERSECCIONALIDADES DE RAÇA, GÊNERO, IDADE, ESPAÇO E RENDA NAS PRÁTICAS DE TRABALHO DOMÉSTICO E INFORMAL DAS MULHERES NEGRAS

Este capítulo se dedica à apresentação e análise dos dados obtidos por meio de entrevistas realizadas com mulheres negras residentes no Loteamento Popular Aliança 1, localizado em Estação/RS. O objetivo central desta pesquisa é investigar a experiência das mães, filhas e netas dessas mulheres no contexto do trabalho doméstico. A análise das narrativas de vida das entrevistadas visa explorar a interseccionalidade entre gênero, raça e trabalho doméstico, oferecendo uma perspectiva detalhada das suas vivências.

O capítulo está estruturado em subseções que facilitam a apresentação das entrevistas narrativas. Inicialmente, são delineados os fatores que influenciaram a migração das famílias para Estação/RS, bem como as transformações observadas no Quilombo da Mormaça. Posteriormente, são identificadas as responsabilidades assumidas por essas mulheres no âmbito doméstico, suas rotinas de trabalho e o acesso à educação.

Além disso, são discutidos os processos envolvidos na aquisição das habitações, os desafios enfrentados pelas moradoras e suas percepções sobre o ambiente onde residem, incluindo a presença de racismo em suas vidas. Por fim, são explorados os sonhos e expectativas das entrevistadas em relação ao futuro de seus filhos.

Esta abordagem permitirá não apenas compreender as dinâmicas familiares e sociais específicas das mulheres negras do loteamento, mas também analisar criticamente as questões estruturais que permeiam suas experiências, contribuindo para um entendimento mais profundo das inter-relações entre gênero, raça e classe social neste contexto específico.

4.1 Interseccionalidade do Trabalho do Doméstico e informal: Narrativas de sete Mulheres Negras Moradoras do Loteamento Popular Aliança 1 em Estação/RS.

Os relatos a seguir apresentam a narrativa de vida de sete mulheres negras. Dessas, seis residem no loteamento e a outra entrevistada é filha de uma das moradoras do bairro. Ela foi entrevistada porque já morou no loteamento. Deste modo, este capítulo apresentará a origem dessas mulheres analisando seu perfil, sua idade, seu gênero, raça e classe. Também abordará a idade das mães, filhas e netas, e o emprego que cada uma desempenhou ao longo de suas vidas. Será apresentado o processo pelo qual conquistaram suas moradias, se já

sofreram algum tipo de discriminação por redirem no loteamento, e como são seus momentos de lazer.

Assim a primeira entrevistada, Carolina, uma mulher, negra de 58 anos, viúva, estudou até o sexto ano, os motivos que levaram a desistência de estudar foi o trabalho na roça, atualmente aposentada, mora sozinha. Na primeira pergunta dos lugares que ela mais gostava de frequentar, Carolina, disse que gostava de ficar em casa, não gostava de sair e nem ir à igreja. Seus familiares vieram de São José, Sertão/RS do Quilombo da Mormaça. (A escolha de seu nome foi pela autora Carolina Maria de Jesus, pois é uma mulher negra que me inspira).

Conceição tem 38 anos e é filha de Carolina. Djamila é filha de Conceição e neta de Carolina, tem 17 anos. Ambas residiam no loteamento mas permanecem morando no bairro Santana, consideram-se mulheres negras. Conceição estudou até o fundamental e pretende finalizar o EJA, Djamila está cursando o ensino médio. Ao perguntar às duas, quais eram os lugares que mais gostavam de ir durante o dia, Conceição, dizia que gostava de ficar em casa e ir à igreja em outro município mais próximo, e Djamila também gostava de ficar em casa. As duas não gostavam de sair durante a semana. (A escolha para estes nomes foi por serem duas escritoras negras que me inspiraram na escrita da minha pesquisa Djamila Ribeiro e Conceição Evaristo).

Rosa tem 56 anos, é mãe de Nina, que tem 37 anos, ambas mulheres negras, residem no loteamento a 36 anos, Rosa é casada, estudou até a terceira série, ao perguntar os motivos que a levaram desistir, foi por conta do emprego. Nina encontra-se em união estável, estudou até sexta série, os motivos que levaram a desistência do estudo foi por conta da gravidez aos 15 anos de idade. (Escolhi estes dois nomes pois são nomes de mulheres negras que mudaram a história e são inspiradoras, Rosa Parks e Nina Simone).

Venus e Serena, duas irmãs negras que residem no loteamento. Serena tem 41 e Venus 44 anos respectivamente. Ambas estudaram até a quinta série, mas tiveram que abandonar os estudos devido a circunstâncias pessoais: Venus engravidou aos 16 anos e Serena casou-se cedo. Ambas se declararam solteiras. Serena trabalha como faxineira no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) na prefeitura da cidade, reside com seu companheiro e sua filha e Venus, atualmente é aposentada, reside com seus dois filhos e sua neta. O lugar que mais gostam de frequentar é a igreja. Seus familiares vieram do Quilombo da Mormaça, Sertão-RS. (Escolhi estes nomes por serem duas irmãs, que se mostram persistentes em seguir seus sonhos, homenageando as jogadoras de tênis, Venus Williams e Serena Williams.)

Utilizamos os nomes fictícios para cada mulher entrevistada, para preservar suas identidades e informações. Para compreendermos suas narrativas, utilizaremos o método de análise da na narrativa da autora Nunes (*et al* 2017) e a interseccionalidade para compreender como os marcadores de gênero, raça e classe interferem em suas vidas. (Ver Anexo 1 - percurso metodológico)

4.2 Perfil das entrevistadas - Bloco 1

No primeiro bloco de perguntas, nosso objetivo foi identificar a origem das mulheres negras participantes do estudo. As respostas revelaram que todas as entrevistadas vieram do Quilombo da Mormaça. As três famílias inicialmente se estabeleceram em abrigos temporários à beira da linha férrea, vivendo em barracas. A razão para essa mudança foi consistente entre todas as entrevistadas, indicando um padrão comum nas experiências dessas famílias ao se deslocarem para o novo local.

Narrativa da entrevistada Carolina:

1. **Carolina:** *Isso é lá, nós morava lá*
2. **Anelise:** *O que trouxe a família de vocês a morar aqui na Estação?*
3. **Carolina** *Por que não tinha serviço lá, a procura de serviço nós viemo.*
4. **Anelise:** *Daí vocês vieram e ficaram lá? na beirada dos trilhos. Ai vocês fizeram como?*
5. **Carolina** *Primeiro nós fizemo um barraco e depois fizemo uma casinha.*
6. *e depois?*
7. **Carolina** *A prefeitura tirou de lá e trouxe pra cá, o loteamento, Santana.*
8. **Anelise:** *Eles chamam como? De Aliança 1?*
9. **Carolina:** *mas daí, escrever é Santana.*

Narrativa da entrevistada Conceição:

1. **Anelise:** *Lembra de onde tua família veio? Qual cidade é?*
2. **Conceição:** *Sertão. Na Mormaça, né? Nascemo, lá né? Tudo nós nascemos lá. Tudo em casa, ainda. Ninguém, nasceu no hospital. Tudo em casa. Cinco fio, a mãe teve e os cinco nasceram*
3. **Anelise:** *E tu lembra o que trouxe a família de vocês a morar em Estação?*
4. **Conceição:** *Eu acho que o custo de vida. É, lá era muita pobreza, muita... É não tinha emprego não tinha nada. Pouca aquelas, agricultura, a gente não tinha muita terra, né? Custo de vida mesmo trouxe nós pra cá. Aqui daí, tinha serviço. Tinha emprego. Tinha. Aquela época lá tinha o silo, o da Cotrigo. O pai veio trabalhar ali.*

Narrativa da entrevistada Rosa:

1. *Anelise Tá, então... E da onde que a família de vocês veio?*
2. *Rosa Sertão.*
3. *Anelise: Da serra do Quilombo.?*
4. *Rosa É, do Quilombo da Mormaça.*
5. *E o que que trouxe a família de vocês morar aqui?*
6. *Rosa Serviço.*
7. *E vocês, antes de vir morar aqui no loteamento, vocês moravam onde?*
8. *Rosa No São Pedro.*
9. *Mas, daí, vocês moravam... Falaram que vocês moravam na beira trilho.*
10. *Rosa É, nós morava na berada dos trilho. E depois nós fumo pra São Pedro.*

Narrativa da entrevistada Serena:

1. *Anelise: E de onde seus familiares vieram?*
2. *Serena: da Mormaça.*
3. *Anelise: E o que trouxe a família de vocês a residir em Estação?*
4. *Serena: Falta, acho que, de... emprego, porque eles venderam as terra, trocaram as terras lá e vieram pra cá, atrás de emprego.*

A análise final da entrevista de Serena revela que a migração de sua família para a cidade de Estação foi motivada principalmente pela falta de oportunidades de emprego na Mormaça. A venda das terras e a mudança para a nova cidade foram uma tentativa de escapar da pobreza e buscar melhores condições de vida. Este relato ilustra as dificuldades enfrentadas pelas famílias no Quilombo e como a busca por emprego e oportunidades foi um fator determinante em suas decisões de migração.

4.3 A rotina da casa - Bloco 2

No segundo bloco de perguntas sobre a rotina da casa, que tinha como intenção identificar no processo a dupla jornada de trabalho, que inclui tanto as responsabilidades profissionais quanto o cuidado familiar, abrangendo a organização das tarefas domésticas, escolares e relacionadas aos filhos. Além disso, examinar, em mulheres mais idosas, os momentos dedicados ao lazer e a dinâmica de suas relações familiares, incluindo interações com filhos e cônjuge.

Narrativa da entrevistada Carolina:

1. *Anelise: E na rotina da casa, quem auxilia a senhora a fazer as tarefas domésticas?*
2. *Carolina Eu mesma.*
3. *Anelise: E a fazer compras?*
4. *Carolina: Eu mesma também faço.*

Narrativa de Conceição:

1. **Anelise:** *Agora sobre a rotina da casa. Quem que te auxilia a cuidar dos filhos, a fazer as tarefas de casa?*
2. **Conceição:** *Eu mesma.*
3. **Anelise:** *Só você?*
4. **Conceição:** *Não, que me auxilia assim? quem me ajuda?*
5. **Anelise:** *É quem tem ajuda?*
6. **Conceição:** *Ha, quem me ajuda é a Djamilia. A Dijamila bastante. Mais ela do que eu. Falando de verdade a Djamilia.*

Narrativa de Serena:

1. **Anelise:** *E... Em relação à rotina da casa, quem que auxilia nas tarefas, como cuidar da casa, dos filhos,*
2. **Serena:** *Eu e a Mariele [nome fictício da filha] , ela auxilia durante a semana ela faz né, as coisas de casa, A Maiele [nome fictício da filha] durante a semana faz o almoço, limpa a casa e no final da semana é comigo daí.*

Narrativa de Rosa e Nina:

1. **Anelise:** *Em relação à rotina da casa, quem que auxilia, vocês vão fazer tarefa doméstica assim?*
2. **Rosa:** *Eu mesmo, eu mesmo.*
3. **Nina:** *Eu também eu mesmo. O almoço, a louça, a casa, o chão, tudo, a roupa.*
4. **Rosa:** *Também é casa, é roupa, é lenha, é tudo. Tudo eu.*
5. **Anelise:** *Também com o cuidado dos filhos, assim?*
6. **Nina:** *Eu também.*
7. **Anelise:** *E fazem compras, quem que faz?*
8. **Rosa:** *Eu.*
9. **Anelise:** *Você também, é?*
10. **Nina:** *Não, eu e o Cêzar [nome fictício do marido] só vai junto fazer as compras.*
11. **Rosa:** *Eu vou sozinha.*

Diante das representações nas novelas, perguntamos às entrevistadas se percebem que o papel das mulheres negras mudou com o passar do tempo, já que a maioria gosta de assistir novelas. Carolina, relatou que não vê muitas mulheres negras participando de novelas. Quando questionei se ela notou alguma mudança no papel desenvolvido por mulheres negras nas novelas, ela aponta que sim. Observou-se que agora se vê menos mulheres negras fazendo faxina.

A entrevistada Serena destaca o período escravocrata onde apareciam nas novas, segundo ela: “ *Pra antigamente, naquelas novelas... da Bande, lá, que é mais o tempo das escravidão, lá dos escravos, né! E era muito triste. Pega antigamente. Meu Deus. Eu creio que os nossos pai passaram por isso. Nós hoje, não! Né? Hoje não né! Mas os nossos pai que passaram por aquilo que eu assisto.*” As demais entrevistadas apontam também que o papel desempenhado por mulheres negras na TV mudou. Ao perguntar à entrevistada mais jovem,

Djamila, de 17 anos, se ela via alguma representatividade negra, já que não assistia novelas, sua resposta foi não. A novela, se mostrou como uma coisa que as mulheres assistem quando não estão na rotina de trabalho, cuidando da casa ou dos filhos.

4.4 Trabalho: Bloco 3

No terceiro bloco, investigamos se as entrevistadas experienciam a dupla jornada de trabalho desde a infância, assumindo responsabilidades no cuidado dos filhos e da casa. Além disso, buscamos identificar se as entrevistadas exerceram a função de empregadas domésticas, reconhecendo a presença dessa dupla jornada na vida adulta, bem como a percepção das entrevistadas sobre o racismo nos processos de contratação. Analisamos também se existe um grande deslocamento para o trabalho e se as entrevistadas já tiveram alguma insegurança em permanecer no emprego e bem como a percepção delas sobre o racismo no processo de contratação.

Durante a infância, perguntei à entrevistada Carolina, se ela costumava auxiliar nas tarefas domésticas e no cuidado com a casa e os irmãos, ela destacou que auxiliava nas tarefas domésticas e no cuidado de seus quatro irmãos. Atualmente, está aposentada e mora sozinha, destacando que seu primeiro emprego foi em uma fábrica de balas na cidade chamada Foquito. Ela mencionou que, ao longo de sua vida, não teve experiências significativas com trabalho doméstico e não enfrentou dificuldades para conseguir emprego na cidade.

Quando questionada sobre se a família sentiu alguma incerteza em relação ao sustento familiar, Carolina relatou que seu falecido marido era o principal responsável pelo sustento da família. Ela ressaltou que, quando se mudaram para a cidade, tinham um bebê de apenas 29 dias. Seu marido trabalhava em qualquer tipo de serviço que encontrava, enquanto ela e o filho ficavam alojados à beira dos trilhos ferroviários.

Carolina destacou que seu segundo emprego foi na Cotrigo, uma cooperativa agrícola, além de ter trabalhado em outra indústria avícola, a Perdigão, localizada na cidade de Marau. Quando questionada sobre o deslocamento para este emprego, ou se houve necessidade de mudança para a cidade, Carolina relatou que se deslocava diariamente para Marau, totalizando aproximadamente uma hora de viagem. Ela acrescentou que o transporte era custeado pela empresa e enfatizou que outros residentes da mesma cidade também realizavam esse deslocamento diário.

Ao perguntar sobre o trabalho de seus filhos, Carolina enfatiza que não sabe exatamente os detalhes, mas cita que uma das filhas trabalha com porcos, o segundo filho

trabalha com fundição de ferro e o terceiro filho trabalha com rede elétrica. Diante das respostas da entrevistada, nota-se que os seus empregos sempre estiveram em contato com a indústria e fábricas e os empregos de seus filhos seguem sendo predominantemente informais.

Em sequência a entrevistada Conceição, relata que atualmente não trabalha, está recebendo benefício, pois possui diagnóstico de bipolaridade, esquizofrenia e depressão. Conceição ressalta que convive com essa doença a 12 anos, ressaltando que é uma batalha diária.

Retomei a perguntar sobre seu primeiro emprego em sua narrativa Conceição destaca:

1. **Anelise:** *Agora vou pedir sobre emprego. Você lembra qual foi teu primeiro emprego?*
2. **Conceição:** *Empregada doméstica.*
3. **Anelise:** *Empregada doméstica. Foi aqui em Estação?*
4. **Conceição:** *Não, no Passo Fundo. Ah, não, não errei. A primeira foi aqui na Estação. Depois eu fui pra Passo Fundo.*
5. **Anelise:** *Trabalhava com empregada doméstica?*
6. **Conceição:** *É. Cuidava de criança. O meu primeiro emprego foi cuidar de criança. Lá, depois foi empregada doméstica. também .*
7. **Anelise:** *E depois disso?*
8. **Conceição:** *Depois disso, frigorífico... frigorífico e frigorífico.*
9. **Anelise:** *Então as oportunidades de emprego que tu teve aqui foi só trabalhar no frigorífico em Estação?*
10. **Conceição:** *só...*

Com relação a sua filha Djamila, a questionei se já trabalhava, ela ressalta que não, perguntei a ela se já havia procurado emprego na cidade destaca que já tentou vagas mas não teve sucesso em aderir. Na conversa com Conceição e Djamila elas destacam que:

1. **Anelise:** *Já tentou procurar um emprego aqui?*
2. **Djamila:** *Já.*
3. **Conceição:** *A idade, né? Vai num lugar, tem que te experiência. Vai no outro, por caso que é de memória. Vai no outro, não tem idade daí. espera pra fazer uns 18, o primeiro emprego dela vai ser aonde?, provavelmente, num frigorífico. Cuida.. A Djamila cuidou de criança, né Djamilai? Já cuidou de criança...*
4. **Anelise:** *Já cuidou de criança?*
5. **Djamila:** *já*
6. **Anelise:** *Daí tu ganhava também?*
7. **Djamila:** *Ganhava.*

Durante a entrevista com Djamila, percebi que a entrevistada tinha um pouco mais de timidez em responder as perguntas, suas respostas eram objetivas frequentemente respondia (“sim” ou “não”). Durante a entrevista de Djamila, sua mãe Conceição ressalta que a jovem sente dificuldades em conseguir emprego, com a idade mínima de 17 anos, destacando a barreira que enfrenta na busca por trabalho formal sem ter experiência, sua mãe cita com facilidade que o primeiro emprego da jovem será em um frigorífico.

Em conversa com Conceição caracterizei também as experiências de emprego que tive residindo na cidade, falei sobre minha trajetória cuidando de crianças e meu percurso acadêmico onde tive a oportunidade de receber uma bolsa de Iniciação científica. A entrevistada destaca que são poucos as pessoas que conseguem ganhar bolsa de estudos, a partir disso ela fala sobre sua trajetória no ENCCEJA:

1. **Conceição:** *é poucos que conseguem bolsa de emprego, né, eu consegui ainda fazer até o... . Eu fiz o enseja pra mim poder passar, porque na verdade eu tinha parado aqui na quarta série, e daí eu fiz uma enseja, a primeira vez eu passei, de primeira passei. Depois eu fiz de novo, até era pra eu ter feito de novo, eu passei em todas as matérias, eu rodei em matemática, era 100 e eu fiz 97. Por causa de dois pontos, três pontos, em matemática só eu rodei.*
2. **Anelise:** *Mas daí é onde, era aqui em Estação?*
3. **Conceição:** *Em Erechim.*
4. **Anelise:** *Era pago?*
5. **Conceição:** *Não, era de graça. E agora se eu quiser fazer de novo, tenho que fazer só matemática, eu rodei só em matemática. Os outros eu não preciso fazer mais. Má em Erechim. o dia inteiro. Um dia inteiro. Um dia inteiro. Eu não sei como é que eu passei? eu acho que eu sou muito inteligente pra não passar de primeira. Eu passei assim, só deus mesmo pra não passar.*

Ao perguntar a Conceição sobre as incertezas de permanecer no emprego a entrevistada fala sobre sua experiência na fábrica de doce Foquito:

1. **Anelise:** *Sim. E... deixa eu te pedir outra coisa. Nos empregos que tu já teve, tu sentiu alguma incerteza de permanecer? Ah, por exemplo vão me colocar pra rua. Tu tinha uma sensação de insegurança em cada emprego?*
2. **Conceição:** *Na Fuquito. O primeiro emprego que nós peguemo aqui, no frigorífico, foi na Fuquito. Mas a gente sempre tinha, né, quase certeza que terminava a safra e tu ia para rua. E era o que acontecia. Uma vez só que eu passei, daí fui para o frigorífico, de tanto lutar, ir atrás e falar co encarregado falar com outro..., que eu conseguia ir pra lá, pro frigorífico. Porque senão era principalmente que eles mandavam pra, pro frigorífico, era as mulher brancas, né? As preto-negra eram as primeiras a ir pra rua.*
3. **Anelise:** *Pro frigorífico que daí era de... de corte?*
4. **Conceição:** *É. Ah, que quando tinha a Fuquito que era de conserva e coisa, daí era só safra. Mas a maioria daí passava pra lá, ficava. É, nós ó!*

Da entrevista com Conceição, podemos extrair vários pontos importantes sobre suas experiências profissionais e percepções no mercado de trabalho. Ela relata que, no primeiro emprego na Fuquito, essa fábrica de balas, doces em conserva, havia uma constante sensação de insegurança quanto à permanência no emprego após o fim da safra. Conceição menciona que, na época, as mulheres negras eram frequentemente as primeiras a serem demitidas, enquanto as mulheres brancas geralmente permaneciam e ganhavam transferência para o frigorífico

Ela destaca a dificuldade de conseguir estabilidade no emprego e menciona ter lutado para ser transferida para o frigorífico, onde havia mais oportunidades de continuidade no

trabalho. Relata que ia até a casa de um dos chefes para conseguir a vaga de emprego, falar com várias pessoas para poder ter acesso ao emprego na fábrica. Esse relato sublinha as disparidades percebidas no tratamento entre trabalhadores brancos e negros e as dificuldades enfrentadas para garantir segurança no emprego e progresso na carreira.

Na entrevista com Serena e Venus, ressaltaram que auxiliavam os pais nas tarefas durante a infância, as atividades estavam ligadas a trabalhar na lavoura, roça e em casa na limpeza e tinham que cuidar dos irmãos. Em sequência pedi a entrevistada Serena sobre o deslocamento do seu serviço, se levava muito tempo, ela destacou que algumas vezes realizava o percurso a pé, e levava cerca de uma hora e meia até lá, em outras vezes ia de carro com seu companheiro.

Na sequência questionei a entrevistada se sentia alguma incerteza em permanecer no emprego enquanto mulher negra e se já sentiu dificuldade em encontrar emprego na cidade, ela ressalta que:

1. **Anelise:** *Sente alguma incerteza em permanecer no emprego, enquanto mulher negra?*
2. **Serena:** *Eu não tive ainda... uma desconfiança... eu não tive.*
3. **Anelise:** *E nas contratações de emprego vocês já sentiram alguma dificuldade em conseguir vaga?*
4. **Serena:** *Haa, já, bastante né. Principalmente ali na Mepel, ali. Porque também eu não procurei tanto emprego né, porque foi eles que me chamaram, ali na prefeitura, de servente..*
5. **Anelise:** *Quais são as tarefas que você faz?*
6. **Serena:** *Servir lanche para as crianças, terceira idade, limpeza?*
7. **Anelise:** *E pra ti antigamente sentiu incerteza em ficar no emprego? Você lembra qual foi seu primeiro emprego?*
8. **Serena:** *Fuquito*
9. **Venus:** *Fuquito*
10. **Anelise:** *alguma vez já teve experiência com o trabalho doméstico?*
11. **Serena:** *Sim,*
12. **Venus:** *não.*
13. **Serena:** *Faxina assim até que eu faço até agora, né ali no CRAS, já tive essa experiência, e agora também, trabalhei na Cotrigo, como na faxina, na limpeza, eu já tenho esse conhecimento.*

Essa narrativa fornece uma visão clara das experiências de Serena no mercado de trabalho, destacando tanto os desafios enfrentados quanto a diversidade de funções que ela desempenha. E sobre as tarefas que realiza, Serena diz que também tem consciência que ainda trabalha com o serviço doméstico, o que reflete uma continuidade em sua trajetória profissional. Além disso, seu relato expõe dificuldades específicas que uma mulheres negras enfrentam na busca por emprego, evidenciando a necessidade de um ambiente de trabalho mais inclusivo e igualitário.

Indaguei as entrevistadas sobre o trabalho de seus filhos, Serena destaca que seu filho mais velho, trabalha em serviços gerais como ir pro mato, cortar lenha, fazer cercas e sua filha não trabalha, fica em casa. Venus destaca que suas duas filhas não trabalham e somente seu filho que iria iniciar trabalhando na nova indústria na cidade Alibem.

As entrevistadas Nina e Rosa também falam sobre o trabalho desempenhado na infância. Narrativa de Rosa:

1. **Anelise:** *Então, na relação do trabalho. Durante a infância, tu costumava auxiliar os teus pais nas tarefas domésticas? Cuidar dos irmãos.*
2. **Rosa:** *Cuidava dos irmãos, levava pra escola, lavava roupa. No tanque. Na tábua sabe assim numa sanga..*
3. **Anelise** *Tu era o a irmã mais velha?*
4. **Rosa:** *Não. Eu sou a terceira*
5. **Anelise:** *Quem era mais responsável assim? A responsabilidade cairia pra cima de quem, mas assim?*
6. **Rosa:** *Que nem pá escola era eu. Pá ajuda a mãe pá limpa a casa também era eu. As outra saiam mais trabaia pra fora*
7. **Anelise:** *dai tu ficava responsável por cuidar da casa.*
8. *No interior assim? Não era pra trabalhava na roça assim?*
9. **Rosa:** *Ia das veiz inquando nós ia, quebra mio, arranca soja, era sofrido, mas, graças a Deus, chegemo até aqui.*
10. **Anelise:** *Então, na relação do trabalho. Durante a infância, tu costumava auxiliar os teus pais nas tarefas domésticas? Cuidar dos irmãos.*
11. **Rosa:** *Cuidava dos irmãos, levava pra escola, lavava roupa. No tanque. Na tábua sabe assim numa sanga..*
12. **Anelise** *Tu era a irmã mais velha?*
13. **Rosa:** *Não. Eu sou a terceira*
14. **Anelise:** *Quem era mais responsável assim? A responsabilidade caia pra cima de quem, mais, assim?*
15. **Rosa:** *Que nem pá escola era eu. Pá ajuda a mãe pá limpa a casa também era eu. As outra saiam mais trabaia pra fora*
16. **Anelise:** *dai tu ficava responsável por cuidar da casa.*
17. *No interior assim? Não era pra trabalha na roça assim?*
18. **Rosa:** *Ia das veiz inquando nós ia, quebra mio, arranca soja, era sofrido, mas, graças a Deus, chegemo até aqui.*

A entrevista com Rosa revela aspectos importantes de sua infância e responsabilidades no ambiente doméstico. Durante sua infância, Rosa auxiliava seus pais nas tarefas domésticas e no cuidado dos irmãos, apesar de ser a terceira filha. Ela era a responsável por levar os irmãos à escola, lavar roupas e ajudar na limpeza da casa, enquanto os outros irmãos trabalhavam fora. Além dessas tarefas, Rosa ocasionalmente trabalhava na roça, quebrando milho e arrancando soja, descrevendo essas atividades como difíceis, mas expressando gratidão por ter superado essas dificuldades

Sua filha Nina também fala sobre as tarefas desempenhadas na infância:

1. *Anelise: E você, durante a tua infância, costumava ajudar, assim? Cuidar dos irmãos da casa?*
2. *Nina: Sim, Cuidar dos irmãos que cuidava era a Fofa [irmã mais velha]. Eu ia pra... Quando não tinha aula nas férias, eu ia pra lavora cá a mãe. Eu ia pra lavoura cá mãe, trabaia ca mãe na lavoura, pra ajuda em casa, e a fofa cuidava das tarefas da casa. Daí quando voltava as aulas, daí eu só estudava. Anelise: Mas vocês são em quantas irmãs?*
3. *Nina: Duas.*
4. *Anelise: Duas? E daí tem mais?*
5. *Nina: E os dois pia.*
6. *Anelise: E eles não ajudavam?*
7. *Nina: É, o Binho [irmão mais novo] ia junto com nós na lavoura. Daí o Binho [irmão mais novo] já era mais pequeno daí, ia junto com nós quando ele não estudava. Daí ele ia junto com nós pa lavora também.*

A entrevista com Nina revela aspectos da dinâmica familiar e da divisão de trabalho durante sua infância. Nina menciona que ajudava na lavoura junto com a mãe durante as férias escolares, enquanto sua irmã mais velha cuidava das tarefas domésticas. Com o retorno das aulas, Nina se dedicava exclusivamente aos estudos. A família era composta por duas irmãs e dois irmãos, sendo que um dos irmãos, também ajudava na lavoura quando não estava estudando, apesar de ser mais jovem.

Atualmente, Nina não trabalha, mas seu último emprego foi em uma indústria em Erechim/RS. Ela saía de casa de ônibus às duas da tarde, pegava o transporte e chegava de volta à sua cidade às duas e meia da madrugada. Ela começava a trabalhar às três da manhã e batia o cartão às três e quarenta e cinco. Durante o turno, só tinha folga na hora da janta ou na hora de sair para voltar para casa. O transporte era pago pela empresa, mas a alimentação era por conta própria. Nina sentia incerteza sobre sua permanência no emprego, temendo ser despedida. No entanto, ela destaca não ter encontrado dificuldades para conseguir emprego.

4.5 Educação - Bloco 4

No quadro de perguntas sobre educação, pretendemos compreender o impacto da educação em suas trajetórias profissionais. É essencial identificar se elas tiveram acesso à educação, os fatores que as impediram de continuar os estudos, se possuíam aspirações de seguir uma carreira e se a falta de escolarização as direcionou para empregos de baixa remuneração.

Carolina revela a trajetória educacional e os desafios enfrentados por uma mulher que interrompeu seus estudos na sexta série. Questionada sobre os motivos para não ter concluído, ela menciona ter começado a trabalhar na roça, o que a impediu de retornar à escola. Quando

questionada sobre seus sonhos de infância, ela menciona o desejo de ser professora, mas reconhece que não acreditava ser possível realizá-lo. Sua família, segundo ela, valorizava a educação, mas circunstâncias envolvendo a perda dos pais quando ainda era criança, a colocaram sob os cuidados de um tio e limitaram suas oportunidades de continuar os estudos.

Em relação à educação de seus filhos, a entrevistada discute que apenas um deles, o mais novo, continua estudando regularmente, enquanto os outros não concluíram seus estudos. Ela tem cinco filhos, e menciona que um deles ocasionalmente estuda para "[...] *serviço, para tudo quanto é coisa*". Quando questionada sobre a importância de seus filhos continuarem os estudos, ela enfatiza que sim, acredita ser importante. No entanto, ela observa que seus filhos começaram a trabalhar muito jovens, por volta dos 14 anos, o que pode ter influenciado sua decisão de não prosseguir com a educação formal. Ela reflete que talvez tenha sido a escolha deles não continuar estudando, mas reconhece que as circunstâncias de trabalho precoce podem ter sido um obstáculo.

Nas perguntas realizadas a entrevistada Conceição sobre os motivos pela qual a mesma não concluiu os estudos ela destaca que:

1. **Anelise:** *E quais foram os motivos que te levaram, tipo assim, a não concluir o ensino médio, por exemplo?*
2. **Conceição:** *Eu parei na quarta série, daí depois eu fiz Enceja, que daí eu consegui. Ma parei na quarta série por causa do que? tinha que trabalhar. Trabalhar, cuidar de fio dos outro limpa.*
3. **Anelise:** *Trabalhar também?*
4. **Conceição:** *Ou tu trabalhava, ou tu estudava, mas se estudasse tu não ia ganhar nada... porque trabaiano...Porque roupa nós não tinha, nós ganhava, a roupa era ganhada. Porque ganhar uma roupa do pai da mãe, era uma vez por ano la ouu... E ôie lá..Um chinelinho, um calçãozinho, uma camisetinha. E era o que eles dava. E o resto era tudo ganhado. Quando ganhava uma sacola de roupa de uma amiga da gente que ia na escola, meu Deus, ia pra casa correndo, feliz da vida, pra chegar em casa pra ve se tinha alguma roupa que servia pra gente.*
5. **Anelise:** *E tu tinha sonho de seguir alguma carreira ou alguma coisa? Você tem alguma profissão?*
6. **Conceição:** *Acho que nunca. Nunca, acho, deu tempo, acho de sonha... A gente já sabia qual que era o futuro, futuro inserto mesmo, nunca tive assim, plano de ser isso, ser aquilo..*
7. **Anelise:** *Mas quando era criança?*
8. **Conceição:** *Quando era criança sim... eu queria ser professora, na profissão na época. A maioria pensa isso na época, mas não deu.*

A entrevista com Conceição revela que ela interrompeu seus estudos na quarta série para trabalhar e ajudar a família, posteriormente tentou completar o Enceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos). É uma prova oferecida pelo

Ministério da Educação destinada a jovens e adultos que não concluíram os ensinos fundamental e médio na idade apropriada. O exame tem como objetivo principal fornecer um certificado de conclusão para aqueles que conseguem demonstrar, por meio da prova, as competências e habilidades necessárias). Devido às precárias condições econômicas, que obrigavam a família a depender de doações para itens básicos como roupas, Conceição teve que escolher entre trabalhar e estudar, optando pelo trabalho para garantir alguma renda. Os trabalhos da época estavam ligados às atividades agrícolas, como carpir, tirar feijão, pendão de milho, arrancar buva e quebrar milho. Ela menciona o sofrimento e a tristeza de ter que trabalhar grávida, passando mal no meio da roça. O pagamento pelo trabalho era de R\$ 50, dos quais metade era destinado ao pagamento de uma babá para cuidar dos filhos.

Ela menciona que, apesar de sonhar em ser professora quando criança, nunca teve tempo ou oportunidade para perseguir esse sonho devido à necessidade de priorizar a sobrevivência. Conceição expressa que a incerteza do futuro e as limitações socioeconômicas que a impediram a realização de seus planos.

Durante a infância, a entrevistada não recebeu auxílio dos pais para estudar. Eles nunca compareceram a reuniões escolares ou buscaram boletins, deixando a responsabilidade de se preparar e ir para a escola inteiramente a cargo dela. Quanto à educação de seus próprios filhos, apenas suas duas filhas continuam na escola, enquanto os meninos já estão trabalhando. Ela acredita ser importante concluir o ensino básico e incentiva a filha a estudar, destacando a importância de aproveitar essa oportunidade e expressando descontentamento quando há faltas na escola. Ao questionar Djamilia sobre o futuro, a jovem destacou que não tem planos para o futuro, somente de terminar os estudos.

Na narrativa sobre educação as irmãs Venus e Serena destacam um pouco sobre a trajetória na educação e os motivos pelas quais a fizeram desistir:

1. **Anelise:** *E quais foram os motivos que levaram vocês a desistir assim?*
2. **Serena:** *Eu desisti porque eu engravidei com 16 ano.*
3. **Venus:** *eu porque casei cedo, não quis mais sabe de i pá aula.*
4. **Anelise:** *E vocês tinham um sonho de seguir alguma coisa? Ter uma carreira?*
5. **Venus:** *eu não tinha.*
6. **Serena:** *sim, ai meu deus, Eu queria ser uma professora. Eu tenho, tenho esse sonho. Eu queria ser uma professora. Uma educadora. Trabalhar que nem no conselho tutelar, né que eu queria colocar umas mãe nos echo, Sim. Eu tenho essa vontade. A gente está fazendo um, uma... nós temo estudando tipo num alfa, de alfa, alfabetização... é, do senac, do senac que nós estamos fazendo.*
7. **Venus:** *Do senac que nós tamo fazendo até o quinto ano.*
8. **Serena** *Do primeiro ao quinto ano. E tudo mulheres mais velhas.*
9. **Anelise:** *É, é. É aqui em Estação?*

10. **Serena:** *É aqui em Estação. Tudo mulher mais velhas.*
11. **Venus:** *Temo ali no coléginho, perto dos piazzinho, no Aurélio Casteli, vamo de noite, três veiz por semana, segunda, terceira e quarta.*
12. **Anelise:** *Daí vocês vão ganhar o diploma depois?*
13. **Serena:** *Sim, vão ganhar o diploma.*
14. **Anelise:** *Daí seria da educação, daí até o ensino médio aí?*
15. **Serena:** *Até o ensino médio, da primeira série que a gente teve que fazer até o quinto ano. Mas eu estudei no quinto ano, mas como eu esqueci tudo, aí a gente começou tudo de novo.*
16. **Venus** *Quarenta e quatro anos, nunca mais coloquei os pé na aula, daí agora tamo indo.*
17. **Anelise:** *E vocês mesmo que tiveram essa inspiração? Alguém veio?*
18. **Serena:** *Veio lá do Senac, veio esse projeto do Senac, ali no Cras, e daí nós se inscrevemo, né? Não tinha muita gente, daí eu me inscrevi, né?*
19. **Venus:** *Não fui com confiança que eu ia ficar, mas fiquei. Nós temo lá.*

As entrevistadas compartilham experiências familiares marcadas pela ausência de influência dos pais na educação. Serena afirma que não houve orientação dos pais para estudar. Venus complementa, explicando que seus pais eram alcoólatras, que só pensavam na época em beber, o que afetou significativamente a criação. Ela confirma a presença de alcoolismo na família, destacando que aprenderam a se virar por conta própria. Serena reflete sobre como essa falta de orientação os levou a aprender com as próprias experiências e dificuldades da vida. Agora, como mãe, ela busca educar sua filha de uma maneira diferente, consciente dos erros do passado e determinada a oferecer uma orientação que seus pais não as proporcionaram. Sobre os sonhos, Serena destaca que quer, ainda, ser professora.

As entrevistadas Rosa e Nina revelaram que os motivos pela desistência dos estudos foi pelo nascimento dos filhos e o início da jornada de trabalho. Ao serem questionadas se tinham algum sonho de seguir algum sonho ou tinham algum sonho de infância, elas destacam que:

1. **Anelise:** *E vocês tinham? Você tinha algum sonho de seguir alguma profissão, realizar alguma coisa assim?*
2. **Rosa:** *Sempre tivemos esse sonho, mas nunca foi realizado.*
3. **Anelise:** *Você tinha sonho de seguir alguma profissão assim?*
4. **Rosa:** *Sim, vender alguma coisa, vender numa lojinha. Má não, não deu*
5. *E você tinha algum sonho, quando você era criança, que pensava em ser?*
6. **Nina:** *Ah, sim. Professora. Professora de Educação Física.*
7. **Anelise:** *E na infância assim, auxiliavam vocês a estudar assim? Os pais de vocês assim?*
8. **Rosa:** *brigavam, insisti pra gente estuda. E a nossa sacolinha era uma... Sacolinha plástica de açúcar, cinco quilo, botava umas caderninho ali, e ó...*
9. **Anelise:** *E ia pra escola?*
10. **Rosa:** *Ia pra escola. Chinelinho no dedo. Era bem...*

Durante a entrevista, foi discutido o papel dos diretores na tentativa de manter os alunos na escola, onde a entrevistada indicou que eles frequentemente os incentivaram a retornar após ausências prolongadas. Quanto à educação dos filhos a situação variava, enquanto Rosa afirmava que os filhos já são adultos e casados, Nina afirma que os dois filhos mais novos estão na escola. Este contexto reflete não apenas uma variável entre a instituição escolar e os alunos, onde o apoio pode ser crucial para reduzir o abandono escolar, mas onde também surgem desafios familiares que podem influenciar a continuidade dos estudos.

Em suas narrativas refletem sobre a importância de continuar os estudos:

1. **Anelise:** *E vocês acham que é importante concluir o ensino básico?*
2. **Nina:** *Sim. É importante, porque hoje, um dia, se tu não.. Pá arruma um emprego, tu tem que te estudo, né. Daí eles pegam quem tem mais estudo.*
3. **Rosa:** *Quem não tem estudo, hoje em dia, não tem serviço.*
4. **Nina:** *E se tem serviço, daí aquela coisa básica, né?*

4.6. Bloco 5: Lugar

No quinto bloco: o lugar, as entrevistadas irão relatar como foi para cada família receber as casas no loteamento, como era a infraestrutura das casas, quantas pessoas residem no mesmo local, se tiveram algum problema para ter as residências, irão relatar como era organizada a infraestrutura do loteamento:

Narrativa de Carolina:

1. **Anelise:** *Como foi o processo para receber as casas no loteamento pela prefeitura, foi por sorteio? a prefeitura tirou de lá?*
2. **Carolina:** *a prefeitura tirou de lá, e boto aqui, primeiro eles fizeram as casa depois viero trazendo tudo... eles que fizeram*
3. **Anelise:** *Foi por sorteio?*
4. **Carolina:** *Não, eu acho que não, porque tudo que morava assim que tava morava na berada dos trilho, trouxero pra cá, agora os outros não sei se foi sorteio. Porque uns eu acho que foi sorteio, sim.*
5. **Anelise:** *A casa que vocês receberam foi essa?*
6. **Carolina:** *Não dai aqui os pia já fizeram outra casa, porque tava caindo, né, daí eles fizeram essa.*
7. **Anelise:** *E a outra como era a estrutura?*
8. **Carolina:** *Era que nem aquela, aquela que nunca foi desmanchada, quem essa ai da frente, nunca foi desmanchada, só trocaro a janela, o resto tudo igual.*
9. **Anelise:** *A casa suportava todo mundo?*
10. **Carolina:** *Huhm, mais só tinha dois quarto, dois quarto e a cozinha.*
11. **Anelise:** *Foram reformando?*
12. **Carolina:** *Não, primeiro nem era assim, né, era a metade da casa, era meia-água, é depois entro outro prefeito dai fez a outra metade, dai a casa quis cai, os pia viero e desmancharo tudo, e fizeram outra.*
13. **Anelise:** *Por conta própria?*

14. **Carolina:** Sim.

15. **Anelise:** Houve algum problema ou algum desafio para receber as casas?

16. **Carolina:** Não.

A entrevistada, relata que na beira dos trilhos moravam mais ou menos quatro famílias, pedi a ela se todas as famílias saíram juntas da beira dos trilhos, ela ressalta que a prefeitura foi alocando uma família por dia, no novo espaço. Carolina destaca que havia água encanada e rede elétrica, ao ser questionada sobre os espaços de lazer no loteamento ela destaca que não havia na época e ainda não tem. Destaca que nunca sentiu nenhuma discriminação por ser mulher ou por residir no loteamento.

Sua filha Conceição, relembra como era a infraestrutura da casa no loteamento, atualmente a mesma não reside mais lá, mas passou parte de sua infância e vida adulta, lá:

1. **Anelise:** Agora é sobre o loteamento também, que daí eu pedi pra tua mãe, né, como é que foi o processo para receber as casas lá, daí ela me explicou. Daí, deixa eu ver, tu lembra como que era a infraestrutura, lá? A infraestrutura da casa, assim, que tu morava? Lá no loteamento, ali. No loteamento?
2. **Conceição:** No loteamento, quando nós fumo morar lá. Meu Deus, pra nós era um luxo, pra quem morava na beira do trilho e não tinha nada praticamente, não tinha nem banheiro, não tinha luz, não tinha nada, era patente. Quando viemos morar ali, tinha patente, mas era uma patente bem feitinha, né? E daí tinha luz, tinha água. Porque quando nós morávamos lá na beira do trilho, lá não tinha água, não tinha luz. E quando viemos pro o loteamento, pra nós era um luxo.
3. **Anelise:** E tu lembra como que foi, como que era lá na beira dos trilhos?
4. **Conceição:** Ah, era uma casa assim ó, que, tinha o que dois quatinhos, dois quartos, daí nós dormia uns cinco, em quatro, meu irmão moravam cá avó, em quatro numa caminha de solteiro, a nossa roupa era tudo nas bolsa, impindurava na parede. Era aquelas cobertas de roupa. Que faziam aquelas cobertas de roupa veia lá, pra nois se cobri. Banheiro não tinha... banheiro era lá fora, nós tinha que sair lá fora, nós não ia lá fora porque nós era criança, nós tinha medo, daí tinha o pinico, daí usava o pinico. E era uma pobreza que tá louco, a luz era de querosene, lampiãozinho de querosene, a água nós ia caminhava o quê? Acho que dava uns... uns três, quatro quilômetros, pra buscar água de garrafão lá, a mãe ia com nós, cada um, nós era criança, cada um de nós levava aqueles garrafãozinho de cinco litros, cada um trazia um garrafãozinho e a mãe trazia aqueles garrafões de vinte litros, coitada da mãe. Depois daí fizeram os tanques ali, daí nós saía de lá, ia lá nos tanque, tomar banho nos tanques, lava roupa nos tanques.

Conceição, em sua narrativa, retrata como era a vivência morando no loteamento e relembra a infraestrutura da casa, onde moravam à beira trilho, e como realizam as tarefas da casa, como lavar roupas e como faziam para fazer a higiene pessoal, e ter água em casa. durante a entrevista sua entonação de voz demonstrava tristeza, ao lembrar como era a vida

morando a beira trilho, como era a organização da casa, onde guardavam as roupas e o tipo de cobertores que tinham. Em seguida ela relata como iam para tomar banho e lavar as roupas:

1. **Conceição:** *Era um tanque, tinha cinco tanque, é pra lava ropa. Dai água vem de uma uma vertente, ainda tem hoje, daí a água vem, tinha água à vontade. Dai ali, nós lavávamos a roupa, nós já tomava banho, nós ia para casa já tomado banho ca a roupa limpa. Laváva a roupa nossa, botáva seca nas árvores para quando nós ías para casa, já com a roupa limpa, já para casa. Dai as que secava leváva seca, e o que não secava, leváva as úmida para casa. pra terminar de seca.*

Através da narrativa de Conceição pudemos identificar a dificuldade enfrentada pela família, para ter acesso a itens básicos como água. Durante a entrevista, a entrevistada relatou suas memórias de infância, destacando as dificuldades enfrentadas tanto no inverno. Ela lembrou do intenso frio, mencionando que a família só possuía um fogão a lenha, sem acesso a um fogão a gás, e que dependiam de cobertores grossos para se aquecer. Para ir à escola, destaca que não tinham roupas quentes, fala de apenas uma peça de roupa e uma bota quente.

Quando questionada sobre a mudança para um novo loteamento, ela afirmou que as ruas não eram pavimentadas inicialmente e que a pavimentação veio depois. Pedi a ela se havia, água encanada, rede de esgoto, ela ressalta que não havia rede de esgoto e que ainda tinham patente e depois construíram.

1. **Conceição:** *Não, era de terra. Depois colocaro o calçamento.*
2. **Anelise:** *E rede elétrica tinha também? água encanada, rede de esgoto também?*
3. **Conceição:** *Não, porque tinha patente. Depois fizeram*

Quanto ao espaço para lazer, ela comentou que não havia áreas próprias para as crianças brincarem, e que costumavam brincar no mato do vizinho, pulando a cerca e pegando frutas como bergamotas.

1. **Anelise:** *E tinha espaço pra lazer, pra as crianças brincarem?*
2. **Conceição:** *Não tinha mesmo. Tinha lá que nós ia brincar, naquele mato do vizinho ali. Que Tinha lá que dai nois pulava a cerca e ela ia andar de papelão. Catar bergamota cata a nós . Mas era do vizinho, que tinha ali .*

Ao questionar, Conceição se já sentiu alguma discriminação por residir no loteamento ou até por ser mulher. Em sua narrativa destaca:

1. **Conceição:** *É. Do Pombau, falavam que é do Pombal mesmo. que nem casinha de pomba, era uma em cima da outra. Daí colocaram lá como Pombal. Daí diziam as negrinhas do Pombal. Sempre eram as negrinha do Pombal, as negrinha do Pombal.*
2. **Anelise:** *E como que tu se sentia assim?*
3. **Conceição:** *Ah, eu brigava porque eu era bem briguenta, né? Eu brigava. Eu brigava quando me falavam essas coisas de negrinha, assim, eu sempre fui, eu sempre briguei, mas não resolvia nada.*

Em sua narrativa destaca o apelido do bairro, e os motivos pelo qual chamavam de Pombal, pois se referiam a infraestrutura da casa, que foi construída meia água como se fossem casas de pombo.

Rosa em sua narrativa comenta como foi o processo para receber as casas:

1. **Anelise:** *Como foi o processo para receber a casa aqui no loteamento? Foi pela prefeitura?*
2. **Rosa:** *Foi pela prefeitura. Mais demorou tempo para nós consegui essa casa. É uma meia-água. Aí depois a gente foi aumentando. Que nem o porão não tinha mais, nois que ageitemo.... Ma eu criei meus quatro filhos dentro de uma meia- água. Tinha duas peça. A cozinha e o quarto. Daí eu tive que dividi pra faze um quarto cada um, dai os mais veio numa xiringuinha.*
3. **Anelise:** *Era pequeno? Não era confortável?*
4. **Rosa:** *Não, não era.*
5. **Anelise:** *Essa casa aqui é a mesma que vocês ganharam?*
6. **Rosa:** *É, é a mesma.*
7. **Anelise:** *E quanto tempo vocês ficaram morando na beira dos trilhos?*
8. **Rosa:** *Ali, fiquemo acho que uns três anos morando.*
9. **Anelise:** *Três anos? Todas as famílias que estavam ali?*
10. **Rosa:** *Todos. Os quatro filho e a tinha a mãe ainda que morava. E o meu irmão.*
11. **Anelise:** *Ali era como se fosse barraco?*
12. **Rosa:** *Era uma meia água também. Mas tudo... descoisado, assim, sabe? tudo mal feito. Quando chovia, a chuva tava lá não sei aonde, quando via tava caindo lá dentro da casa já.*

Rosa fala sobre a dificuldade que passou ainda, quando residia na beira dos trilhos, onde residiam oito pessoas na mesma casa, relata que enfrentaram problemas para receber as casas do loteamento, destacando que foram atrás diversas vezes na prefeitura:

1. **Rosa:** *É, Eu pensava que nem ia ganhar mais, porque tinha desistido já. Mas chegou uma hora, eles berraro daí e dero... aí o Nego trabaiava na... no silo, acho que é. Chegou em casa cá chave na mão, assim, e peguei aquela chave e ia jogar longe, sabe, achei que fosse uma brincadeira, e era a chave da casa. Faz 36 anos que nós tamo morando aqui.*
2. **Anelise:** *Trinta e seis. Desde que época? O ano a senhora não sabe?*
3. **Nina:** *Trinta e seis de oitenta e... sete? É que daí 37 que daí eu tenho 36, eu sou de 86, então deve ser em 1987. Pra cá.*

Para identificarmos os espaços de lazer que as crianças tinham na época, Nina relembra como faziam para se divertir enquanto crianças, morando na beira dos trilhos:

1. **Anelise:** *E naquela época vocês tinham espaço pra brincar, correr?*
2. **Nina:** *Não. Nós íamos lá na Ípica, tinha a Ípica bem na frente do outro lado da rua, que agora fizeram o casa, lá, ó. Nós íamos lá na Ípica, daí mais pra baixo, ali da Ípica, na estrada que vai pra Sertão, descia tinha uma sanga, que nós íamos lá na sanga pegar, a mãe ia lá lava roupa, e nós ia lá pegar água pra toma água de lá, porque daí não tinha água encanada. Não tinha luz?*
3. **Rosa:** *Não tinha nada. Não tinha água,*
4. **Nina:** *não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Daí nós íamos lá pra brincar lá, e ali na Ípica nós íamos brincar. E daí ali nós ficava brincando.*
5. **Anelise:** *Não tinha espaço pra criança brincar?*
6. **Nina:** *Não tinha, que daí pro lado de baixo passava o trem. Aquela época passava o trem ainda, né?*
7. **Rosa:** *Passava.*
8. **Nina:** *É, daí passava o trem. A mãe ficava com medo de nós, lá em cima dos trilhos, lá, o trem passando.*
9. **Rosa:** *E era uma curva ainda, o trem passava e não tinha como... Salva.*
10. **Nina:** *E quando nós viemo mora pra cá, também no loteamento, aqui também, eu me alembro de umas parte também. Nós éra umas crianças bem fuzarqueira. Me alembro também de umas partes também.*

As entrevistadas, em suas declarações, salientam que, ao se mudarem, encontraram uma situação precária em termos de infraestrutura urbana e residencial. Não havia ruas pavimentadas nem espaços destinados ao lazer, e a rede elétrica estava limitada à residência, sem extensão para o loteamento como um todo. Ademais, descrevem a configuração da moradia, que se restringia a apenas dois cômodos e carecia de instalações sanitárias, não dispendo sequer de um banheiro.

1. **Rosa:** *Era meia-água. Dois cômodos. Nem banheiro, não tinha banheiro. Banheiro uma patente, nós tinha que puxar manga. I lá na patente pá tomar banho lá. Que se não... Quando tu via... Quando chovia, os quatro, cinco, tomar banho lá, tava cheio de água. Era bem... sofrido.*
2. **Anelise:** *E depois, então, vocês foram trabalhando?*
3. **Rosa:** *Fumo aumentando, que nem o banheiro nós tivemos que fazer por conta própria, eles deram a casa, e não deram o banheiro.*

Por residirem no loteamento perguntei a elas se sofriam alguma discriminação por morarem no loteamento, em suas narrativas destacam:

1. **Anelise:** *E você já sofreu alguma discriminação, assim por ser mulher ou por morar aqui no loteamento, se você sentiu alguma coisa em relação a cidade?*
2. **Rosa:** *Aqui nós semo desprezado, é vila e...é difícil entrar; arguem que fazer um... pra da alguma ajuda, alguma coisa, sabe com a gente tá comé que a gente não tá...*
3. **Anelise:** *nem assistente social?*
4. **Rosa:** *nem assistente social.*
5. **Nina:** *A única coisa, quando dizem, ha lá no pombal, lá no pombal.*
6. *É apelido?*
7. **Nina:** *É.*

As entrevistadas, durante a conversa, relataram que um acúmulo de lixo permaneceu no local por quatro meses até que fosse recolhido na última sexta-feira. Elas mencionaram que, embora o caminhão de lixo passe regularmente, ele não recolhe resíduos como galhos e restos de limpeza. Rosa, comentou que havia diversos tipos de lixo, incluindo garrafas, e expressou preocupação com a proliferação de mosquitos da dengue. Ela relatou ter procurado ajuda no posto de saúde e no CRAS, resultando na visita de agentes de controle de mosquitos e na eventual remoção do lixo na sexta-feira.

Caso contrário, segundo ela, a situação se assemelha a viver em um "pombal" em meio ao lixo. Nina, confirmou que o lixo permaneceu acumulado por mais de um mês e destacou a diferença na frequência de coleta entre o centro da cidade e sua área de residência. Enquanto no centro o caminhão de lixo de limpeza de rua passa duas vezes por semana e em alguns bairros a coleta seletiva é realizada todos os dias, na área delas o serviço é realizado apenas nas segundas, quartas e sextas.

Em suas narrativas, Serena e Venus relatam como foi o processo para receber as casas no loteamento:

1. **Anelise:** *Agora eu vou falar um pouco a questão do loteamento. Como é que foi o processo para vocês receber as casas aqui no loteamento?*
2. **Serena:** *Para ganhar as casas. Eles se inscreveram na prefeitura.*
3. **Venus:** *Eu não. não me inscrevi, não ganhei essa aí eu comprei.*
4. **Serena:** *Os nossos pais se inscreveram. Na prefeitura. Que aquela... Lá não dava para morar. Porque... Aonde eles moravam era mais do que uma família. Né, Daí tinha mais do que uma família. Daí...Eles se inscrevero lá na prefeitura para ganhar um lotemento. E daí eles ganharam essa casa. A minha casa nós compramos do morador que morava aqui. Aí eu comprei, compramos essa casa aqui para nós morarmos daí. É por isso que eu moro nessa aqui.*
5. **Anelise:** *Mas aí os pais de vocês moravam?*
6. **Serena:** *Os nossos pais tinham casa aqui.*
7. **Anelise:** *Ah, já tinham casa aqui antes.*
8. **Serena:** *A mãe morava ali. Tem a casa ali ainda, né? Que o Pablo mora. E aqui eu comprei. É isso que eu comprei.*

Diante desta entrevista, percebemos que os pais das entrevistadas foram os primeiros a residir no loteamento e que em seguida os filhos e os netos também passaram a residir. As moradoras relatam que compraram as casas de outros moradores que residiam no loteamento. As entrevistadas relatam que não tiveram problemas para receber as casas. Perguntei a elas se lembraram a idade que tinham quando vieram morar no loteamento Venus tinha 13 anos e Serena tinha 10 anos. Lembraram também como era a infraestrutura do loteamento, destacando que não existia, rua pavimentada, era somente terra:

1. **Anelise:** *Daí, quando vocês já se mudaram, já tinha a rua pavimentada?*
2. **Serena:** *Não, era uma área verde pra cá. Só tinha pra cá as casas. Não tinha nada.*
3. **Anelise:** *Não tinha rua assim? de... De calçamento. Calçamento?*
4. **Serena:** *Não, não tinha. Não tinha tudo. Era só barro, terra, né? E atrás das casas era área verde.*
5. **Anelise:** *Tá, vocês foram modificando as casas?*
6. **Serena:** *Foram modificando, foram aumentando? Elas eram uma casinha de duas peças e o banheiro. E eles foram aumentando daí.*

Nas entrevistas narrativas de Serena e Venus relatam sobre a discriminação que enfrentam por serem mulheres e moradoras do bairro :

1. **Anelise:** *Então vocês já sofreram alguma... Ou sentiram alguma discriminação? Assim, por ser mulher, por vir de fora. Ou talvez até por morar aqui no loteamento?*
2. **Serena:** *Já, já. Já sofremo, a gente sofre bastante isso. Tu mora lá naquele bairro, tal bairro. Ah, tu mora lá no aliança? Meu Deus, por que você mora lá? O que você está fazendo lá, morando lá?*
3. **Venus:** *No Pombau.*
4. **Anelise:** *E por que chamam assim aqui de... Pombal...*
5. **Venus:** *Porque as casinha era branca e Azul.*
6. **Serena:** *Elas eram uma meia água de duas peças, branca e azul. Por que, que vocês moram lá nesse bairro? Por que, que vocês não saem de lá?*
7. **Venus:** *Nois morava aqui, porque era só nós pobre, no caso, era só preto mesmo, eles diziam que aqui era o pombal, porque as casinha era pintada de branca e azul e duas peças, uma meia água, daí chamava de pombal.*
8. **Anelise:** *E como é que você se sente, às vezes, por ouvir essas coisas das pessoas?*
9. **Serena:** *Eu me sinto mal né. Porque tu chega ali no posto tu não tem a preferência. Mesmo que tu tá na frente, tu não tenha aquela preferência né, por que tu mora aqui. Chega na prefeitura, tu não é bem recebido. Tu tem que tá esperando. Tu sabendo que tem gente lá que tu quer falar com a pessoa e a pessoa está lá. Porque tu é aqui da vila. Porque tu é aqui da vila, aqui do bairro, daí tu tem que ser o último, sempre o último.*

Através das perguntas de como elas se sentiam enquanto mulheres negras moradoras do bairro, o último bloco aponta para perguntas sobre questões raciais, para identificar se o racismo é um fator reconhecido por estas mulheres no dia a dia e como elas se sentem na cidade, se identificavam limitações nos espaços em que frequentam. ao final da entrevista pedimos indagamos as entrevistadas a falarem sobre seus sonhos.

A primeira entrevistada Carolina, destacou que em sua vida nunca enfrentou o racismo assim, que o reconhecesse e nem sentia limitações nos espaços da cidade. Ao final da entrevista a última pergunta estava relacionada aos seus sonhos, Carolina relata que “*Tenho sonho de sai daqui, de troca de lugar, sei lá, é esse meu sonho, trocando de lugar, saindo daqui.*” a entrevista demonstra ao final o desejo de sair do loteamento e ao falar sobre o sonho dos filhos, Carolina sonha que continuem os estudos, mesmo tendo filhos mais velhos, já que ela não teve a oportunidade.

Perguntei a Conceição, se como mulher negra, se ela percebia as limitações, impostas pela sociedade em relação a cidade, ao lugares que ela pode ou não ocupar, ela relata sua experiência:

1. **Anelise:** *Você, como mulher negra, sente que existem limitações na nossa sociedade em relação ao lugar que a gente pode, o que a gente não pode estar?*
2. **Conceição:** *Existe. Existe. Porcaso que se você vai no campo do lutador hoje lá... tu vê que tem bastante gente, né? Mas a maioria que tem lá são branco. E se você chega lá com três, quatro crianças, fazendo folia ou correndo, todo mundo fica olhando. Pra eles, assim, ficam olhando, ficam falando. As crianças não gostam muito de se misturar com os outros pra jogar bola. Se um briga, se uma criança negra briga com um branco, quem fica? Que fica com o certo? o branco. O preto, por que foi mexer? Porque é isso, porque aquilo... fica aquele cuidado assim, porque eles tiram os calçados pra brincar, a mãe fica aquele cuidado lá pra ver se o outro não vai lá e não vai pegar, não vai rouba a criança negra, não vai roubar do branco.*

Conceição em sua narrativa aborda fatos que ocorrem, ao ir a uma praça pública da cidade, e como se sente enquanto mãe, levando os filhos para se divertir, não se sente à vontade para ficar no espaço. Questionei se havia mais espaços no qual ela se sentia insegura na cidade ela destaca mais um espaço:

1. **Anelise:** *E tem outros espaços assim aqui em estação que tu sente que acontece isso?*
2. **Conceição:** *Eu acho que não né? Só na escola, às vezes ali quando vão jogar bola.*
3. **Anelise:** *No ginásio?*
4. **Conceição:** *É, isso. No ginásio. Primeiro eles dão, primeiro pos branquinhos, depois pros pretinhos. Daí, se tem o pretinho que joga a bola melhor que o branco, aí eles*

passam pra frente. Mas primeiro se mostrar que joga bem, se não... se não, não. Se não, é primeiro pros brancos.

Ao perguntar para sua filha, Djamila se ela reconhecia lugares que ela se sentia insegura, ela destaca o espaço da escola, questionei se ela sentia isso em relação as meninas da escola e ela ressalta que sim, “*É, os preto sempre são os excluído, assim, é.*” o ambiente escolar também aparece como um fator de exclusão de pessoas negras.

Conceição e Djamila retratam as limitações em ter acesso a vagas de empregos na cidade:

1. **Anelise:** *E tem outros empregos assim que você sente que pessoas negras não podem exercer aqui em Estação?*
2. **Conceição:** *Sim que nem os haitiano agora, que agora veio os haitino pra cá, né? Eles também assim ó, eu quando eles falam assim, dos haitino que eu já escutei bastante gente branca fala dos haitiano. Eu me ofendo porque eu sou preta também. Na Cotrigo agora também ele tem aquela coisa lá, dos haitianos, ha haitiano, eles não sabem chamar pelo nome. Tem que ser haitiano.*
3. **Anelise:** *A gente não chama lá, aquele branco lembrando.*
4. **Conceição:** *Isso. Não a gente não chama, há branco vem cá , ou... Daí, como os haitianos já chamam, haitiano, vem cá. O haitiano faz aquilo, sendo que todos têm nome. Eu ja já brigo.*

Ao questionar a entrevistada Djamila por ser uma mulher mais jovem, se ela já teve dificuldade em encontrar uma vaga de emprego ela relata que sim. A entrevista revela as dificuldades enfrentadas por pessoas negras na busca por emprego, mesmo em áreas consideradas como de fácil acesso, como lojas, supermercados e lotéricas. Abordando sua experiência ao tentar uma vaga em um supermercado da cidade a Casa do Doce, sem sucesso. Questionei se ela já havia tentado emprego em outros locais, como lojas e mercados, e as respostas foram negativas. Essa troca de falas confirma a existência de um "círculo de emprego" que exclui pessoas negras, dificultando sua inserção no mercado de trabalho formal.

Assim, ao considerarmos os processos de desigualdade social que envolvem indivíduos e suas interações sociais, representando um conjunto de condições políticas, materiais e subjetivas. Nesse contexto, as disparidades não são simples falhas do sistema, mas sim uma estrutura fundamental de nossa sociedade (Zucolotto; Cocco; Ruviaro, 2019).

Beatriz Nascimento (2021) em sua obra já nos alertava que em uma sociedade como a nossa, na qual o sistema econômico define hierarquias de classe, existem mecanismos para selecionar quais indivíduos ocuparão espaços, empregos, lugares e classes sociais. A naturalização das desigualdades resulta em fixar o papel da mulher negra dentro da nossa

sociedade. A normalização das disparidades acaba por relegar as mulheres negras a uma posição marginalizada em nosso país. O que frequentemente não se reconhece é que a questão da mulher negra oferece uma oportunidade para redefinir as questões de gênero, uma vez que ser mulher negra representa uma síntese que integra as complexidades de raça, classe e gênero (Carneiro, 2002).

Na entrevista Conceição, menciona a ausência de funcionários negros em diversos estabelecimentos comerciais da região, como o Criswan, Santa Clara, Polaca, Araudi e lotéricas. Essa observação reforça a ideia de que a falta de representatividade negra não se limita a um único local, mas é um problema estrutural que permeia diferentes setores da cidade. Conceição menciona a falta de negros até mesmo em funções como faxina, e isso demonstra a persistência do racismo no mercado de trabalho, que limita as oportunidades de trabalho para pessoas negras, mesmo em atividades consideradas como menos qualificadas.

Questionei conceição se em algum momento já havia sofrido racismo em algum momento de sua vida ela ressalta que:

1. *Anelise: E na tua vida tu já teve alguma experiência com racismo?*
2. *Conceição: Eu já passei por isso, mas agora me lembra bem os seus dos detalhes assim... uma vez que eu peguei na cotrigo. Primeira vez, a gente... O primeiro emprego, porque eu fui para o cotrigo, consegui ir para o cotrigo. Daí houve uma conversa assim que tava o fulano e a pretinha ali, trabalhando junto. Daí eu não me sentia a vontade de me defender, por causa que eu tava... Eu era novata, eu tinha medo de me... responder e ir pra rua. Não consegui me defender, por causa do medo de perder o serviço.*

Questionei Djamila se ela já teve alguma experiência com o racismo, inicialmente ela negou ter vivenciado tais situações. No entanto, posteriormente, ela relata ter sofrido micro agressões relacionadas ao seu cabelo, como comentários sobre sua textura e como lavá-lo. A negação inicial de Djamila pode ser interpretada como um mecanismo de defesa, uma forma de lidar com as experiências negativas de forma a minimizar seu impacto. É importante ressaltar que a ausência de memórias de episódios explícitos de racismo não significa que a pessoa não tenha sido vítima dessa forma de opressão.

As micro agressões relatadas por Djamila, por outro lado, são exemplos sutis, porém precisos, de como o racismo se manifesta no dia a dia. Tais comentários, aparentemente inofensivos, carregam consigo estereótipos negativos sobre a aparência de pessoas negras e reforçam a ideia de que a beleza negra precisa ser "domesticada" para ser considerada aceitável.

A fala de Conceição, "*Como é que tu faz? É teu esse cabelo? É teu esse cabelo?*", são comentários que as entrevistadas ouvem no cotidiano. Questionei se elas consideravam aqueles comentários racistas, e elas o reconheceram, indagando que:

1. **Conceição:** *Ah, que legal o teu cabelo. Claro. Tu olha assim, tu vê uma pessoa branca hoje de peruca na cabeça? Você não vai lá e fala, que bonito o teu cabelo. Como é que tu faz pra tira? Como é que tu faz pra bota? Como é que tu lava? Não existe isso. Má uma pessoa coloca tranças, porque a maioria das muié negra, hoje usam trança no cabelo. E daí já sai o tamanho comentário.*

A entrevista com Conceição expõe a história de uma amiga, obrigada a remover suas tranças para usar o capacete de segurança no trabalho. Essa situação evidencia a imposição de normas estéticas racistas, que discriminam pessoas negras e com cabelos crespos. A exigência de que sua amiga modificasse sua aparência para se adequar às regras da empresa configura-se como controle do corpo negro e negação da identidade cultural. A história dela evidencia o racismo estrutural no mercado de trabalho e a necessidade de um ambiente inclusivo.

Ao final da entrevista conceição fala sobre seus sonhos, que deseja ver os filhos bem, terminar de reformar sua casa. Expressa a esperança que eles estudem, trabalhem e se mantenham longe das drogas e maldades que os rodeiam. Ao perguntar os sonhos de Djamila a jovem destaca que deseja finalizar os estudos e que futuramente não tem sonhos projetados. As duas entrevistadas, apesar de terem origens e vivências distintas, demonstram força e determinação em seus sonhos.

Serena e Venus respondem a partir de questionamentos sobre as limitações presentes na sociedade em relação aos lugares:

1. **Serena:** *Eu acho que sim.*
2. **Anelise:** *Pra trabalhar no mercado, não sei se vocês sentem isso.*
3. **Serena:** *Eu acho que sim. Porque aqui, eu não sei se vocês já notaram, né? No gaúcho não tem um negro. No Santa Clara não tem um negro. Na loja da Polaca não tem um negro. Na casa do doce tem duas ou três. No comércio não tem. No posto de gasolina não tem.*

A entrevistada Venus relata a dificuldade de sua filha mais jovem conseguir emprego, destaca que ela entregou mais de três currículos para trabalhar em um mercado da cidade e não teve retorno, aceitaram o currículo mas não chamam a jovem para trabalhar, a mãe destaca que o supermercado ainda estava contratando, pedindo pessoas para trabalhar no

Facebook. Relata que a jovem chegou a enviar mensagem no Whatsapp perguntando o porquê de não chamarem ela, Venus descreve: “Ela botou no whats, não atenderam mais ela. tão, precisando de gente, mas eu já larguei três, quatro currículos. Seis não me chamaram por causa cor?” .

Serena também destaca que na cidade vizinha Getúlio Vargas, encontra dificuldades para enxergar uma pessoa negra trabalhando no comércio. Ao questionar elas se encontravam dificuldade achar vagas de emprego quando eram mais novas elas destacam que:

1. **Anelise:** *E nos empregos também, quando vocês eram mais novas, pra buscar emprego, vocês achavam dificuldade?*
2. **Serena:** *Dificuldade porque não tinha um estudo, vamos supor, né. Porque não tinha um curso concorrido. É bastante dificuldade pra chamar. Era só a Fukito que te contratava porque tu tinha... era a Safra.*
3. **Venus:** *Era a Safra, só a Safra. Terminou a safra nós ia pra rua.*
4. **Serena:** *Aí eles tinham que pegar, né? Mas nesses comércio aqui, nunca!*

Em sequência para abordamos o tema do racismo, pedi as entrevistadas se já sofreram racismo, em suas narrativas destacam que:

1. **Anelise:** *E em sua vida, você sente que você já teve alguma experiência com o racismo? Eu já. Como é que foi?*
2. **Serena:** *Tem que olhar assim, quando tu cheira nos lugares, te olhar torto. Eu sinto porque eu, nesses eventos da prefeitura que eu tô, né, tem uns que te olham meio assim, que nem agora, o último baile que a gente foi, sábado, e daí eu tava com o vice-prefeito e a esposa pra receber o pessoal. Daí me olhavam, que será que pensavam, né?, que que isso aí ta fazendo aí? Uma simples faxineira, tá aí, toda metida? Eu senti bastante isso. Eu, ó, mas eu curti muitos lá. Que ficavam me olhando. E aí, o que que eu tava fazendo lá? Na porta, né? Co prefeito com todos os eles lá*
3. **Venus:** *A gente percebe até no banco. primeiro é aqueles que tão lá. Pra depois a gente principalmente no Sicredi, que eu recebo ali, eu chego ali, o guarda malemau que me atende ali, e eu fico ali sentada la esperando até, que eles me chama. Dai tem a senha, má dai eu vejo que eles trocam, veem não sei o que, não sei , que e a minha senha sempre fica por último, dai depois tem dias que eles não me chamam pela senha, e eu sou a última no caso. Mas quando eu preciso ir lá por causa do meu aplicativo, daí acontece isso aí. É bem complicado.*
4. **Serena:** *E isso ainda existe, em pleno esse século XXI, existe esse trem ai..*

Ao perguntar às entrevistadas se já haviam presenciado comentários ou comportamentos racistas na cidade e como essas experiências afetaram suas vidas, elas revelaram, por meio de suas narrativas, que:

1. **Anelise:** *E vocês já se depararam com algum comentário, algum comportamento racista? É isso que vocês já falaram. E mais de alguma situação assim que vocês passaram? Além dessas não lembram?*
2. **Serena:** *Só os comentários. Aquele, roubo? foi aquele negro lá da Vila. Primeira coisa que a polícia faz é vir aqui. E nem foi aquele negro, foi aquele branco lá. E daí? como é que fica? Né? Isso aí, pra mim é um tapa na cara. Eu brigo com a polícia de peito aberto, não tenho medo. Briguei com a força tática ai na frente da minha casa. Pode abaxa essa arma, eu falei pra ele. Pode baixar essa arma. É teu serviço, Não me interessa se é Teu serviço, não me interessa. Aqui não tem ladrão e muito menos droga, aqui no nosso bairro.*
3. **Anelise:** *E pela violência policial, você sente que tem bastante aqui no bairro ou não?*
4. **Serena:** *Aqui assim ó, a polícia começou a vir, né? E assim eles. Eles pararam quatro viaturas? e ligaram a serene, e começavam da risada. Sabe, pra debocha? A polícia fez isso, pra que fazer isso? Se não tinha nada pra eles correr atrás e se todo mundo tava dormindo 11h30 da noite. Isso aí já é coisa de racismo pra mim. Eu bato muito nisso ai, eu brigo bastante pela vila. Agora, por que roubou lá, foi aqui da vila? ,*
5. **Anelise:** *eles já vem direto pra cá.*
6. **Serena:** *É a primeira coisa que eles vem procura é aqui, e isso aí fica chato, né?*
7. **Anelise:** *É até pra vocês, né, pela questão de ser negro e tal. Porque a gente sente, né, na pele.*
8. **Serena:** *Sente, mas eu, aqueles olhares, sábado. Eu digo pronto. Mas eu não vou sair daqui, vou ficar aqui. É meu trabalho. E eu senti uns olhar diferente. E não me interessa se eu trabalho na prefeitura ou não trabalho, eu falo, lá no meio lá, eu falo das polícia, falo daqui do bairro, falo que eles não ajudam, eles não ajudam, aqui no bairro.*
9. **Anelise:** *A prefeitura?*
10. **Serena:** *Pra mim ganhar uma reforma Tive que ir na polícia, tive que ir pro fórum. E ninguém ajuda aqui não adianta.*
11. **Anelise:** *E você sentiu que a prefeitura ajuda bastante ou não ajuda?*
12. **Venus:** *A gente não ajuda.*
13. **Serena:** *Não ajuda*
14. **Anelise:** *Eu acho assim, uma coisa muito engraçada. Tipo assim, pela questão da... Ah, vamos reformar o campo do lutador, essas coisas assim.*
15. **Serena:** *E as casas aqui, ninguém? Ninguém. Olha, a casa do Pedro tem pedra pra segurar os brasilite, tem pedra. Aí, vieram ali pra reformar. foram macaquia, a casa vai cair, com três criança dentro.*
16. **Venus:** *num município assim, olha gente, não querer, olha eu graças a Deus tenho a minha comida, tem município que eles dão sacola pras pessoas que recebem, quem nem merece, eles dão, e aqui na prefeitura eles escolhem, não ajudam, dão pra muita gente que vendem as comidas até, e as que tão precisando eles não dão, e dão pra muita gente que vende...*
17. **Venus:** *Eu ganhei a reforma da minha casa porque eu disse que as crianças tinham se enchido de bicho aí dentro de casa, barata e percevejo, eu tive que queimar tudo as minhas coisas de dentro de casa, tudo, nem tinha terminado de paga. Tá aberta a fossa do banheiro. A fossa do banheiro, de tudo as casa. Daí, veio barata veio percevejo, queimei tudo as minhas coisas, tô sofrendo até hoje pra pagar o sofá no nome da minha filha, ali que eu tive que tirar, fiquei sem nem as coisa, porque eu tinha tudo, as minhas coisas de dentro de casa tive que me desfazer desde os forros de cama, roupa, tudo queimei tudo. Cheguei ficar roxa de tanto que os bicho me mordiam, eu e essa pequena. E a fossa tá aberta ali. Não vieram arrumar. As baratas*

subiam da fossa pro cano da pia. Eu não sabia, não sabia. Um dia essa aqui arredou, não sei, foi o fogão o que, mãe do céu de barata, quando eu fui ver tinham tomado conta as barata, e já veio percevejo, que nunca mais na vida nós tinha visto percevejo. tu sabe que o nego botou fogo nas coisas ali, na cama, os percevejo faziam, era um inxame, dava pra ver.

18. **Serena:** *Eu nunca mais vi percevejo na minha vida, chega a me arrepiar. Por que? porque a fossa tá aberta. Entro na fossa do banheiro e aquilo foi se alastrado.*

A entrevista com Serena e Venus destaca a prevalência do racismo estrutural que permeia as experiências das moradoras do bairro. O racismo estrutural é evidente nas atitudes e ações discriminatórias da polícia e nas falhas sistêmicas das instituições públicas em atender adequadamente às necessidades da comunidade. Como dito anteriormente por Pinheiro *et al* (2019), Botosso (2019) e Almeida (2019) o racismo estrutural aprisiona o corpo de mulheres negras nas mesmas atividades, afeta os principalmente negros e indígenas, causando super exploração marginalização para estes corpos. Almeida também nos alerta sobre como o racismo institucional afeta pessoas negras, considerando que as instituições estabelecem os critérios para manter e controlar a ordem social. O autor Silvio Almeida (2019) explica que a noção de racismo institucional implica que a imposição de regras e padrões racistas pelas instituições está, de alguma forma, ligada à ordem social que elas pretendem proteger.

A negligência institucional também é um aspecto crucial do racismo estrutural exposto na entrevista. Venus relata as dificuldades enfrentadas para obter melhorias habitacionais essenciais. Ela descreve a precariedade das condições de vida, como fossas abertas e infestação de pragas, que persistem devido à falta de intervenção do governo local. A necessidade de Venus de recorrer a medidas drásticas, como queimar seus pertences infestados, ilustra a severidade das condições de vida e a resposta inadequada das autoridades municipais.

O racismo estrutural e institucional se manifesta de diversas maneiras nas vidas das pessoas negras, afetando suas condições de moradia e acesso a serviços públicos. Este contexto é exemplificado no relato da entrevistada sobre as precárias condições de saneamento em sua residência. Ao final, a entrevistada relata que os bichos só não picaram seus outros filhos mais velhos, pois ela, a filha mais nova e a neta foram atacadas e tiveram coceiras pelo corpo. A entrevistada relata que buscou ajuda da prefeitura para fechar a fossa de sua casa, mas as autoridades disseram que não podiam auxiliar pois isto ficava a encargo do proprietário do imóvel.

Foto 1: Imagem da fossa da casa da moradora Serena



Fonte: Lima, Anelise. 2023

Durante a entrevista demonstraram indignação com os vereadores e prefeitos da cidade, pois na hora de pedir apoio, os demais apareciam nas residências. Relataram também que o loteamento tinha muito lixo exposto nas ruas. Serena em sua narrativa descreve que: *“Pediram pá limpa os terrenos por causa da dengue, o lixo tá lá. A dengue vai fica ali. Eu acho que aqui a vila tem bastante discriminação. Sim, tem, eu tenho certeza disso, porque é só negro que mora aqui.”* Através de sua narrativa, ela descreve a insatisfação com o lugar onde vive. Através de sua fala, salientamos que as famílias vieram do quilombo para cá, e que a maioria dos moradores do bairro são pessoas negras e que através de pesquisas no IBGE o salário das pessoas negras era inferior.

4.7 - Esperança e Perspectiva futuras

Ao final da entrevista pedi às entrevistadas se tinham algum sonho e o que esperavam dos estudos dos filhos. Em suas narrativas descrevem:

1. *Venus: eu queria mudar essa vila ai, pelo amor de Deus .*

2. **Serena:** *eu queria ter um pouquinho de poder, um pouquinho, que nem eu te falei, queria botar muita gente nos eixo e essa vila também. Porque eu penso assim, ó. como nós samo tudo negro, aqui na vila, se a gente fosse se junta, todos, nós temo que se uni, ah por que eu tenho vergonha, vergonha do que? Tu sabe que eu fui numa coisa, de mulher aqui no paróquial, só tinha eu de negra, só tinha eu naquela palestra das mulher de negra, só tinha eu e a minha menina, a minha menina não é tão negra, mas eu reparei, eu olhei tudo aquele povo de gente, guria, só branco, só eutinha eu de negra naquela palestra do dia da mulher.*

Ai eu falei, por que que cês não foram? por que que cês não foram? Porque nos temo vergonha, nós não temo que mostrar vergonha pra esse povo, nois temo que bota a cara, eu não me interessa, eu não quero saber, eu to lá metida no meio, sim, eu vou lá, eu também sou gente. Essas coisas de curso, da bolsa família, teve um curso de qualificação, só tinha a tia [... de negra, que eu fui, depois eu fui almoça ali com eles, eu e a tia [...], o resto tudo branco fazendo curso, e é espaço das pessoas que ganha bolsa família, o que que aquelas veia tavam fazendo ali? Porque? Porque quem ganha, não quer ir, porque tem vergonha, porque é negro, mas é espaço delas fazer o curso, é delas, e não daquelas pessoa lá. Mas eu fico indignada guria, o espaço era do povo daqui da vila fazer esse curso, das muié daqui da vila fazer esse curso, das menina fazer esse curso, não daquelas muié que tão lá, mas eu me indigno, elas não tem, essa aqui foi também, ma elas não tem aquela... ha por que eu tenho vergonha, elas são acomodada, sabe, as pessoa aqui da vila são acodada. Se tu faz tudo bem, se tu não faz tu não faz, não é assim tem que erquer a bunda e ir lutar pelo né, oia essas casa ai ó, te digo se essas mulher botam o brabo lá, quero vê se não ganha, eu não quero sabe, a porque a prefeitura, chamei no forum e deu a minha casa tava caindo, tinha um fosso negro no meio da minha cozinha, o prefeito tem que vê o povo, eu não quero sabe, se eu trabalho lá ou não trabalho, eu falo mesmo, os direito é do povo, o povo tem que ir atrás, tu acha que se esse povo se unisse comigo aqui ó, nós não vencia, eu não quero saber guria, eu meu deus, se pensasse uma organização no bairro, vamo se organiza limpa essas rua, pra da na cara da prefeitura, vamo limpa esses patio, pra da na cara deles, agora só vem tira com caminhão, se não arruma caminhão paguemo um caminhão se juntemo tudo e tiremo, ma não eles são muito acomodado, que nem eu digo, faze um mutirão, faze um ajuda o outro. Né. Eu gosto de ajudar as pessoas.

A entrevista com Venus e Serena revela a profundidade do sentimento de exclusão e a frustração das mulheres negras com as condições de vida em sua comunidade e com a resposta inadequada das instituições públicas. Além disso, a conversa destaca a importância da solidariedade e da ação coletiva para enfrentar os desafios sistêmicos. Serena expressa sua indignação com a falta de representação das mulheres negras em espaços sociais e educacionais.

Ela relata que, em eventos e cursos destinados ao público geral ou aos beneficiários de programas sociais como o Bolsa Família, as mulheres negras da vila muitas vezes não participam devido à vergonha ou ao sentimento de inadequação. Serena destaca a sua própria presença em tais eventos como um ato de resistência e de reivindicação de seu espaço, apesar da ausência de outras mulheres negras. Este sentimento de exclusão é uma manifestação clara

do racismo estrutural, onde as normas e práticas sociais perpetuam a marginalização das pessoas negras.

A partir do que Souza (2007) dialoga, podemos perceber que as mulheres negras do loteamento não ocupam os espaços, por sentirem vergonha. Em sua obra a autora retrata que as mulheres negras ao sentirem solidão durante a infância, não terem representações positivas de pessoas negras nos espaços, fragilidade de expor a opinião própria acabam não participando dos espaços. A auto-estima é importante na vida de mulheres negras, para que se sintam bem, encorajadas ao participar de espaços que são seus por direito.

A entrevista com Venus e Serena ilustra as complexas interações entre racismo estrutural, exclusão social e a ineficiência das instituições públicas. A narrativa delas evidencia a necessidade urgente de maior inclusão e representatividade das mulheres negras em todos os espaços sociais e educacionais. Além disso, ressalta a importância da solidariedade e da ação coletiva como ferramentas poderosas para enfrentar e superar as barreiras impostas pelo racismo e pela desigualdade social.

Em seguida a entrevistada relata que deseja que sua filha continue estudando para não acabar sofrendo:

1. **Anelise:** *E deixa eu pedir se vocês têm esperança que os filhos de vocês, dos netos, estudem.*
2. **Venus:** *Eu tenho, tenho.*
3. **Serena:** *Eu tenho. Eu incentivo bastante minha filha a estudar. Eu incentivo pra ela não passar o que a gente passa. Né E é que eu não digo pra ela, tu quer limpar banheiro público? Que nem a mãe tem que limpar? Eu tenho que limpar. Se eu quero ganhar meu salário, eu vou ter que ir, sou mandada, né, eu tenho que limpar. Se eu mandar eu ir varrer a rua lá, na ferroviária, que nem eu fiz essa semana, eu tenho que fazer. Eu tenho que arecebe? Eu sempre falo pra ela, tu que isso pra ti? Não, né? Tu quer um serviço melhor pra ti.*

A mãe, quando ter saúde, eu vou te pagar o estudo pra ela, né. Eu vou lutar que ela estude, que não se desvie o caminho do estudo. O namoro, que nem eu falo pra ela, é depois. Dos dezoito, que já ta bem encaminhada.

Mãe, ela hoje me perguntou assim, ó. Mãe, o que que... tu queria? Tu queria voltar? Eu disse, eu queria voltar na tua idade, sim. Mas com o pensamento que eu tenho hoje. eu disse pra ela com o meu pensamento ai eu queria voltar, se não... Se não... Eu incentivo muito ela a estudar. Eu converso muito com ela. eu incomodo muito ela. Porque ela... Que mulher mais chata, né? Ela não tem essa aqui de dormir até às onze, mimimi, é seis horas da manhã, ela pula comigo. Porque ela já sabe tudo que tem que fazer. Ela tem que ir na aula, tem que voltar pra casa. Ela tem o compromisso de fazer comida pra mim e limpar a casa. E fazer os temas, ainda. Estudar, porque ela tem tempo. Então, se não estudar... o que que ela tem pra fazer nada? Se ela levanta junto comigo às seis horas da manhã. Ela tem a manhã inteira. Que vai da tempo dela fazer o serviço, pegar o caderno e estudar e fazer o almoço ainda. Dá tempo. Daí quando eu tô em casa, ela diz meu Deus tu não para, não ,não paro, pra tu ver. Eu

trabalho semana interna, eu não paro. Eu mudo uma uma coisa do lugar, é assim que tem que fazer. Tem que estudar. Daí tu vai trabalhar aqui, ó, ou senão, ó, tu vai sofrer.

Na entrevista Rosa e Nina quando questionadas sobre possíveis limitações em espaços na cidade, as entrevistadas relataram não terem sentido discriminação direta até o momento. No entanto, ao abordar o mercado de trabalho, identificaram a existência de barreiras. A entrevistada Nina mencionou que, embora haja progressos recentes, como no caso dos frigoríficos que têm oferecido mais oportunidades para pessoas negras, a discriminação ainda persiste em certos setores. Ela observou que o mercado Santa Clara é conhecido por não contratar pessoas negras, o que a faz evitar esse estabelecimento. Em contraste, a Casa do Doce foi citada como um exemplo positivo de inclusão. Rosa confirmou a presença de pessoas negras empregadas na Casa do Doce, ressaltando a desigualdade nas oportunidades de emprego baseadas na cor da pele. As entrevistadas destacam que em suas vidas não sofreram racismo e nunca enfrentaram violência policial.

As entrevistadas mantêm firmes seus sonhos e esperanças para o futuro educacional de seus filhos e netos. Rosa enfatiza que tem 13 netos, uma bisneta e um bisneto, e que espera que todos continuem estudando, ressaltando a importância da educação nos dias atuais. Nina compartilha um desejo similar para seus filhos. Ela mencionou que incentivou seu filho a retomar os estudos através do ENCCEJA no próximo ano, com planos de acompanhá-lo nesse processo. Além disso, seu outro filho mais velho também demonstrou interesse em participar. Nina deseja que seus filhos mais novos não apenas completem seus estudos, mas também façam cursos superiores, imaginando futuras carreiras para ambos, como sua filha uma futura delegada, devido à sua persuasão, e seu filho como detetive, dada sua curiosidade investigativa. Por fim, Nina expressa sua determinação em concluir seus próprios estudos no próximo ano.

Rosa revelou que seu maior sonho pessoal é voltar a trabalhar. Ela explicou que está afastada do trabalho há onze anos devido à necessidade de cuidar do marido, que está em tratamento de hemodiálise. Esta responsabilidade a impede de trabalhar, pois precisa acompanhá-lo frequentemente. No entanto, Rosa expressa um desejo profundo de retomar suas atividades trabalhistas e ter uma fonte de renda, mencionando que pretende voltar a procurar emprego após o transplante do marido, mesmo que isso signifique trabalhar em tarefas pesadas como manusear uma enxada.

Concluimos essa etapa das entrevistas ao constatar que as histórias das entrevistadas revelam a interseção complexa entre raça, gênero e localização geográfica. Serena e Venus

compartilham experiências que refletem tanto as Geografias Negras quanto a Geografia Feminista. Em seus relatos, elas discutem a marginalização e exclusão que enfrentam em diferentes espaços e contextos (desde eventos comunitários até programas de formação profissional), destacando a necessidade de solidariedade e resistência dentro da comunidade negra para afirmar seus direitos e presença. Serena destaca a vergonha frequentemente sentida por mulheres negras ao participar de espaços dominados por pessoas brancas, sublinhando a importância da união comunitária e da resistência coletiva.

Seu relato exemplifica como as Geografias Negras não se limitam apenas ao espaço físico, mas também abrangem as dinâmicas de poder e a luta contínua por reconhecimento e inclusão. Essas narrativas desafiam e reconfiguram a territorialidade através das experiências vividas por essas mulheres. Além disso, a frustração com a ineficiência das instituições públicas é um tema central na narrativa de Serena. Ela descreve a negligência da prefeitura em atender as necessidades básicas da comunidade, como a reforma das casas e a limpeza das ruas. A indignação de Serena com a inação das autoridades municipais reflete uma falta de reconhecimento e de resposta adequada às condições de vida precárias enfrentadas pelos moradores do loteamento popular. Esta negligência institucional perpetua as desigualdades sociais e raciais, deixando as comunidades negras em situação de vulnerabilidade.

Um ponto crucial levantado por Serena é a necessidade de união e organização entre os moradores para enfrentar os desafios coletivos. Ela acredita que, se os moradores se unissem e lutassem juntos pelos seus direitos, poderiam conseguir melhorias significativas. Serena vê a ação coletiva como uma forma de empoderamento e de reivindicação de seus direitos, contrapondo-se à passividade e à acomodação que ela observa em sua comunidade.

Em suma, as entrevistas com Serena e Venus não apenas refletem as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, mas também destacam a resiliência e a necessidade de ação coletiva para enfrentar as barreiras impostas pelo racismo estrutural. As narrativas reforçam a importância de reconhecer e abordar as dinâmicas de poder que moldam as Geografias Negras, mostrando que a luta por reconhecimento e inclusão deve ser contínua e coletiva.

É importante ressaltar que durante as entrevistas também foi discutida a relevância da educação na vida das participantes e suas expectativas para as próximas gerações. Acreditamos firmemente que a educação representa uma via tangível para transformar a realidade e promover mudanças significativas. Serena e Nina expressaram um desejo ardente de que seus filhos e netos prossigam com os estudos para evitar os mesmos desafios enfrentados por elas, destacando a educação como uma ferramenta crucial para o

empoderamento e a ascensão social. Além disso, as entrevistas com Rosa e Nina evidenciam as persistentes barreiras raciais no mercado de trabalho, ilustrando como a discriminação racial impacta diretamente as oportunidades de emprego. Ao enfatizar tanto os obstáculos quanto as aspirações das mulheres negras, essa análise revela a complexidade das opressões interseccionais e a resiliência diária dessas mulheres ao redefinirem suas trajetórias em contextos sociais e espaciais desafiadores.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do seguinte trabalho de conclusão de curso teve por objetivo geral analisar a história de vida de mulheres negras da mesma família, pertencentes a três gerações, e identificar continuidades e descontinuidades nas práticas do trabalho (doméstico e informal) sob a perspectiva da interseccionalidade, no Loteamento Popular Aliança 1, localizado no município de Estação/RS. A partir disso, passamos a entender o lugar da mulher negra na sociedade brasileira.

Além do objetivo geral, foi preciso dar conta de três objetivos específicos. O primeiro foi organizar dados sobre o trabalho doméstico no Brasil. Constatou-se, segundo dados do IBGE (2024), que mulheres negras ou pardas dedicam mais tempo às tarefas domésticas, têm menos participação no mundo do trabalho e são as que mais sofrem com a pobreza. Em 2022, destinaram em média 21,3 horas semanais aos serviços domésticos. Dados do IBGE (2023) empregava 5,8 milhões de pessoas, sendo 92% mulheres, das quais 61,5% eram negras.

Esses dados mostram que essa função é a que mais emprega mulheres em nosso país, especialmente mulheres negras com baixa escolaridade oriundas de famílias de baixa renda (Brasil, 2024). Em 2022, das 100 trabalhadoras negras, 16 atuavam como domésticas, enquanto entre as mulheres brancas, esse número era inferior a nove. (Brasil, 2024, p. 5)

Para compreendermos a complexa posição da mulher negra na sociedade brasileira, recorreremos à obra da intelectual Lélia Gonzalez (2020), que, por meio de um processo histórico, narra a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Em seus escritos, Gonzalez traça um panorama histórico que evidencia a centralidade da mulher negra desde o período escravocrata. Analisando sua função na casa-grande como mucama e ama de leite, além de suas tarefas domésticas, a mulher negra escravizada assumia a responsabilidade de cuidar dos filhos dos senhores, muitas vezes com afeto e generosidade, tecendo laços afetivos que transcendem a relação opressora.

O segundo objetivo foi identificar como os estudos de interseccionalidade são abordados na Geografia. Avaliamos que a Geografia, enquanto ciência, proporciona debates sobre diversas desigualdades sociais, classificando pessoas com base em sua raça, classe e gênero. Esses debates dão maior relevância a temas pouco discutidos, como a inclusão dessas questões no "fazer geográfico". As discussões de gênero, por exemplo, têm sido amplamente abordadas no campo geográfico. (Souza, 2007)

Guimarães (2020) ressalta que as Geografias Negras possuem um grande potencial para oferecer diversas perspectivas de interpretação do mundo, beneficiando-se da natureza

multidisciplinar da Geografia. Elas integram diferentes campos do conhecimento e utilizam várias linguagens, ampliando assim a compreensão e a relevância dessas temáticas.

O conceito de interseccionalidade serviu como ferramenta para demonstrar como o gênero, raça e classe, são fatores que interferem na vida de mulheres negras, tanto na esfera econômica, social e educacional, que provém do período escravocrata, completados pela desigualdade de gênero e o racismo. (Silva; Tédde, 2019) Além desses fatores, é importante destacar que o espaço também exerce uma influência significativa na vida dessas mulheres. As entrevistadas, quando não estavam envolvidas no serviço doméstico, frequentemente trabalhavam em frigoríficos, mostrando como a organização espacial e as oportunidades de emprego disponíveis em determinada região impactam diretamente suas condições de vida e modos de viver.

A partir da ferramenta interseccional como base dos estudos geográficos, concluímos que a divisão sexual do trabalho doméstico possibilita compreender que as mulheres que exercem funções de domésticas são predominantemente negras, como consequência das raízes coloniais desse serviço, pois estas, influenciaram as relações sociais em nosso país. (Silva, Araujo, Sposato, 2021)

As entrevistas narrativas constituíram uma ferramenta essencial para compreender as vivências das moradoras do loteamento. Nesse sentido, buscou-se identificar, por meio de suas narrativas, a sobreposição de opressões e discriminações enfrentadas por mães, filhas e netas. A análise dessas histórias pessoais permitiu examinar a presença e o papel da educação em suas vidas, bem como investigar como o local onde residem influenciou suas relações, vivências e experiências enquanto mulheres negras.

A partir das entrevistas realizadas com sete mulheres residentes em um loteamento popular, emergiram diversas narrativas de experiências difíceis. No entanto, por meio dos relatos sobre seus sonhos, foi possível delinear um horizonte onde a educação desempenha um papel significativo, abrangendo desde os anseios da infância até a fase adulta. As histórias evidenciam que o trabalho esteve presente em suas vidas desde muito cedo, englobando atividades na lavoura, bem como o trabalho doméstico e informal, mas a educação, o sonho em se tornarem educadoras sempre esteve ali, mostrando que a educação é um fator importante em suas trajetórias.

Por meio de suas narrativas, foi possível identificar as múltiplas camadas de desigualdade relacionadas a gênero, raça, classe e educação que marginalizam essas mulheres na sociedade. A mudança de cidade, muitas vezes forçada por condições econômicas adversas, resultou em sua alocação inicial em áreas precárias, como a beira de trilhos, devido

à falta de moradias dignas. Posteriormente, foram transferidas para um loteamento popular, cuja legalidade e infraestrutura ainda são questionáveis. Esses relatos destacam a escassez de oportunidades de emprego na cidade e a ausência de saneamento básico em algumas residências, ilustrando a persistente exclusão social e a necessidade de políticas públicas efetivas para promover a inclusão e a melhoria das condições de vida dessas mulheres.

Em suas narrativas, foi possível identificar situações semelhantes relacionadas à moradia no loteamento, com muitas moradoras compartilhando o sonho comum de deixar o loteamento. As condições de vida dessas mulheres revelam como a segregação, o racismo, a falta de acesso à educação e a moradia inadequada contribuem para a exclusão enfrentada cotidianamente por mulheres negras chefes de família. Essas circunstâncias ilustram o que Collins e Bilge (2021) discutem ao utilizar a interseccionalidade como ferramenta analítica para discutir barreiras e promover melhores condições de enfrentamento das desigualdades sociais. A análise interseccional permite uma compreensão mais profunda das múltiplas dimensões de opressão que essas mulheres enfrentam, ressaltando a necessidade urgente de políticas públicas inclusivas que considerem as especificidades de gênero, raça, classe e acesso à educação para efetivamente combater a exclusão social.

O trabalho doméstico emergiu como a principal forma de ocupação entre todas as famílias entrevistadas, revelando um ciclo geracional de emprego doméstico e informal. Gênero e raça atuam como marcadores significativos que influenciam as oportunidades de emprego disponíveis para mulheres negras, muitas vezes limitando-as a funções como faxineiras, cozinheiras, serventes, babás ou trabalhadoras em indústrias de corte de animais (Silva & Tédde, 2019). Esta realidade sublinha a persistente exclusão socioeconômica que essas mulheres enfrentam e destaca a necessidade de políticas que promovam a equidade no mercado de trabalho, permitindo-lhes acesso a diferentes oportunidades profissionais. A análise interseccional é crucial para entender e combater essas desigualdades, proporcionando uma base para a formulação de estratégias que visem a inclusão e a justiça social.

Diante das narrativas das mulheres negras, residentes do loteamento popular, fica claro que a interseção de gênero, raça e classe impõe desafios significativos em suas vidas. O ciclo persistente de trabalho doméstico e informal, evidenciado ao longo das gerações, frisa a necessidade urgente de políticas públicas que não apenas reconheçam, mas também enfrentem essas formas de exclusão socioeconômica. É essencial que se criem oportunidades reais para essas mulheres sonharem, estudarem, melhorarem suas condições de vida e ocuparem espaços de poder e decisão na sociedade brasileira. Investir em educação e em políticas inclusivas é

crucial para que essas mulheres não apenas sobrevivam, mas prosperem em suas comunidades, contribuindo assim para um futuro mais igualitário e justo para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural: feminismo plurais. São Paulo: Pólem, 2019.
CRESWELL, John W. Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa.

AZEVEDO, Luyanne Catarina Lourenço; SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. As Trajetórias de Vida Formação Profissão de Ella, Filomena, Maria e Sol. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 95-124, jun. 2022. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>. Acesso em: 21 out. 2022.

BRASIL. GOV. (org.). Nota informativa: n 2/ 2023. N 2/ 2023. 2023. Elaborado por Governo Federal. Disponível em: https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de_Cuidados_e_Familia/Arquivos/Nota_Informativa/Nota_Informativa_N_2.pdf. Acesso em: 05 abr. 2024.

BOTOSSO, Tatiana Cavalcante de Oliveira. **Vozes Insurgentes: o discurso do feminismo negro na américa latina e caribe**. 2021. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; GUIMARÃES, Geny Ferreira; SOUZA, Lorena Francisco de. INTRODUÇÃO DO CADERNO TEMÁTICO“GEOGRAFIAS NEGRAS. *Abpn*, [S.L], v. 12, n. 0, p. 3-11, abr. 2020

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021. Tradução Rane Souza.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática S.A, 1989.

FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; NUNES, Simone Costa. Mulheres Negras no Mercado de Trabalho:: interseccionalidade entre gênero, raça e classe social. In: XLIII ENCONTRO DA ANPAD - ENANPAD 2019, 42., 2019, Minas Gerais. **Academia**. São Paulo: Anpad, 2019. p. 1-16.

GUIMARÃES, Geny; ALVES, Aline Neves Rodrigues; SILVA, Adriana Carvalho; MIRANDA, Eduardo Oliveria. Editorial: dossiê geografias em persepectivas negras. *Rc*, [S.L.], v. 1, n. 21, p. 1, 24 mar. 2023. *Revista Continentes*. <http://dx.doi.org/10.51308/continentes.v1i21.437>.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. GEO-GRAFIAS NEGRAS & GEOGRAFIAS NEGRAS. *Revista da Abpn*, [S.L], v. 12, n. 0, p. 292-311, abr. 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar do Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero Ltda, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 0, p. 223-244, out. 1980.

HISTÓRIA. Disponível em: <https://pmestacao.com.br/o-municipio/historico/> . Acesso em: 13 dez. 2023.

IBGE. **Estatísticas de Gênero**: mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. 2024. Editoria: Estatísticas sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2024.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira : 2023. 53. ed. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Ibge, 2023. 152 p.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino americanas. Buenos Aires Argentina: Clacso, 2005.

LUSTOSA, C. A. Milton Santos e o Método de Pesquisa em Geografia. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.2, n.1 (2011), p. 58:70 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v2i1.15420>

MANZI, Maya; ANJOS, Maria Edna dos Santos Coroa dos. O corpo, a casa e a cidade: territorialidades de mulheres negras no brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Salvador, v. 23, n. 0, p. 1-29, 29 nov. 2021. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR). <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202132pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/8FvqfjrztTwtqMSTdMwVPsG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 271 p

NUNES, Larissa Soares; PAULA, Luciane de; BERTOLASSI, Thiago; NETO, Antonio Faria A ANÁLISE DA NARRATIVA COMO INSTRUMENTO PARA PESQUISAS QUALITATIVAS. *Revistas Exatas*, [S.L], v. 1, n. 23, p. 1-9, jan. 2017.

NOGUEIRA, Tamis Porfírio Costa Crisóstomo Ramos. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 48-58, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/22482/15427>. Acesso em: 07 nov. 2023.

PINHEIRO, Luana *et al.* **Os desafios do passado no trabalho doméstico do século xxi**: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. Brasília: Ipea, 2019. 44 p. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

RATTS, Alecsandro Jp. **Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras**. 2003. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts_Genero.pdf. Acesso em: 9 set. 2022.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 138 p.

SILVA, Bruna Gabriela Santiago; ARAUJO, Manuela A. D.; SPOSATO, Karyna B.. "**Eu empregada doméstica**": as reminiscências da escravização. *Revista de Direito, Viçosa*, v. 13, n. 02, p. 01-25, jan. 2021.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. *Corpos e marcadores de desigualdades na análise geográfica: gênero, sexualidade e racialidade*. In: COSTA, Carmen Lúcia (org.). **Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero**. [S.L]: Gráfica Ufg, 2018. p. 1-179. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/genero-e-diversidade-na-escola/conteudo/parte2/02.html>. Acesso em: 26 abr. 2024

SILVA, Susana Maria Veleda da; TÊDDE, Rafael Moura. *As Trabalhadoras Negras em Atividades de Serviços de Limpeza: um olhar que desvela*. **Revista Latino-Americana de Geografia Gênero**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 91-108, jun. 2019. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, José Adailton Sousa dos. *Mulheres negras e trabalho doméstico: racismo e desigualdades na pandemia do covid-19*. **O Público e o Privado**, Piauí, v. 40, n. 0, p. 25-47, dez. 2021.

SOUZA, Lorena Francisco de. **Femininos em Movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas**. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

ZUCOLOTTO, Marcele Pereira da Rosa; COCCO, Bruna Gelain; RUVIARO, Janaina Felin. *Exclusão de mulheres negras: uma análise do filme: histórias cruzadas*. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 1-11, 1 jan. 2019. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i2.649>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/649/661>. Acesso em: 10 out. 2023.

APÊNDICE A - Perguntas orientadoras para Entrevista

Bloco 1 –Perfil da entrevistada.

Pergunta 1: Vamos começar falando sobre você, nome, idade, gênero, etnia, escolaridade, estado civil, profissão, com quem mora, quais os lugares que você frequenta no dia a dia?

Pergunta 2: De onde você e seus familiares vieram? O que trouxe a família de vocês a residirem nesta cidade?

Pergunta 3: Como aproveitam dos tempos de lazer na cidade durante o final de semana ou quando não estão trabalhando? (Costuma assistir novela, ir à igreja na casa, de vizinhas, ir à praça da cidade, baile da terceira idade, ir a balada, redes sociais)

Bloco 2- A rotina da casa.

Pergunta 4: Em relação a rotina da casa, quem auxilia com as tarefas, como o cuidar da casa e dos filhos/irmãos/parentes, fazer compras, ir em reuniões da escola?

Pergunta 5: Costuma assistir novela nos momentos de lazer? Em relação as novelas, encontra representatividade em ver mulheres negras atuando, nota que os papéis de pessoas negras mudaram na televisão brasileira?

Bloco 3- Trabalho.

Pergunta 6: Durante sua infância, costumava auxiliar seus pais nas tarefas, domésticas ou a cuidar da casa e dos/as irmãos/a?

Pergunta 7: Seu trabalho é na cidade ou requer deslocamento para outra? (como) Quanto tempo da sua casa ao trabalho? Sente alguma incerteza em permanecer no emprego (ou estudando) enquanto mulher? Nas contratações de emprego já sentiu alguma dificuldade para conseguir a vaga?

Pergunta 8: Você lembra qual foi o seu primeiro emprego e se alguma vez já teve experiência com o trabalho doméstico? Na cidade onde você mora, já teve oportunidade de emprego, em quais setores?

Pergunta 9: Qual a função de seus filhos hoje, no mercado de trabalho? (1)

Bloco 4-Educação.

Pergunta 10: Você concluiu a educação básica? Caso não tenha finalizado, quais foram os motivos que levaram a desistência? (considera que a infraestrutura da escola como professores e diretores, auxiliaram a seguir estudando?) Caso não tenha finalizado, quais foram os motivos que levaram a desistência? Você tinha sonhos de seguir alguma carreira? (o que pensava em ser na sua infância (1)) Na sua infância você recorda se sua família influenciava nos estudos?

Pergunta 11: Em relação a educação de seus filhos/ou a sua, permanecem na escola? Você acha que é importante concluir o ensino básico ou superior? Trabalham e estudam ao mesmo tempo? (está estudando e o que prevê para o futuro?)

Bloco 5- Lugar.

Etapas do processo 12: Como foi o processo para receber as casas no loteamento pela prefeitura, foi por sorteio? Quantas pessoas residiam na mesma casa? (1)

Possíveis entraves ou desafios 13: Comente se houve algum problema ou algum desafio para receber as casas? Lembram quantas famílias moravam na beira dos trilhos, todos ficaram alocados? (1)

Infraestrutura 14: Quando se mudaram já havia ruas pavimentadas, água encanada, esgoto, rede elétrica, espaço para lazer? Como era a infraestrutura das casas? Mostrar o mapa do local onde residiam pedir para que desenhem a estrutura das casas? (2 mães e filhas)

Lugar 15 : Você já sofreu ou sentiu alguma discriminação (por ser mulher, de fora da cidade, vir de fora, se por acaso o loteamento tem algum nome ou apelido?) por residir no loteamento?

Bloco 6- Racismo (perguntar se gostaria ou não de partilhar)

Pergunta 16: Você, como mulher negra, sente que existem limitações em nossa sociedade em relação aos lugares onde você pode ou não pode estar e aos empregos que você pode ou não pode exercer?

Pergunta 17: Em sua vida, sente que já teve alguma experiência com racismo? E como esta experiência impactou você?

Pergunta 18: Em algum momento de sua vida você já se deparou com comentários ou comportamentos racistas? Se sentir à vontade, poderia partilhar alguma situação que ilustre este impacto?

Pergunta 19: Você ainda mantém seus sonhos em mente e tem a esperança de que seus filhos/netos estudem ou trabalhe em alguma área?

APÊNDICE B - Termo de esclarecimento para as entrevistadas



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
UFFS - *Campus Erechim*

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Ministério da Educação
Universidade Federal da
Fronteira Sul

CNPJ: 11.234.780/0001-50
Av. Dom João Hoffmann, 313
Bairro Fátima
Fone: (54) 3522.6613/66598
99700-000 Erechim
Rio Grande do Sul – Brasil

www.uffs.edu.br

Erechim – RS, 01 de setembro de 2023.

Prezado (a),

Eu, **Anelise Vieira de Lima**, aluna do curso de Geografia – licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim venho solicitar sua autorização para realizar esta entrevista, para o trabalho de conclusão de curso sob o título: **Narrativa de vida de mulheres negras de três gerações familiar**: o espaço, o trabalho, o gênero, a raça no município de Estação/RS, orientado pela professora Dr^a. **Paula Vanessa de Faria Lindo**.

Esta atividade não apresenta riscos aos sujeitos participantes, pois os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos entrevistados como nome, endereço e outras informações pessoais.

Espera-se com esta pesquisa, (*analisar a história do loteamento popular Aliança 1 do Bairro Santana localizado no município de Estação/RS, entender sua formação, quantas famílias moram no local, entender como foi o processo para receber as casas no loteamento, conversar sobre os trabalhos que as entrevistadas já exerceram etc*). Qualquer informação adicional poderá ser obtida através do contato com a professora Paula Lindo pelo e-mail paula.lindo@uffs.edu.br.

A participação será voluntária, agradeço pela contribuição.



APÊNDICE C- Termo de Esclarecimento para o secretário municipal



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

UFFS - *Campus Erechim*

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Ministério de Educação
Universidade Federal da
Fronteira Sul

CNPJ: 11.234.780/0001-50
Av. Dom João Hoffmann, 313
Bairro Fátima
Fone: (54) 3522.6613/66598
99700-000 Erechim
Rio Grande do Sul – Brasil

www.uffs.edu.br

Erechim – RS, 28 de maio de 2024.

Prezado (a),

Eu, **Anelise Vieira de Lima**, aluna do curso de Geografia – licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim venho solicitar sua autorização para realizar esta entrevista, para o trabalho de conclusão de curso sob o título: **Narrativa de vida de mulheres negras de três gerações familiar**: o espaço, o trabalho, o gênero, a raça no município de Estação/RS, orientado pela professora Dr^a. **Paula Vanessa de Faria Lindo**.

Esta atividade não apresenta riscos aos sujeitos participantes, pois os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos entrevistados como nome, endereço e outras informações pessoais.

O objetivo é conversar com agentes da prefeitura para compreender a história de implementação do loteamento popular Aliança 1, já que a pesquisa de TCC visa *analisar a história do loteamento popular Aliança 1 do Bairro Santana localizado no município de Estação/RS, entender sua formação, quantas famílias residem no local e saber se foram feitas parcerias para sua implementação.*

Qualquer informação adicional poderá ser obtida através do contato com a prof. Dra Paula Lindo pelo e-mail paula.lindo@uffs.edu.br.

Desde já agradeço pela contribuição.

Anelise Vieira de Lima



Anexo 1 - Percurso metodológico das entrevistadas

Nesse item iremos descrever as escolhas e o passo a passo para realização da pesquisa de TCC. Para preparar o momento das entrevistas, organizamos o quadro 1, no qual apresentamos as perguntas e os objetivos de cada uma delas. A intenção foi desvelar se as três gerações de mulheres negras já haviam passado pelo trabalho doméstico, compreender o processo de moradia na qual tiveram acesso e também compreender, enquanto mulheres negras o seu sentimentos por pertencer a cidade em questão, para isso desenvolvemos 19 perguntas divididas em seis blocos.

No **primeiro bloco** foi direcionado para o perfil da entrevistada. Buscamos saber quais suas origens, o seu perfil como idade, etnia, seu gênero, raça e classe e para isso, elaboramos três perguntas. Para identificar a origem familiar e os fatores que motivaram a mudança de cidade, e a partir disso, investigar as atividades de lazer realizadas na nova localidade, bem como durante os finais de semana, quando não estão envolvidos em atividades laborais, ou se preferem permanecer em casa e assistir a telenovelas.

O **segundo bloco** foi estruturado para compreender a rotina doméstica e identificar as pessoas que auxiliam nas tarefas do lar. Foram feitas duas perguntas com o objetivo de determinar para quem as entrevistadas prestam assistência nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos. Além disso, buscou-se entender se o único momento de lazer disponível para as entrevistadas ocorre quando assistem a telenovelas ou frequentam a igreja.

No **terceiro bloco**, remetia ao trabalho. As perguntas foram direcionadas desde a infância, cuja intenção foi compreender se as responsabilidades já vinham direcionadas dessa fase, como o cuidado com o lar e com os/as irmãos/as. Para isso, organizamos quatro perguntas. Nesse bloco também investigamos o local onde as mulheres entrevistadas trabalham, qual a forma de deslocamento até o trabalho..

No **quarto bloco** foi direcionado às questões de educação. A intenção era compreender se elas conseguiram completar o ensino básico, identificando quais foram os motivos para que não completassem o ensino básico. Nesse bloco também direcionamos perguntas em relação à educação de seus/suas filhos/as, para identificar se eles permanecem na escola e o que esperam do futuro de seus

No **quinto bloco** de perguntas, abordamos questões relacionadas ao lugar, com o objetivo de compreender o processo de recebimento das casas e identificar eventuais dificuldades enfrentadas durante esse processo. Além disso, solicitamos que as entrevistadas rememorassem a infraestrutura do loteamento para, a partir disso, identificar se as mulheres

sofreram algum tipo de discriminação por residirem no local e detectar casos de racismo na cidade.

No **sexto e último bloco**, foram perguntas relacionadas ao racismo. Aqui foi cuidadosamente enfatizado, que elas não eram obrigadas a responder as perguntas e que em qualquer momento poderíamos encerrar a entrevista. Foi elaborado duas questões. Somente 2 perguntas este quadro está disponível no apêndice A.

Com o quadro de perguntas organizado esquematizei uma tabela na qual relacionei aos objetivos no qual desejava atingir. A seguir ao quadro 1.

Quadro 1: Perguntas orientadoras para entrevista de TCC e seus respectivos objetivos.

Perguntas	Objetivos
Bloco 1 - Perfil da entrevistada	
1. De onde seus familiares vieram. Quais suas origens. Quais foram os principais desafios e motivos para residirem no loteamento.	Entender de onde vieram as mulheres entrevistadas, se vem do interior, do quilombo, de outras cidades.
1.1: Qual a idade, gênero, raça, filhos, estado civil.	Analisar o perfil das entrevistadas, sua idade, seu gênero, raça e classe. Analisar qual a idade das mães, filhas e netas, a partir disso depois analisar o emprego que cada uma passou.
Como aproveitam dos tempos de lazer na cidade durante o final de semana ou quando não estão trabalhando? (Costuma assistir novela, ir à igreja na casa, de vizinhas, ir à praça da cidade, baile da terceira idade, ir a balada, redes sociais)	Analisar se as mulheres têm momentos de lazer no final de semana ou quando não estão trabalhando.
Bloco 2- Rotina da casa	
Em relação a rotina da casa, quem auxilia com as tarefas domésticas, como o cuidar da casa e dos filhos/irmãos/parentes, fazer compras, ir em reuniões da escola?	Identificar no processo a dupla jornada de trabalho com a responsabilidade do cuidado com a família, a organização das tarefas, da casa, da escola, dos filhos. Identificar em mulheres mais idosas, quais seus momentos de lazer, como é a relação com a família, filhos, marido.
Bloco 3- Trabalho.	

Durante sua infância, costumava auxiliar seus pais nas tarefas domésticas ou a cuidar da casa e dos/as irmãos/as?	Analisar se as entrevistadas passavam pela dupla jornada de trabalho desde a infância, com responsabilidade de cuidar dos irmãos/as e da casa.
Você trabalha fora de casa? Na contratação de emprego você sente que têm alguma dificuldade para conseguir a vaga? Seu trabalho é na cidade ou requer deslocamento para outra cidade (como)? Quanto tempo você leva para chegar no seu trabalho? Recebe algum vale transporte? Sente alguma incerteza em permanecer no emprego (continuar no estudo)?	Em relação ao trabalho identificar se há uma dupla jornada de trabalho, identificar se as entrevistadas identificam o racismo nas contratações de emprego. Neste processo de deslocamento existe algum cansaço, desde a hora que acorda até chegar em casa. Identificar a renda dessas mulheres. Sente alguma incerteza em ser demitida.
Você lembra qual foi o seu primeiro emprego e se alguma vez já teve experiência com o trabalho doméstico? Quais foram suas oportunidades de emprego?	Analisar se as entrevistadas já tiveram contato com o trabalho doméstico ao longo de suas vidas e compreender como esse trabalho se manifesta na vida destas mulheres na cidade. Identificar se estas mulheres buscam empregos que são mais receptíveis a elas. Trazer uma caracterização dos trabalhos que são disponíveis para estas mulheres no município.
Qual a função dos filhos no mercado de trabalho? (pergunta para as mães)	Analisar se os filhos exercem funções que não necessitem de escolaridade completa. As experiências das pessoas durante suas vidas se dão por meio de seus corpos e corporeidades.
Bloco 4 - Educação	
Você concluiu a educação básica? Caso não tenha finalizado, quais foram os motivos que levaram a desistência? Você tinha sonhos de seguir alguma carreira (o que pensava em ser na sua infância)? Na sua infância tinha alguma dificuldade em seguir os estudos?	Identificar se as mulheres tiveram acesso à educação, o que as impossibilitou de seguirem os estudos, se tinham sonhos de seguir alguma carreira e se a falta de escolarização as direcionou para empregos de baixa remuneração.
Em relação a educação de seus filhos, permanecem na escola? Você acha que é importante concluir o ensino básico ou superior? Trabalham e estudam ao mesmo tempo (está estudando e o que prevê para o futuro?)	Analisar se as entrevistadas relatam satisfação ou insatisfação com a educação de seus filhos (ou a sua própria se for jovem), na questão de emprego analisar se os filhos deixaram a escola para trabalhar.
Bloco 5-Lugar	

Como foi o processo para receber as casas no loteamento. Onde residiam na cidade antes de chegarem no loteamento. Como a prefeitura ajudou inicialmente com este processo. Saber sobre as construções das casas. Como eram, se os/as moradores acabaram investindo. Se as casas eram confortáveis no início. Se tinha espaço. Imagem de satélite Bloco loteamento (1)	Compreender como foi realizado o processo de moradia no loteamento a partir do relato das entrevistadas
Você já sofreu ou sentiu alguma discriminação (por ser mulher, de fora da cidade, vir de fora, se por acaso o loteamento tem algum nome ou apelido?) por morar aqui no loteamento?	Identificar se as entrevistadas, já sofreram algum tipo de discriminação por residirem no loteamento, identificar casos de racismo na cidade. Perguntas delicadas.
Bloco 6- Racismo.	
Você, como mulher negra, sente que existem limitações em nossa sociedade em relação aos lugares onde você pode ou não pode estar e aos empregos que você pode ou não pode exercer?	Identificar se as mulheres percebem alguma restrição no acesso a empregos, bem como se observam oportunidades de emprego disponíveis na cidade, e identificar se elas se sentem à vontade em todos os lugares da cidade e com isso, identificar a partir das respostas casos de racismo.
Você ainda deseja realizar algum sonho? tem a esperança de que seus filhos/netos estudem ou trabalhem em que área?	Identificar se as entrevistadas ainda almejam em realizar seus sonhos, seja na educação, profissionalmente, seja com os filhos, realizações pessoais,

Organização: Lima, 2024.

Três critérios foram estabelecidos para a seleção das entrevistadas: a) residir ou ter residido no loteamento, b) ser mãe, e c) ser mulher negra. Para a condução das entrevistas, esses critérios foram definidos com o objetivo de explorar as experiências de três gerações familiares no contexto do trabalho doméstico. Em colaboração com minha mãe, que possuía uma maior proximidade com as moradoras do loteamento, identificamos mulheres que atendiam a esses critérios. Essa seleção permitiu uma abordagem mais aprofundada e alinhada aos objetivos da linha de pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nos dias 2 e 3 de setembro de 2023. No meu primeiro contato com as moradoras, dirigi-me ao loteamento para explicar o escopo da minha pesquisa e os objetivos que pretendia alcançar. Sabendo que este tipo de abordagem exige tempo para ganhar a confiança das entrevistas, precisei da ajuda de uma pessoa que conhecesse a dinâmica do bairro, bem como fosse conhecida pelas moradoras, para facilitar o acesso e a

entrevistas, já que parte significativa das perguntas foi sobre a vida pessoal e possivelmente sobre relatos de momentos difíceis.

No dias de campo fui acompanhada por minha mãe Eliane, mulher negra, 43 anos, ela é conhecida pelas moradoras pois quando criança também residia no quilombo, trabalhou junto com as moradoras, indo pra roça com meus avós, com ela tive facilidade de melhorar o fluxo da conversa com as entrevistadas pois elas tinham um vínculo de amizade. As moradoras demonstraram imediata disposição em participar das entrevistas no mesmo dia, embora eu tenha ressaltado a possibilidade de retornarmos em outra ocasião, se necessário. Fui acolhida de maneira cordial nos lares visitados.

Antes de iniciar as gravações, solicitei permissão para registrar as conversas e enfatizei que as participantes poderiam interromper a gravação a qualquer momento, caso se sentissem desconfortáveis em responder a qualquer pergunta. As entrevistas narrativas com mulheres negras tem muita importância, pois a partir dela podemos compreender como são as mulheres, suas histórias de vida, os trabalhos que já percorreram durante suas vidas, como a auto-estima interfere na vida de mulheres negras. (ver apêndice B)

Souza (2007), destaca como as entrevistas auxiliaram a compreender a história de vida de mulheres negras ao longo de suas trajetórias:

A partir dos diálogos travados com as mulheres negras tive a convicção de saber quem elas são e de que maneira gostam de ser o que são. Só com auto-estima, conquistada ao longo de suas vivências, é que algumas puderam reivindicar, contestar injustiças e medos tão consolidados no universo feminino negro. Destaca a solidão da mulher negra durante a infância. Descreve uma infância sem amizades, sem referências positivas sobre a raça, rejeição dos colegas, fragilidade de assumir a própria opinião. (Souza, p. 14, 2007)

Nas entrevistas narrativas, tive a oportunidade de descobrir e me aprofundar nas histórias das mulheres em relação ao loteamento popular. Foi possível compreender as motivações por trás da decisão de suas famílias de se mudarem para outra cidade, assim como os desafios enfrentados durante o processo de recebimento das casas. Além disso, através de perguntas cuidadosamente elaboradas, elas compartilharam suas experiências vivendo à beira dos trilhos, em condições precárias em barraquinhas improvisadas.

As entrevistas proporcionaram uma visão rica e detalhada de suas vidas, revelando não apenas suas lutas e adversidades, mas também seus sentimentos como mulheres negras em um município onde as oportunidades são escassas e distantes. Ao término das entrevistas, realizamos a transcrição completa das mesmas, um processo que durou aproximadamente 72

horas. No total, foram transcritas cinco entrevistas, cada uma com duração de 30 minutos, resultando em 40 páginas de texto. Procuramos manter fielmente cada palavra conforme foi proferida pelas entrevistadas, assegurando a preservação da autenticidade de suas falas. Para a análise das entrevistas narrativas, empregamos o método desenvolvido por Paula, Bertolassi e Neto (2017). Este método visa principalmente demonstrar a utilidade das entrevistas narrativas, que permitem uma compreensão mais profunda não só do conteúdo verbal, mas também de elementos paralinguísticos, como o tom de voz, as pausas e as variações de entonação. Esses aspectos são considerados essenciais para interpretar nuances implícitas, proporcionando uma base mais rica para a análise do pesquisador (Muylaert et al., 2014; Paula, Bertolassi, & Neto, p. 10).